

ASPECTOS METASSÊMICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

- PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS -

ASPECTOS METASSÊMICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do **Grau de Mestre em Letras**, área de Linguística.

SEBASTIÃO GRANGEIRO NETO

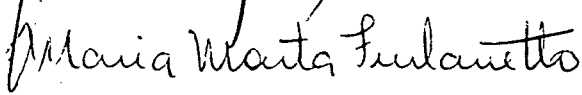
Fevereiro - 1980

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de

Mestre em Letras - área de Linguística - e aprovada, em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação.

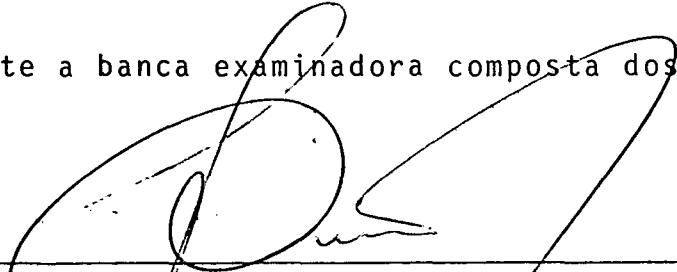


Prof. Dr. José Curi
Orientador



Prof.ª Dra. Maria Marta Furlanetto
Coordenadora do Curso

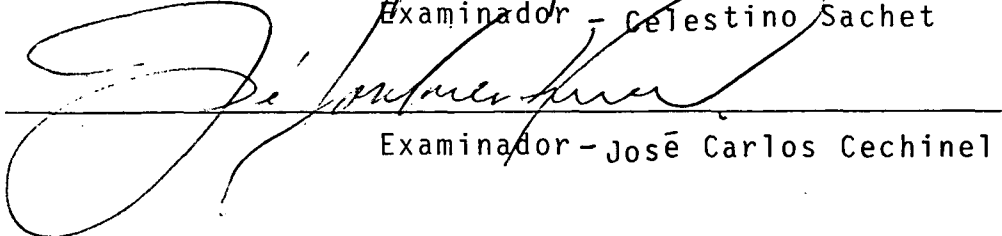
Apresentada perante a banca examinadora composta dos professores :



Presidente - José Curi



Examinador - Celestino Sachet



Examinador - José Carlos Cechinel

À memória de meu avô materno,

Dr. Sebastião Prudente de Araújo Grangeiro,
cuja existência dedicara à formação cultural da mocidade da Terra das Alagoas ;

à memória sentida de meus pais,

José Augusto Ferreira Costa e Elódia Lívia Grangeiro Costa, mãos ajudosas no meu caminhar ;

a

Alda, compreensão e ternura

e

a meus diletos filhos,

Grangeirinho e Elódia, ofereço este trabalho.

Grangeiro Neto

Ao meu orientador, *Prof. Dr. José Curi*, inteligência privilegiada a serviço da cultura superior, nesta **Universidade Federal de Santa Catarina**, aos *Professores do Curso de Pós-Graduação em Letras* e ao meu excelente mestre de Língua Portuguesa, *Prof. Dr. Fernando Iório Rodrigues*, na minha **Universidade Federal de Alagoas**, a homenagem e o agradecimento do

Autor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
NOTAS DA INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO. I - METASSEMIA.....	6
1.1 - Definição Etimológica e Concepção.....	6
1.2 - Sincronia e Diacronia, no Universo da Semântica.....	9
1.3 - Registros Metassêmicos.....	15
NOTAS DO CAPÍTULO I	17
CAPÍTULO. II - METASSEMAS SINCRÔNICOS.....	18
2.1 - Alterações Semânticas, em nossos dias	18
2.1.1 - A Gíria.....	19
2.1.2 - Tropos.....	25
2.1.2.1 - A Metáfora	25
2.1.2.2 - A Metonímia	29
2.1.2.3 - A Sinédoque	32
NOTAS DO CAPÍTULO II	35
CAPÍTULO III - METASSEMAS DIACRÔNICOS	36
3.1 - Alterações Semânticas, no decurso do tempo	36
3.1.1 - Acepções Clássicas e a evidência de Metassemas Diacrônicos, na Língua.....	42
NOTAS DO CAPÍTULO III	69
CONCLUSÕES	71
BIBLIOGRAFIA	73
APÊNDICE I : Lista dos Nomes de Autores Clássicos e Obras Citadas.....	76
NOTAS DO APÊNDICE I.....	83
APÊNDICE II : Abreviaturas dos Nomes de Autores Clássicos, Obras e Revistas Citadas.....	84
APÊNDICE III: "Corpus": Extratos literários.....	89

SIMBOLOGIA

=	Igual ao sentido de.
+	Mais, usado na composição de palavras.
<	Proveniente de.
*	Indica uma forma não documentada
u	Denota, no latim clássico, que é breve a vogal sobre a qual foi colocado.
-	Denota, no latim clássico, que é longa a vogal sobre a qual foi colocado.
-	Denota, na composição de palavras, que é inicial o que lhe está à esquerda; e, final o que lhe vem à direita. Assim : a- é um prefixo, -ar será um sufixo.
/	Indica, nas citações, mudança de século.
....	Indicam supressão de parte de um trecho citado, evitando-se, deste modo, confundi-los com as reticências.
c.	Canto.
e.	Estrofe.
intr.	Introdução.
l.	Livro.
nº	Número.
p.	Página.
pp.	Páginas.
supl.	Suplemento.
v.	Verso.

NOTA :

Na ausência de indicação especial nas citações, entende-se que o algarismo romano indica o volume, e o arábico, a página.

RESUMO

Esta dissertação se propõe evidenciar **aspectos metassêmicos na língua portuguesa**, assim no plano sincrônico, como no diacrônico.

A introdução delinea as coordenadas deste trabalho.

O Capítulo I define etimologicamente **Metassemia**, estabelece sua concepção, e, por fim, trata da sincronia e da diacronia, no campo da **Semântica**.

O Capítulo II apresenta alterações semânticas que experimentam as palavras, num dado estágio da língua, assim a *gíria* na linguagem coloquial popular, como os *tropos*, sublinhando, de modo especial, a *metáfora*, a *metonímia* e a *sinédoque*, todos são **Metassemas Sincrônicos**.

O Capítulo III mergulha no tempo e considera a evolução semântica por que passam as palavras, na língua, como **Metassemas Diacrônicos**.

Finalmente, as Conclusões enfeixam o resultado do que fora alegado, resumem causas determinantes das mudanças de sentido das palavras e reafirmam que estas alterações semânticas contribuem para o enriquecimento do léxico da língua portuguesa.

A B S T R A C T

This thesis is intended to present some **Metasemic Aspects in the Portuguese Language**, both on the synchronic level and on the diachronic one.

The introduction provides the goal of the present research.

Chapter I defines the etymology and the concept of Metasemy and, finally, considers the synchronism and the diachronism in the semantic field.

Chapter II presents the semantic transformations of some words in a given stage of the language, as well as slang in popular and colloquial speech, such as tropes, and, above all, metaphor, metonymy and synecdoche, all of which are Synchronic Metasemes.

Chapter III analyzes the semantic evolution of the words as Diachronic Metasemes.

Finally, the Conclusion summarizes the argument and states some causes that determine the changes in the meaning of the words and also proves these semantic alterations have enriched the Portuguese vocabulary.

INTRODUÇÃO

Já é fato universalmente aceito, *a posteriori*, que a verdade científica é relativa e que em coisa alguma do homem há perfeição absoluta, - dada sua contingência-, razão por que este trabalho dará margem a polêmicas e controvérsias, bem como à possibilidade de ser ampliado e continuado.

Com base nessa premissa, há de se admitir que nenhum estudo exaure seu campo de investigação, por mais que se delimitem os problemas concernentes a seu objeto, principalmente, em se tratando de uma ciência social nova como a linguística, lidando com os fatos da linguagem, que, sem dúvida, foi o primeiro código do homem para sua comunicação no grupo em que se propôs viver.

A linguagem articulada em símbolos é inerente à espécie humana, desenvolvida pelas relações e necessidades mútuas, que o estado social estabelece entre os indivíduos, e aperfeiçoada no progresso da civilização.

Latino Coelho, na sua tradução da *Oração da Coroa*, de Demóstenes, ao fazer a apologia da palavra, assim a ela se referiu: *de todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra.* (1).

Debruçado, desde o adolecer, sobre os ensinamentos dos mais insignes cultores e mais perfeitos mestres da literatura luso-brasileira, enamoramo-nos, a pouco e pouco, da opulência de nossa língua, da sua genuinidade e da beleza de seus recursos de expressão, motivo por que, nesta dissertação de Mestrado, nos propusemos adotar, como critério de trabalho, o uso que, de geração a geração, nos foi transmitido, seja através da pena castiga e escorreita dos autores clássicos, seja através da tradição oral.

Neste trabalho, admitimos, quase sempre, por norma, não o simples testemunho de um clássico, mas o uso dos clássicos.

A palavra *Clássico* é aqui tomada em um sentido mais amplo do que aquele que lhe é dado, tradicionalmente, como pró-

prio do classicismo, movimento de renovação literária em que, a princípio, duas linhas de inspiração artística, - a do lirismo pessoal e a do sentimento épico - , predominaram.

Clássica, para nós, é toda produção literária que obedeça aos cânones preestabelecidos pelo classicismo, mas é clássica também aquela que obedeça a tudo em que estejam a pureza da linguagem, a elegância expressional, o emprego de palavras apropriadas e de sentido compreensível, razão por que há escritores modernos e contemporâneos que são verdadeiros clássicos da língua, a exemplo de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Rui Barbosa e, em nossos dias, Carlos Drummond de Andrade.

Incentivado pelo trabalho laborioso destes artistas da palavra (os escritores), desde os do século XVI até aos atuais, que aqui desfilarão, abordaremos **Aspectos Metassêmicos na Língua Portuguesa**, no desejo de nos adentrar no conhecimento de alterações semânticas que, fartas vezes, ocorrem no uso que de nossa língua fazemos.

Por outro lado, entendemos, como Silveira Bueno, ser a língua não o produto da lógica e sim do **uso** e contra este *não valem as deduções teóricas.*(2).

Para Joaquim Ribeiro,

há palavras que devem a sua beleza unicamente à sua significação. A mais bela palavra da língua, o vocábulo saudade, deve a sua beleza singular à aceção, que é algo indefinível.(...). A beleza é, inegavelmente, o furta-cor do sentido. As palavras amar e amor são belas antes pela aceção do que pela forma.(3).

Excelem, em páginas vindouras, não sō as nuances da aceção atual das palavras e as suas possibilidades metafóricas, no processo sincrônico - domínio específico da **Semântica Descritiva - (Sincrônica)** - como os diversos cambiantes de sentido, que elas experimentam, no espaço e no curso do tempo, constituindo-se escopo da **Semântica Histórica (Diacrônica)**.

O Padre Pedro Adrião, antigo professor de português no Seminário de Olinda, em seu livro, Tradições Clássicas da Língua Portuguesa, acentuou:

Estão sujeitas as palavras, nas línguas vivas, à evolução contínua, não sō no seu ele-

mento material ou sônico, mas também na sua significação. A associação de idéias, o gracejo, a ironia, a influência estrangeira, o gosto das metáforas, os ditos que se vão introduzindo no seio do povo, a confusão de um termo com outro parecido, se vão encarregando de gerar semelhantes alterações semânticas. E assim, o sentido das palavras não raro alarga-se, restringe-se, inclina-se para o lado bom ou para o lado mau, é encarado sob um ou sob outro aspecto em diversas regiões ou em várias épocas da história da língua, e às vezes vai sofrendo mudanças sucessivas e paulatinas, até dar em significação visivelmente diversa. (4).

É, justamente, acerca destes câmbios de sentido que nos ocuparemos, nesta monografia.

Nosso trabalho tem, portanto, como objetivo, contribuir para o melhor conhecimento de algumas mudanças de sentido das palavras, na língua portuguesa, e destina-se a quantos se interessarem pelo estudo da Semântica.

Além desta introdução e das conclusões, nossa dissertação consta de três capítulos e três apêndices:

No capítulo I, a par da definição etimológica de *Metassemia*, forcejamos por estabelecer sua concepção e, por fim, abordamos a sincronia e a diacronia, no campo da Semântica, evidenciadas através de alguns registros metassêmicos.

No capítulo II, sob o enfoque de *Metassemas Sincrônicos*, acostamo-nos à espontânea pujança do falar quotidiano do nosso povo e aos novos torneios de expressão de que se utilizam alguns dos nossos bons prosadores que, na contemporaneidade, vêm enriquecendo a comunicação e as letras daquê e dalê-mar.

No capítulo III, ao discorrermos sobre os *Metassemas Diacrônicos*, mergulhamos no tempo e, desde os albores do século XVI, -época em que se consolidou o prestígio da língua portuguesa, iniciando-se, ali, o chamado período áureo-, até ao atual, apresentamos, em respaldo do nosso ponto de vista, o testemunho dos que, até hoje, são os maiores modelos da língua clássica, que corre, límpida e sem tropeços, sob as folhas caídas da grande árvore neolatina.

Os três apêndices encerram uma lista dos nomes de autores clássicos e obras citadas; abreviaturas dos nomes destes autores, obras e revistas citadas e um *corpus* com os extratos literários.

Os extratos literários destas obras, nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, de onde retiramos a quase-totalidade das abonações que evidenciam, no processo diacrônico da língua, — específico do capítulo III —, **aspectos metassêmicos**, foram coletadas pelo Pe. Pedro Adrião e neles trabalhamos.

Finalmente, estamos em que

uma das causas, e talvez a principal, da imperfeição das definições dos termos e da fixação dos seus significados, no sentido próprio e no metafórico, é a ignorância das etimologias analisadas, isto é, não só dos termos da língua-mãe, mas da verdadeira significação dos seus elementos radicais e das desinências, sufixos e prefixos. (5).

Eis resumido, portanto, nesta monografia, assunto para desenvolvimentos amplos.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

- 1 - Latino Coelho, apud Jesus Belo Galvão, 1954, p. 44; e, em Carneiro Ribeiro, 1915, p. 670
- 2 - Silveira Bueno, 1963, 1ª vol., p. XXII
- 3 - Joaquim Ribeiro, 1964, p. 60
- 4 - Pe. Pedro Adrião, 1945, p. 37
- 5 - Constâncio, 1859, p. VI

CAPÍTULO I - METASSEMIA.

1.1 - Definição Etimológica e Concepção

A palavra *Metassemia* é formada do prefixo grego "ME-TÁ-", *além, trans-*, denotando mudança, alteração + o radical grego "SEM" do neutro "SEMEION", *signal*, derivado de "SEMA, SÊ-MATOS"; — como base última de "SEMAINO", *significo*, 1^a p. do sing. do presente do indicativo de "SEMAINEIN", *significar* —, + o sufixo grego "—IA", com idéia de sistema. (1).

Etimologicamente, METASSEMIA significa mudança, alteração, transformação do sentido de palavras, na língua.

J. Marouzeau, em seu livro Léxique de La Terminologie Linguistique, considera a palavra METASSEMIA como um "termo proposto para designar, de uma maneira geral, as mudanças de significação" (2).

Silveira Bueno, em seu Tratado de Semântica Brasileira, oferece-nos estes ensinamentos:

Toda e qualquer alteração no significado da palavra, seja para mais ou para menos, seja por oposição ou por semelhança, dando-se, portanto, uma substituição entre as várias significações correlatas, denomina-se o fenômeno metassemia, que significa apenas: alteração do significado.

Mais adiante, acrescenta o semantista:

Se o velho latim Ripariam indicava apenas as margens do rio, significado que ainda conservou o português arcaico e clássico Ribeira e designa hoje a própria corrente d'água, houve, em seu conteúdo psicológico, grande mudança, isto é, uma metassemia. Maior ainda tivemos em Torrente que, provindo de Torrentem, prendendo-se a Torridus, quente, como ainda vemos em zona torrida, em torrar, passou hoje a significar o oposto, caudal d'água. (3).

Partimos, neste nosso trabalho, do princípio de que toda palavra, fora da frase, é uma abstração; daí decorre o perigo do simples manuseio dos dicionários.

Diferente não nos parece o sentir de Pierre Guiraud, em seu livro 'La Sémantique', às fls. 31, ao afirmar:

"Toda palavra está ligada ao seu contexto, donde ela tira o seu sentido..."

E, mais adiante, ele conclui:

"... a palavra em seu contexto corresponde uma única imagem conceitual".(4).

Assim, ao analisarmos a palavra *bem*, verificamos que, fora do contexto, isto é, ainda na mente do falante, ela apresenta um feixe de traços sêmicos, a que chamaremos, aqui, elementos de significação; porém, no momento em que esta mesma palavra se contextualiza, a serviço de uma intenção declarada do falante, ela passa a *adquirir sentido*.

Exs.:

- a) O *bem* contrasta com o mal.
- b) Otoniel é um homem de *bem*.
- c) Eduardo escreve *bem*.
- d) Aquele rapaz portou-se *bem*.
- e) Mesmo devagar, conseguiu ir *bem* longe.

Na frase a, a palavra *bem* pertence à classe dos substantivos e adquiriu, no contexto, o sentido de *o que é bom, virtude*.

Na frase b, a palavra *bem*, precedida da preposição *de*, funciona como uma locução adjetiva e significa *honesto, probo*.

Na frase c, *bem* pertence à classe dos advérbios, denotando ali uma circunstância de modo, e sinonimiza *com perfeição, corretamente*.

Na frase d, *bem* continua pertencendo à classe dos advérbios, a circunstância ali expressa é também de modo, contudo *adquiriu* um novo sentido, o de *convenientemente*.

Por último, na frase e, *bem* ainda pertence à classe

dos advérbios, porém a circunstância expressa é a de intensidade e significa, naquele contexto, *muito, bastante*.

Procede, por isso, a advertência de M. Said Ali de que "por muitas que sejam as significações de um vocábulo, só uma delas entra de cada vez em cena. De modo que podemos considerar cada acepção como um vocábulo independente". (5).

Acorde, ainda, com esta linha de pensamento, está Galichet, em seu Essai de Grammaire Psychologique, às pp. 16, quando nos diz:

"A palavra não tem o mesmo valor na língua; sua natureza e função variam segundo o contexto sintático". (6).

Tem variado, até hoje, o emprego da terminologia semântica, no tocante às palavras *significação* e *sentido*.

Há autores, como Silveira Bueno(7), que falam de *significação* e *significado*, outros, como Pierre Guiraud(8), preferem os termos *sentido de base* e *sentido contextual*, e há ainda aqueles que não fazem tal distinção, como os primeiros estudiosos da Semântica.

No entanto, como acontece frequentemente nos estudos lingüísticos atuais, — e, também, noutros ramos do conhecimento humano —, a diferença entre os autores é apenas terminológica, pois, para a mesma noção ou conceito, cada qual apresenta nomenclatura diversificada.

Aqui, preferimos os termos *significação* e *sentido*.

A título de melhor compreensão de nosso trabalho, convém frisarmos que adotamos o posicionamento lingüístico de J. Mattoso Câmara Jr. a respeito da distinção, que ele estabelece, entre *significação* e *sentido* das palavras.

Concebemos a *significação* como sendo apenas a "representação mental que uma forma lingüística evoca"; é, portanto, um processo psíquico, ocorre no espírito do falante; e, por outro lado, entendemos, como *sentido*, esta *significação* contextualizada, isto é, a palavra evocando uma única imagem conceitual, e "a serviço de uma intenção definida do falante em sua comunicação". (9).

Para nós, as palavras, no espírito do falante, sugere-

rem apenas elementos de significação, porém, contextualizadas têm *sentido*.

Assim, o sentido de base, de que nos fala Pierre - Guiraud, está para a nossa significação como o seu sentido contextual está para o *sentido* de que nos ocupamos nesta monografia.

Por isso, para nós, a Semântica trata, especificamente, do estudo do sentido das palavras.

Definida, nestes termos, a nossa posição lingüística, no campo semântico, voltemos à *Metassemia*, que concebemos - como a mudança de sentido que as palavras sofrem na língua.

A *Metassemia* constitui parte relevante do estudo semântico das línguas e já ao criador do neologismo *semântica* para designar a "ciência lingüística que estuda a significação - das palavras". (10), Michel Bréal, filólogo francês, não lhe passaram despercebidos os processos metassêmicos.

Tanto é verdade que, em seu livro 'Essai de Sémantique', cuja 1ª edição data de 1897, argumenta:

"... Também a significação das palavras se transforma incessantemente sob a ação dos sucessos, descobertas novas, revoluções nas idéias e costumes". (11).

A *Metassemia* ocorre não só no plano sincrônico da língua, que também no diacrônico.

1.2 - Sincronia e Diacronia, no Universo da Semântica

Essa dicotomia saussuriana tem, com o andar do tempo, preocupado a atenção de vários estudiosos da lingüística e, principalmente, em nossos dias, ensejado análises e críticas - acuradas.

A palavra *Sincronia* promana do prefixo grego "SYN-", *juntamente, com*, + o radical grego "KHRÓNOS", *tempo*, + o sufixo também grego "-IA", com idéia de qualidade. (12).

Etimologicamente, a palavra *Sincronia* significa *ca-*

rãter ou qualidade dos fenômenos que ocorrem ao mesmo tempo, e, por extensão, *simultaneidade*.

Ao passo que *Diacronia* provém do prefixo grego "DIÁ-", *através*, + o radical grego "KHRÓNOS", *tempo*, + o sufixo igualmente grego "-IA", com idéia de qualidade.(13).

Portanto, a palavra *Diacronia* significa, etimologicamente, *carãter ou qualidade do que ocorre através do tempo*, e, em seu sentido lato, *sucessão, evolução*.

É a Ferdinand de Saussure que se deve a introdução destes termos *Sincronia* e *Diacronia* na terminologia lingüística usual.

No nosso entender, a *Sincronia* se refere aos fenômenos lingüísticos que, num dado momento, pertencem a um único estado de língua; e a *Diacronia* indica o estudo evolutivo dos fenômenos lingüísticos, diz respeito às diversas transformações por que, no tempo, vão passando estes fenômenos de uma língua; isto é, pertencem eles a diferentes estados do desenvolvimento desta mesma língua.

Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Lingüística Geral, assim se expressa:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução."(14).

Em nosso trabalho, esposamos esta tese saussuriana.

Portanto, de acordo com esta linha de pensamento, a nossa chamada gramática tradicional, desde Port-Royal, situa-se no plano sincrônico, quando tenta descrever fenômenos coexistentes da linguagem, pertencentes a um estado da língua, num determinado tempo, e, no plano diacrônico, situa-se a nossa gramática histórica uma vez que estuda os fenômenos lingüísticos que ocorrem em diversos estados de desenvolvimento de uma mesma língua.

Assim, quando dizemos que, no processo de formação de palavras, na língua portuguesa, *pedraria*, *pedreiro*, *pedrento* derivam do substantivo *pedra*, estamos diante de um fato *sincrô-*

nico da língua; ao passo que, ao afirmarmos que *pedra* procede - do latim *petrā*, *ae*, através do acusativo singular *pētrām* e que, na sua evolução, houve a apócope do *m* e a lenização ou abrandamento do *t* em *d*, estamos diante de um fenômeno eminentemente - *diacrônico*.

Contudo, no universo semântico, interessam-nos, particularmente, os câmbios de sentido.

Temos, como enfoque, aspectos metassêmicos.

Ocorre a *Metassemia Sincrônica* quando a mudança de sentido das palavras se efetiva num determinado estágio da língua.

A esse respeito, Joaquim Ribeiro nos acrescenta:

Como as línguas não são ricas de vocábulos, remedeiam a sua pobreza, preenchendo o termo lacunoso com um termo translato... (15).

Como ponto de partida, podemos afirmar que a *metáfora*, a *metonímia* e a *sinédoque*, como também a *gíria*, funcionam como *metassemas sincrônicos* na nossa linguagem.

Por isso, podemos detectar o fenômeno da *metassemia sincrônica* não só na expressão polida dos escritores, mas também, de modo especial, nos registros do falar espontâneo do nosso povo, assim no uso de *gírias*, que enriquecem a comunicação, como no emprego da linguagem figurada ou tropológica, onde abundam as *metáforas*, *metonímias* e *sinédoques*, de que tratamos, especificamente, no Capítulo II desta nossa dissertação.

A *Metassemia Diacrônica*, no entanto, se concretiza na evolução semântica das palavras na língua.

Para corroborar o nosso ponto de vista, transcrevemos, aqui, o ensinamento de M. Said Ali:

O que porém poucos saberão é que até o tempo do nosso VIEIRA também se afogavam os homens em seco. Judas afogou-se com um laço e todos quantos iam à força morriam afogados. O termo tinha a acepção geral de asfixiar. Só depois de entrar em uso o vocábulo sufocar é que afogar ficou aliviado de tão altos encargos.

Na linguagem hodierna, quase se restringiu o seu -

sentido ao de matar por submersão. Afogar, quando pronominalizado, sinonimiza matar-se ou morrer por submersão.

Indicando, por ordem cronológica, as mudanças semânticas que o tempo trouxe a vários termos, continua M. Said Ali:

Entre os quinhentistas empregava-se o termo viração como oposto a vento terreno. Era somente o vento que a certa hora da manhã virava, soprando do mar para a terra. Os seiscentistas perderam esta noção e começaram a aplicar a palavra ao vento brando em geral.

Ribeira usava-se na acepção de praia e margem: <terra> tão alagadiça e cuberta de arvoredo, que quasi com essa espessura queria fechar com a RIBEIRA DO MAR (Barros, Dec., 2, 6, 1) ≠ Quero passar hum rio caudaloso de RIBEYRA A RIBEYRA (Bernardes, N. Flor., 1, 310. (16).

Causas de natureza diversa ditam essa evolução semântica, nas línguas.

Para Sílvia Elia, *Bréal ocupou-se principalmente com as causas psicológicas; MEILLET com as históricas e sociais; TRIER, entre outros, com as estruturais.* (17).

J. Mattoso Câmara Jr., citando Ullmann, 1957, 171, enumera estas: a) histórico - cultural; b) psicológica; c) lógica; d) formal; e) sintagmática; f) social. (18).

Na realidade, a *Metassemia* decorre das causas de que trata ULLMANN, em seu novo livro *Semântica, introducción a la ciencia del significado*, 2ª edição, 1972. (19).

É ULLMANN quem nos diz:

os câmbios de significado podem ser produzidos por uma infinita multiplicidade de causas (...) Nada obstante, a despeito da complexidade destes processos, é possível distinguir várias causas principais que dão conta, em seu conjunto, da maior parte dos câmbios semânticos. (20).

Assim, ULLMANN apresenta três causas já identificadas, anteriormente, por MEILLET, causas lingüísticas, históricas e sociais, e acrescenta outras três causas: *psicológicas, a influência estrangeira e exigência de um novo nome.*

Em síntese, temos como causas lingüísticas as mudanças de sentido que são devidas, sobretudo, a um processo, conhecido desde Bréal como "contágio", isto é, as palavras, por aparecerem juntas em vários contextos, têm o sentido de uma transferido para outra.

A este respeito, José Curi, em recente trabalho, sob o título de "A Mudança do Significado das Palavras", publicado na Revista FURB, nº 7, 1979, assim se expressa:

Este contágio levantado por Bréal e exemplificado por Silveira Bueno, parece-me não se ja lingüístico e sim extra-lingüístico.

Agora, o que Bréal queria era demonstrar que o sentido de uma palavra poderia ser transferido para outra desde que possam elas aparecer em vários contextos. ULMANN (1970, p. 411-412) diz-nos:

o exemplo mais notável desta tendência é talvez a *história* da negativa em francês. Um certo número de palavras, que tinham originariamente um sentido positivo, adquiriram um valor negativo por serem usadas, muitas vezes, em conjunção com a partícula negativa *ne*:

latim *passus* (passo) - *ne...pas* (não)
 latim *puntum* (ponto) - *ne...point* (não, de modo nenhum)
 latim *persona* (pessoa) - *ne...personne* (ninguém)
 latim *rem* (acusativo de res, coisa) - *ne...rien* (nada)

latim *jam* (agora, já) - *magis*, (mais) - *ne...jamais* (nunca, jamais).

O contágio foi tão eficaz que estes termos têm agora um sentido negativo, mesmo quando existem por si sós, não sustentados por *ne*. Isto o conduziu à situação paradoxal de a palavra *personne* ter dois empregos diametralmente opostos: como substantivo significa ainda (pessoa); usado como partícula, por exemplo em resposta a uma pergunta, significa (ninguém):

J'ai vu une personne. Vi uma pessoa.

Qui a dit cela ? - personne. Quem disse isso ? - Ninguém.

Os exemplos vistos atrás, como os que veremos agora, achamos que antes de ser lingüísticos buscam sua mudança de sentido perissemicamente, isto é, buscam a nova significação ao redor do termo referido. Sofrem, em última análise, um contágio: **ÁLBUM**, coleção de folhas em branco formando um livro para anotações, transcrições de pensamentos, poemas, ou então, folhas para recolher antiguidades, autógrafos, fotos, desenhos, etc., tem sua origem no latim "album" que significava e significa branco.

Acontece que os Pontífices anotavam os fatos importantes em pequenas folhas de madeira pintadas de alvaiade. Tais tabuinhas brancas contagiaram a palavra que substituiu o livro. **ALGARISMO** veio do sobrenome do grande matemático árabe Musa **AL-KARISM**. **ALGOZ** toma seu significado da tribo árabe **ALGOS**, raça de sanguinários e inescrupulosos. **ALMANAQUE** está a nos lembrar o lugar onde os camelos e dromedários árabes eram alimentados, isto é, o **AL-MANAH**. No entanto, era nesses lugares que se liam os anuários. (21).

As causas históricas, bem como acentua ULLMANN, decorrem do fato de a língua ser sempre mais conservadora que a civilização, tanto material como moral, razão por que as mudanças nas ciências, nas instituições, nas idéias e costumes, acarretam uma mudança de sentido das coisas sem mudança do nome, são causas que são indiretamente atingem o sistema da língua.

Assim, pena, "para escrever", que é hoje uma peça de metal e era antigamente uma pena de ganso.

As causas sociais são verdadeiros "empréstimos sociais", há, na verdade, deslocamento da área social da palavra; na especialização e na generalização da palavra, o seu sentido sofre restrição ou extensão.

Para um advogado, conforme acentua ULLMANN (22), ação significará; naturalmente, "ação legal", para o soldado sinonimizará uma operação militar, sem que seja necessário nenhum adjetivo para explicar. Há, portanto, na especialização, restrição do sentido da palavra, ao passo que, na generalização, há extensão do sentido, assim,

o vocábulo moléstia usou-se a princípio junto do termo doença;

doença com moléstia significava que a enfermidade incomodava ou era acompanhada de dores. Mais tarde, aplicou-se o termo a qualquer enfermidade. (23).

As causas psicológicas, como mudanças de sentido das palavras, são ditadas pela força emotiva da massa de falantes de uma língua, pelo respeito aos tabus e conseqüente emprego de eufemismos; decorrem, enfim, do estado de ânimo de quem fala.

Quando estamos diante de uma senhora idosa,velha, e dizemos tratar-se de uma senhora respeitável, por cortesia social, eufemizamos a crueza da realidade da vida.

A influência estrangeira, ou melhor, a influência do modelo estrangeiro pode, também, ocasionar uma mudança semântica da

palavra na língua, é o caso da palavra francesa "parlement", que originariamente significava "fala ,discurso" (do verbo "parler", falar) e que logo passou a sinonimizar um "Tribunal Judicial", por influência do inglês "parliament", onde parlamento, modernamente, significa "assembléia legislativa."

A exigência de um novo nome pode também alterar o sentido de uma palavra velha, incorporando-a ao léxico, como um termo completamente independente.

São, portanto, as mudanças de sentido das palavras, na língua, que permitem que esta acompanhe o progresso crescente da civilização.

1.3 - Registros Metassêmicos

O homem, como ser pensante e sempre atuante, vivendo em grupo ou em sociedade, na utilização das palavras, sente a necessidade de, de vez por outra, alterar-lhe o sentido ou deslocá-lo, através de recursos da linguagem figurada, para atender às novas exigências, ditadas pela própria evolução das idéias e costumes.

Os registros metassêmicos, aqui apresentados, nos dois planos da língua, servem de amostra das mudanças de sentido das palavras e constituirão, para nós, metassemas sincrônicos e diacrônicos de que nos ocuparemos, especificamente, nos dois capítulos seguintes deste trabalho.

Como comprovação do que afirmamos, temos estas passagens:

a) No plano sincrônico da língua:

"O Geraldo não PINTOU por aqui hoje". (Apud Aurélio Buarque, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, p. 1098).

Temos, assim, o verbo PINTAR, usado na gíria brasileira, significando comparecer a algum lugar: aparecer.

"NOITE - dossel do amor aberto no Infinito,

Para fecundação dos seres e das coisas..!(Luís Carlos, apud Rocha Lima, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, p. 490).

Aqui, o poeta, valendo-se da metáfora, justificada pela associação de idéias, atribui à palavra noite uma nova acepção, a de dossel, sobrecêu, armação ornamental que encima altar, trono, leito, tálamo.

"Lemos MACHADO DE ASSIS com prazer." (Apud Rocha Lima, op. cit., p. 492). Nesta passagem vemos a metonímia, em que o nome do autor foi empregado pela obra.

"Transpuseram a barra treze VELAS (em vez de NAVIOS). (Apud Rocha Lima, op. cit., p. 493). Eis a sinédoque, em que a parte foi usada para designar o todo.

b) No plano diacrônico da língua :

" APELIDANDO em seu favor a terra toda. (B.Brito, M. L.,I, p. 49)."

O verbo APELIDAR, neste registro clássico, sinonimiza CONVOCAR, acepção não mais consagrada na linguagem de nossos dias.

".... negócios grandes do reino, que DEUS ordenaria que naquela CONJUNÇÃO se acumulassem (T. de Jesus, T. de J.,I, p. 112)."

O substantivo CONJUNÇÃO, nesta passagem, significa CIRCUNSTÂNCIA, CONJUNTURA, OCASIÃO, ENSEJO, OPORTUNIDADE, sentido esquecido, de todo, na linguagem hodierna.

Nestas palavras focalizadas, acreditamos ter evidenciado as alterações semânticas por que passaram e que, sob o título de metasemas sincrônicos e diacrônicos, serão analisadas, particularmente, em cada capítulo seguinte.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- 1 - Carlos Góis, 1945, pp. 187 e 311; Constâncio, 1859, pp. 691 e 881; Silveira Bueno, 1965, p. 102; e, em Sousa da Silveira, 1934, pp. 112 e 118.
- 2 - "Métasémie. Terme proposé pour désigner d'une manière générale les changements de signification." Marouzeau, 1951, p. 144.
- 3 - Silveira Bueno, 1965, p. 101.
- 4 - "tout mot est lié à son context dont il tire son sens..."
"... au mot dans son context correspond une seule image conceptuelle." Pierre Guiraud, 1975, p. 31.
- 5 - Said Ali, 1930, p. 89.
- 6 - Calichet, apud Walmírio Macedo, 1959, cap. IV, p. 1.
- 7 - Silveira Bueno, 1965, pp. 101-102.
- 8 - Pierre Guiraud, 1975, pp. 30 - 31.
- 9 - Mattoso Câmara, s.d., pp. 347 - 348.
- 10 - Sílvio Elia, 1962, p. 170.
- 11 - Michel Bréal, apud José Oiticica, 1949, p. 31.
- 12 - Silveira Bueno, 1967, 7ª vol., p. 3758; Antenor Nascentes, 1955, pp. 471-472; e, em Sousa da Silveira, 1934, pp. 112 e 118.
- 13 - Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., p. 1001; Antenor Nascentes, 1955, p. 156; e, em Sousa da Silveira, 1934, pp. 111 e 118.
- 14 - Saussure, 1974, p. 96.
- 15 - Joaquim Ribeiro, 1964, p. 140.
- 16 - Said Ali, 1959, p. 194.
- 17 - Sílvio Elia, 1962, p. 171.
- 18 - "a) histórico - cultural, quando a coisa nomeada muda de natureza e a denominação permanece (ex. : pena, " para escrever ", que é hoje uma peça de metal e era antigamente uma pena de ganso); b) psicológica, quando a significação muda em virtude da conceituação (ex. : vilão "camponês", que designa hoje, mais comumente, "indigno", em virtude da conceituação do " camponês ", do ponto de vista dos nobres); c) lógica, quando a significação de uma palavra se transfere a outra por força de associações objetivas ou subjetivas (ex.: tela "pintura", por metonímia, ou serra " cadeia de montanhas," por metáfora); d) formal, quando a forma da palavra acarreta numa nova significação (ex. : **emerito** " notável ", por causa da forma da palavra, que faz lembrar **merito**); e) sintagmática, quando as significações das palavras se contaminam em virtude de figurarem comumente lado a lado em certas expressões ou locuções (ex.: o **brasileirismo levado** " travesso ", decorrente da expressão **levado da breca** " arrebatado por uma fúria demoníaca "); f) social, quando a palavra muda de significação porque passa de uma língua especial para a língua comum ou vice-versa (ex.: **éter** " certa substância volátil ", em virtude da transferência, para a língua especial da química, da palavra significando " puro ar superior "). Ullmann, 1957, p. 171, apud Mattoso Câmara, s.d., p. 344.
- 19 - Ullmann, 1972, pp. 222-238.
- 20 - Los cambios de significado pueden ser producidos por una infinita multiplicidad de causas... No obstante, a despecho de la complejidad de estos procesos, es posible discernir varias causas principales que dan cuenta en su conjunto de una gran proporción de cambios semánticos." Ullmann, 1972, pp. 222-223.
- 21 - José Curi, 1979, pp. 56-57.
- 22 - Ullmann, 1972, p. 182.
- 23 - Said Ali, 1930, p. 86.

2.1 - Alterações Semânticas em nossos dias.

É por demais variável, na língua, o sentido que atribuímos às palavras.

Haja vista os vários sentidos da palavra cabeça, nestas frases coletadas por Rocha Lima:

A cabeça é uma das partes do corpo.

Essa vila é a cabeça da comarca.

Pagaram dez cruzeiros por cabeça:

Foi preso o cabeça do motim.

Fazia versos quando lhe dava na cabeça.

Cada cabeça, cada sentença.

Rui Barbosa foi a maior cabeça do Brasil.

Ele sabe de cabeça todos os pontos do programa.

O que disseste não tem pés nem cabeça.

Um dia perco a cabeça e lhe direi umas verdades. (1)

Do mesmo modo, podemos asserir que não temos duas palavras com o mesmo valor semântico; considerando-se, sobretudo, que a palavra existe como parte dum todo, incorporada no contexto, e aí adquire o seu significado especial. (2).

Na arquitetura da frase, onde as palavras constantemente se transmudam e se enriquecem de novos coloridos semânticos, percebemos o processo dinâmico da língua para acompanhar a evolução do pensamento da grande maioria de seus falantes.

Conforme declara Pierre Guiraud, os primeiros semanticistas, como Darmesteter e Bréal, vêm na sinédoque, na metonímia e na metáfora os tipos básicos das mudanças de sentido (3), a que acrescentamos, no plano da sincronia da língua, a gíria que, de início, constitui a linguagem de um determinado grupo social, - onde as palavras aparecem fora de seu sentido próprio-, mas, por sua expressividade, sempre termina incorporando-se à linguagem coloquial popular.

Concebemos, portanto, como metassemas, do ponto de vista sincrônico, não sō as figuras de palavras ou tropos, responsáveis pelos mais belos cambiantes de sentido e expressivo

valor estético, que também a gíria inovadora do nosso vocabulário.

A respeito dessa constante renovação semântica no léxico das línguas, Silveira Bueno juntara que *como elemento fundamental de todas as alterações semânticas encontramos a contribuição psicológica de cada indivíduo, a percepção e a associação de idéias. Na impossibilidade de criar para cada idéia, para cada emoção, para cada objeto, uma palavra especial, que lhe fosse o adequado símbolo, o homem, aproximando entre si os fatos semelhantes, costuma referi-los, psiquicamente, a um mesmo sinal sonoro. (4).*

Ao lado destas considerações, passaremos a focar a gíria e a linguagem figurada ou tropológica, sublinhando, de modo particular, a metáfora, a metonímia e a sinédoque, como metasemas sincrônicos.

Começamos este capítulo com o estudo da gíria, por nós considerada como mais um metasema sincrônico, em face de, até hoje, segundo atestam nossas leituras, nenhum semanticista brasileiro dela se ter ocupado, sob este aspecto abordado.

2.1.1 - A Gíria

Acerca do étimo de gíria, infelizmente, até hoje, sã há hipóteses em que, mais e mais, ficam assinalados os desencontros nas lições dos etimologistas.

No século passado, Constâncio ensinou-nos:

GÍRIA, s.f., *linguagem particular dos ciganos e ladrões, que só eles entendem, geringonça. Creio que vem de Zingari, ciganos, do Persa Zanguí, ou do grego Gheriô, pronunciado pelos gregos modernos Ghiriô, falar; o que não deve admirar, porque na gíria dos ciganos, e no argot dos franceses que é o mesmo, se encontram muitos termos gregos ou sânscritos comuns ao grego. (5).*

Como vimos, Constâncio não se definiu, levantou, apenas, hipóteses.

Mais próximo de nossos dias, Antenor Nascentes não emitiu sequer a sua opinião, acostou-se a Adolfo Coelho, seu predecessor em estudos etimológicos, aqui no Brasil:

Gíria- Para A. Coelho parece ligar-se a geringonça, q.v. (6).

Como podemos observar, Adolfo Coelho também não fugiu à hipótese.

Atualmente, Silveira Bueno, ainda palmilhando o terreno do hipotético, acrescenta-nos:

Gíria - s.f. *Expressão lingüística das classes sociais, especialmente, a linguagem própria dos malfeitores, dos mendigos. Mas a linguagem própria dos médicos, dos advogados, dos professores, dos colegiais, estudantes, motoristas, pescadores, etc. é também gíria. Parece-nos que gíria se prenda ao verbo girar; o conjunto de palavras, expressões, etc., que corre nessas classes da sociedade. Seria o tema de gir de girar e o sufixo átono ia. (7)*

Para Aurélio Buarque, gíria procede de uma forma regressiva* *giriga* < *geringonça*. (8).

Sendo válida a forma lingüística giriga, embora não documentada, como intermediária, na passagem para gíria, ficaremos com a opinião do mestre Aurélio, visto que se explica, no plano diacrônico da língua, a supressão do g medial, pelo metaplasmo da síncope.

Sílvio Elia entende que o fenômeno da gíria é tipicamente urbano, não existe, pois, nas comunidades rurais, onde o que ocorre são os falares locais. (9).

Para Marouzeau, a gíria é uma *linguagem especial provida de um vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou de uma categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes*. (10).

Vale acrescentar que, neste trabalho, não nos ocuparemos da gíria como um código particular em que os elementos de uma dada classe social cifram suas mensagens, procurando evitar serem compreendidos por estranhos.

Com este sentir não nos interessa a linguagem das camadas inferiores da sociedade, a que pertencem os malfeitores e malandros, rotulada como calão.

Esse tipo de linguagem se marginalizou, razão por que procede a observação de Ducrot, quando registra que *em termos 'hjeltslevianos o recurso ao calão provoca uma conotação "associal"*. (11).

Tampouco iremos confundir a gíria, que, para nós, se caracteriza pela expressividade, com a linguagem técnica, conhecida por alguns como jargão profissional.

Os médicos, advogados, professores, etc. usam um vocabulário técnico, onde as palavras têm um caráter denotativo, por isso, monossêmicas e destituídas de qualquer pretensão estilística.

Não procede, portanto, a conceituação que de gíria faz Silveira Bueno (1965, p. 1578), de que já falamos.

A gíria profissional é própria dos artistas e de outras classes sociais.

O nosso objetivo, neste item da dissertação, é outro, tencionamos, aqui, apresentar a gíria como *a linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais.* (12)

O surgimento dessa linguagem, enriquecedora do léxico, num dado estágio de língua, decorre, as mais das vezes, de um processo de derivação imprópria, em que há a mudança no sentido usual das palavras.

As gírias são de reconhecida transitoriedade.

Haja vista o uso do verbo morar sinonimizando entender, compreender que, até bem pouco tempo, era a coqueluche das novas gerações, hoje não mais encontra acolhida na comunicação informal dos nossos falantes.

Excelem, aqui, registros do uso da nossa gíria, coletados não só na linguagem coloquial de nossos dias, como também em artigos de autoria de Carlos Drummond de Andrade e Valdemar Cavalcante, publicados no Jornal do Brasil e Jornal literário, e ainda em obras de outros autores contemporâneos como Nelson Rodrigues, Cora Rônai Vieira, Paulo Rônai e Marisa Raja Gabaglia:

1- *Antes de viajar, teve vários abacaxis para resolver.* (Apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 1).

Como vemos, acima, a palavra abacaxi, dicionarizada como infrutescência carnosa muito apreciada como alimento, sinônima de ananás, adquiriu, neste registro da gíria brasileira, um novo sentido, o de coisa trabalhosa, complicada, intrincada.

Ainda, na gíria brasileira, abacaxi sinonimiza coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata:

Aquele romance é um abacaxi.

Dois meses depois, ela telefona, em pânico: "Vou ser mãe!" Do outro lado da linha, Sandoval explode:

"Que abacaxi!" E, então, começa a evitar a pequena.

(Nelson Rodrigues, 100 Contos Escolhidos, A Vida como Ela É, II, pp. 57-58, apud Aurélio Buarque, op. cit., pp.1-2).

Assim, também, descascar um abacaxi adquiriu o sentido novo de resolver ou procurar resolver uma dificuldade.

2- *Com um chapéu desses, a gente protege os olhos e areja a cuca, um barato.* (Carlos Drummond de Andrade, in Jornal do Brasil, 16.11.72, apud Aurélio Buarque, op.cit., p. 184).

O Conde começou a enjoar da vida doméstica, e a namorar a torto e a direito, viajando aos menores pretextos, bebendo, fazendo farras, um barato de encucar. (Cora Rônai Vieira e Paulo Rônai, Aventuras de Fígaro, p. 59; apud Aurélio Buarque, op.cit., p. 184).

A palavra barato, pertencente à classe gramatical dos adjetivos, como sinônima de que custa um preço baixo, módico, - Pago, ainda, um aluguel barato -, e à classe dos advérbios, sinonimizando por preço módico, — Comprei muito barato esta propriedade —, na atual gíria brasileira, conforme provam os fragmentos de Drummond de Andrade e de Cora e Paulo Rônai, de que já falamos, não só substantivou-se como também adquiriu nova aceção, a de curtição, isto é, algo que proporciona prazer e/ou alegria, ou aquilo que é muito bom.

Na linguagem descontraída de nossa juventude, ouvimos exclamações desta natureza:

A festa foi um barato!

3- *Como vai bicho?* (Apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 203).

A palavra bicho, dicionarizada como sinônima de qualquer dos animais terrestres, usada no vocativo, adquiriu, na gíria brasileira, como um tratamento cordial, somente dispensado a pessoas íntimas, a aceção de meu amigo, amigo.

4- *É uma boa.*

Fulano está numa boa.

Boa, forma feminina do adjetivo bom, na atual gíria brasileira, substantivou-se e adquiriu a aceção de bem-estar pessoal, de condição privilegiada. Houve não só a mudança de classe de palavra, senão também a de sentido, quase já oficializada pelos nossos órgãos de comunicação de massa.

5- *Curtir uma festa, curtir uma viagem, um bom papo.* (Apud Aurélio Buarque, op.cit., p. 414).

Na linguagem dos jovens:

Curtir um som.

O verbo curtir, dicionarizado como sinônimo de preparar (couro) para torná-lo imputrescível, adquiriu, na nossa gíria, o sentido de experimentar a vivência de, em êxtase; e, por extensão, o de gozar, desfrutar, deleitar-se.

Apaixorada pela natureza, ela adora curtir o pôr-do-sol.

Em entrevista recente à televisão, em 08.01.80, a atriz Lídia Brondi, assim, se expressou:

A pessoa que eu curto é de gêmeos.

Nesta passagem, a nosso ver, o verbo curtir já adquiriu novo sentido, o de amar.

Como curtir, na gíria, mudou de sentido, curtição, do mesmo modo, adquiriu nova acepção, a de êxtase, barato.

6- *Na gíria das redações, a expressão -foca- é moeda corrente. Foca é o calouro no trabalho, o principiante no ofício. (Valdemar Cavalcante, Jornal literário, p. 53; apud Aurélio Buarque, op.cit., p. 642).*

O substantivo foca, dicionarizado como feminino e sinônimo de mamífero anfíbio do grupo dos pinípedes e da família dos focídeos, na nossa gíria, passou a pertencer ao masculino e adquiriu um novo sentido, o de jornalista novato, inexperiente.

7- *Qual é o grilo?*

D. Gracinda, tem um grilo qualquer nesse negócio. Como é que a senhora sabe disso tudo? (13)

A palavra grilo, sinônima de inseto ortóptero, adquiriu, em nossa gíria, outra acepção, a de preocupação, amolação, chateação, como no primeiro registro acima e o de confusão, complicação, trapalhada, como no segundo exemplo.

Em face desta metassemia sincrônica, criaram-se as palavras: grilado, como adjetivo, no sentido de vivamente preocupado ou amolado e grilar, como verbo transitivo direto, sinonimizando transtornar, atrapalhar, e, como verbo pronominal, sinonimizando chatear-se, amolar-se, cacetear-se.

8- *A festa estava jóia. Comprou um vestido jóia. (Apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 808).*

O substantivo feminino jóia, sinônimo de artefato de matéria preciosa, de metal ou de pedrarias, na atual gíria bra-

sileira, não sō adjetivou-se, porêm, quanto ã flexão, invariãvel, como também mudou o sentido, adquirindo a acepção de muito bom ou bonito, excelente, como evidenciam os dois registros supracitados.

9- *Ela gosta paca de mim.*

A pequena é bonita paca. (Apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 1023).

A palavra paca, dicionarizada como substantivo feminino, sinônima de mamífero roedor, na gíria de nossa juventude brasileira, adveio da aglutinação da expressão pra caralho da linguagem chula e não sō adverbializou-se como adquiriu um novo sentido o de muito.

10- *Eu vidrei, porque ele usava anel de ouro no dedo, com brasão, e media 1 metro e 80.* (14).

O verbo vidrar, que é sinônimo de cobrir ou revestir de substância vitrificável, na atual gíria, adquiriu nova acepção, a de ficar encantado (por alguém ou algo); cativar-se, gamar, etc.

Ainda, a respeito da nossa gíria atual, José Curi (15), quando trata dos campos lexicais associativos, afirma que

seria interessante ver até onde AMARRAÇÃO se encaixa no grupo amor; AMIGÃO significando bom companheiro, amigo do peito, de verdade, em contraposição a amigo da onça, amigo urso; ANJO, no sentido de pessoa demasiado boa; APAIXONADO, no sentido de estar na dele, curtindo algo, barato, sarro, bárbaro; e assim muitas outras palavras, v.g., CORTAR (desmanchar o namoro); CURTIÇÃO (festa); DOCE (garota com muitos namorados); ENCUCADO (enamorado); ESPERA MARRIDO (aluna da Faculdade de Filosofia); ESTAR CAÍDO (apaixonado); ESTAR NUMA (amar); LEVAR UM FORA (romper o namoro); GALINHA (mulher fácil); GATINHA (idem a galinha); GOSTOSA (menina bonita); uma graça; JÁ ERA (ex-namorada, a ausente); MENININHA (namorada), mina; PAQUERA (namoro); PESCAR (atrair a garota) batendo um plã, transar, sacar bem; UVA (garota bonita) (chuchu beleza), etc.

Conforme demonstraram os registros supracitados, a gíria é também um dos tipos de base da mudança de sentido das palavras, no plano da sincronia da língua; portanto a consi -

deramos também como um metassema sincrônico.

A comunidade falante se encarrega de modificar, constantemente, o feixe de traços sêmicos de cada lexia; atribuindo-lhe uma nova acepção.

2.1.2 - Tropos

Desde a Antiguidade, as mudanças do sentido das palavras têm sido definidas e descritas.

A teoria dos tropos data de Aristóteles e teve um considerável desenvolvimento na época alexandrina e latina.

Os tropos, ou mudanças de sentido, são figuras de palavras e constituem recursos de estilo, por emprestarem à linguagem novos valores expressivos.

Desde Bréal e Darmesteter, na semântica, a metáfora, a metonímia e a sinédoque são consideradas como os principais tropos, isto é, como sendo os tipos básicos das mudanças de sentido.

2.1.2.1 - A Metáfora

Para Aristóteles, *a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia.* (16).

Aqui, nesta definição, Aristóteles engloba a metonímia e a sinédoque na metáfora.

A idéia de transposição ou transferência, segundo Massaud Moisés, *seria adotada pelos latinos, sob a forma de translatio, primeiramente por Cícero e depois por Quintiliano, que também lança mão do termo grego: para ele, a metáfora é uma comparação abreviada. E exemplifica: O homem agiu como um leão, é uma comparação; O homem é um leão, é uma metáfora. Como se nota, é sobre a base aristotélica que os teóricos latinos se apóiam...* (17).

Neste nosso trabalho, estamos em que a conceituação da metáfora se fundamenta, de todo em todo, no fenômeno da transferência de sentido em decorrência da associação por similaridade, ao contrário do mecanismo da metonímia que se baseia na associação por contigüidade.

Vejamos, inicialmente, a definição etimológica de Metáfora:

A palavra Metáfora promana do prefixo grego "METĀ-" , alēm, trans-, denotando mudança, alteração + o radical grego "PHORĀ", de "PHERŌ", levo, transporto, na forma composta "META - PHORĀ", pelo latim clássico "METAPHŌRA,AE".(18).

Etimologicamente, METĀFORA significa translação, transporte, e, por extensão semântica, figura pela qual damos às palavras um sentido translato.

Para Mattoso Câmara, a metáfora é a *figura de linguagem que consiste na transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu.*(19).

Segundo o lingüista brasileiro, a metáfora é um recurso, altamente expressivo, na linguagem da grande massa de falantes, para pôr em destaque aspectos semânticos que o próprio termo não é capaz de evocar por si mesmo.

A metáfora, ao contrário da metonímia, não se fundamenta numa relação objetiva entre a significação própria e a figurada, mas, sim, numa relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão. (20).

Joaquim Ribeiro acentuou que em todas as línguas as metáforas pululam numa profusão espantosa. O povo prefere usar de metáfora a criar vocábulos novos. A mudança semântica é mais fácil do que a invenção de palavras inéditas.(21).

Merece registro também a lição de Rocha Lima: *Assenta a metáfora numa relação de similaridade, encontrando o seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de idéias.* (22).

A metáfora pertence à sincronia da língua e representa a pedra angular, o elemento básico na renovação semântica do léxico.

Michel Le Guern, a respeito da definição da Metáfora , fixou-se na de DUMARSAIS:

A metáfora é uma figura pela qual se transfere, por assim dizer, a significação própria duma palavra para uma outra significação que apenas lhe convém devido a uma comparação que existe no espírito.(23).

Sirvam de abonações na linguagem corrente do nosso povo, estes retalhos de pensamento, coletados por Sílvia Elia:

Resposta áspera, vontade férrea, consciência limpa, tomar as rédeas do governo, voz macia, risada cristalina, dor

aguda, catadupa de palavras, etc. (24).

Nestes fragmentos, a recriação metafórica torna desnecessária a invenção de novas palavras para nomear sentimentos e objetos novos.

A todo instante, na nossa linguagem coloquial, valemo-nos da metáfora, e, como um recurso estilístico, para o aformoseamento da frase, dela se valem os nossos melhores escritores.

Somente a metáfora - diz Marcel Proust - pode dar uma espécie de eternidade ao estilo. (25).

Alguns exemplos:

Oh! que saudades que tenho

Da aurora da minha vida. (Casimiro de Abreu, As Primaveras, p. 38).

Como a aurora indica o período antes do nascer do sol, em que este já ilumina a parte da terra ainda ensombrada, por associação de idéias, o poeta romântico, nestes versos, alude à sua infância.

Casimiro de Abreu atribui, assim, à palavra aurora um sentido novo, em virtude da relação de semelhança que seu espírito descobre entre o sentido dessa palavra e o de infância, pertencente, contudo, à diferente esfera semântica.

Na metáfora, a associação se faz entre termos de dois campos sêmicos distintos, estabelecendo a assimilação entre os dois conceitos assim unificados sob um mesmo critério.

Assim, quanto mais afastados estão os campos mais surpreendente será o efeito produzido pela metáfora, por sua força expressiva.

Passou a nuvem, desfez-se em lágrimas

- Soltos diamantes, pérolas soltas

Que o sol agora

Faz cintilar. (Alberto de Oliveira, Depois do Agua-ceiro).

Aqui o poeta chama as gotas d'água da chuva lágrimas, diamantes, pérolas, que rebrilham ao sol. (Apud Sílvio Elia, Dicionário Gramatical, p. 112).

Nestes versos, a metáfora decorre da similaridade de forma, ou melhor, a forma das gotas d'água da chuva faz lembrar a de lágrimas, diamantes, pérolas, com a qual então se estabelece a relação de similaridade, ficando a segunda como sendo o

objeto referente ou comparante.

Este é, pois, um tipo de associação que está na base de numerosas metáforas da língua corrente.

A mocidade supõe sempre que a originalidade é propriedade sua e esquece que nada há novo debaixo do sol. (Altino Flores, apud Celestino Sachet, As Transformações Estético-Literárias dos Anos 20 Em Santa Catarina, p. 38).

Usando a metáfora - nada há novo debaixo do sol - o escritor catarinense afirma que, em arte, o que existe é simplesmente recriação.

A metáfora "debaixo do sol" se fundamenta na similaridade de situação, isto é, a associação percebida entre a semelhança de situação, ou de posição entre os dois termos Sol e Abóbada Celeste resulta numa expressão metafórica.

Estes fragmentos, aqui apresentados, constituem apenas amostras, cremos válidas, desse tropo que consideramos o mais belo metassema sincrônico.

Esta similaridade, de que falamos, não consegue, contudo, apagar as chamadas diferenças sêmicas, excluindo-se, apenas, o caso das metáforas mortas, que, a nosso ver, não funcionam mais com o valor de verdadeiras metáforas, uma vez que já se incorporaram à língua, isto é, lexicalizaram-se.

Entre a metáfora e o metaplasmo, há, na sua definição etimológica, um traço comum, assinalado por Walmírio Macedo.

Daremos, aqui, para comprovação, a etimologia de metaplasmo:

Oriundo do prefixo grego "METĀ-", além, trans-, denotando mudança, alteração + o radical grego "PLASMŌS", forma, de "PLASSŌ", formar; etimologicamente metaplasmo significa mudança de forma. (26),

Procede, portanto, a observação do lingüista Walmírio Macedo:

A metáfora é a alteração do sentido de uma palavra sem alteração da forma.

O metaplasmo é a alteração da forma sem alteração do sentido. (27).

Como já vimos, anteriormente, as expressões metafóricas refletem a intenção de cada autor ou falante em manifestar sua emoção, seu julgamento de valor, seu modo de avaliar fatos, acontecimentos ou tipos humanos.

Há sempre na metáfora, para nós, como também para a maioria dos autores, que seguem a tradição, uma comparação abreviada, em nosso espírito.

Na metáfora, como demonstramos nos exemplos estudados, os dois termos se colocam em campos semânticos distintos, enquanto, na metonímia, ao contrário, como observaremos, em seguida, pertencem a um mesmo campo semântico.

A metáfora, desde tempos longínquos, sempre foi um recurso inestimável e constante de criação e recriação dentro da língua.

Como figura de linguagem é o instrumento do conhecer e do nominar, baseada na relação de similaridade.

2.1.2.2 - A Metonímia

A palavra Metonímia provém do prefixo grego "METÁ-", além, trans-, indicando mudança, alteração + o radical grego "ÓNOMA, ONOMATOS", nome, + o sufixo grego "-IA", com idéia de sistema, na forma composta METONYMIA", pelo latim clássico "METONYMIA,AE". (28).

Etimologicamente, METONÍMIA sinonimiza mudança de nome, e, por extensão semântica, figura pela qual se toma um nome por outro, cujo sentido tem relação translata com ele.

Segundo Mattoso Câmara, a metonímia é assim um processo sincrônico pelo qual se multiplicam as ocasiões de emprego de uma palavra, além do seu campo semântico específico". (29).

Diferente não nos parece o modo de ver de Sílvio Elia, de quem transcrevemos esta lição:

Metonímia - Figura de estilo que consiste na substituição de um nome por outro em virtude de uma relação semântica extrínseca existente entre ambos. Esta figura muito se aproxima da sinédoque, da qual dificilmente se distingue. (30).

Ullmann, Wolfgang Kayser e outros modernos estilólogos não mais fazem esta distinção, por isso, incluem a ambas na rubrica *transferência de nomes em virtude da contigüidade de sentidos*. (31).

Em que pese a parecnça destas duas figuras de palavras, preferimos, em nosso trabalho, adotar a linha do pensamento tradicional, isto é, aquela que sempre as distinguiu.

Michel Le Guern reconhece, em sua *Semântica da Metáfora e da Metonímia*, às pp. 30-31, que DUMARSAIS tem o mérito de assinalar claramente as diferenças entre as duas figuras:

Numa palavra, na metonímia, tomo uma palavra por outra, enquanto na sinédoque tomo o mais pelo menos ou o menos pelo mais.

Na verdade, a metonímia e a sinédoque, ao contrário da metáfora, são mudanças referenciais.

Na base da metonímia encontra-se a noção de compreensão; ela opera uma mudança na compreensão lógica da palavra; substitui uma palavra por outra de compreensão diferente.(32).

No processo metonímico, são modificamos a relação referencial e não a organização sêmica, conforme verificamos na metáfora.

Assim, quando dizemos que estamos lendo Machado de Assis, esse fato não indica da nossa parte que houve uma modificação interna do sentido do nome "Machado de Assis".

A esse respeito, Michel Le Guern nos ensina que a metonímia que nos faz empregar o nome do autor para designar uma obra atua sobre um deslize de referência; a organização sêmica não é modificada, mas a referência é deslocada do autor para o seu livro.

Todo mecanismo da metonímia se explica, portanto, por um deslize de referência enquanto o da metáfora se explica pela supressão de uma parte dos semas constitutivos do lexema empregado.

A metonímia é caracterizada, assim, por um afastamento correspondente à relação normal entre a linguagem e a realidade extralingüística, ou, se se preferir, ela incide sobre a referência, ao passo que a metáfora se caracteriza pela suspensão de elementos de significação, isto é, por um determinado processo de abstração que não se encontra na metonímia. (33).

Na metonímia, como na sinédoque, a relação é referencial; na metáfora, como já vimos, trata-se de uma relação de significação.

A metonímia e a sinédoque são metassemas sincrônicos que se apóiam no deslize de referência, sem que haja modificação dos elementos de significação e, para Mariana Tutescu, (1075, p.70), caracterizam-se, por isso, pela distância entre

a linguagem e a realidade extralingüística.

De acordo com esta linha de pensamento, podemos detectar mudanças referenciais, que são o fundamento específico da metonímia, quando tomamos:

a) A *causa* pelo *efeito*: Vivo do meu trabalho (em vez de dizer: da remuneração; do salário, que recebo);

b) O *efeito* pela *causa*: O calor está violento (em vez de o sol);

c) O *continente* pelo *conteúdo*: A terra inteira chorou a morte do sumo pontífice (isto é, os habitantes da terra);

Tomamos uma xícara de café (o conteúdo da xícara);

d) O *autor* pela *obra*: Lemos, no nosso adolescer, Vieira, Bernardes, Machado de Assis e Rui Barbosa (deveríamos aludir à obra);

e) O *lugar* pelo *produto* fabricado: Gostamos de um bom conhaque (por vinho de cognac); Enfiou o panamá na cabeça e saiu;

f) O *inventor* pelo *invento*: Ficou parado na rua. O Ford quase o derrubou.

Nestas mudanças de sentido, tomamos apenas uma palavra por outra, porém, os dois termos pertencem ao mesmo campo semântico.

O desvio de sentido, nos supracitados exemplos, realizado pelo processo metonímico se deve a um deslize de referências entre os dois nomes que estão ligados por uma relação extralingüística.

A metonímia se efetiva através de uma elipse da expressão da relação que caracteriza cada categoria.

Deste modo, no exemplo a: Vivo do meu trabalho, houve a elipse de *o efeito de*.

Michel Le Guern acrescenta: *as dificuldades que se experimentam para aplicar esta explicação pela elipse à sinédoque da parte, bastariam para justificar a distinção tradicional que se estabelece entre a metonímia e a sinédoque. Seria possível interpretar a sinédoque através de uma elipse, mas nesse caso seria necessário fazer intervir uma elipse mais complexa.*

Deste modo, para a sinédoque da parte, a mais fre-

qüente nos textos, devia acrescentar-se: "o todo de que.... é uma parte". Mas isso resulta num enunciado um pouco estranho. (34).

No entanto, para Michel Le Guern, não se deve atribuir uma importância excessiva a esta diferença entre metonímia e sinédoque; trata-se mais de uma diferença de grau do que de uma diferença de natureza: trata-se nos dois casos de uma modificação que surge no eixo sintagmático provocando um *transfert* de referência.

Na verdade, quando o ouvinte ou o leitor percebe uma anomalia na relação referencial, descobre a presença de uma metonímia e pode interceptá-la como uma formulação elíptica. "Beber um copo" é uma expressão sentida como metonímica visto que um copo é uma realidade que não se bebe.(35)

Existe, aĩ, uma relação evidente entre o copo e o que se bebe; relação de continente e conteúdo; é, pois, uma relação entre objetos, sem a necessidade de fazer intervir um processo de abstração.

Em seguida, passaremos a focar a sinédoque que consideramos mais um tipo de metassema sincrónico.

2.1.2.3 - A Sinédoque

A palavra Sinédoque procede do prefixo grego "SYN-" , juntamente, com, + "EK", elemento de ligação, + o radical grego "DEKHOMAI", tomar, na forma composta "SYNEKDOKHĒ", pelo latim clássico "SINĒCDOCHE, ES". (36).

Etimologicamente, SINÉDOQUE significa compreensão, por latitude semântica, temos compreensão de várias coisas ao mesmo tempo; tropo que consiste em se tomar o todo pela parte; a parte pelo todo; o plural pelo singular; o singular pelo plural; o gênero pela espécie ou vice-versa, etc.

Michel Le Guern, em sua *Semântica da Metáfora e da Metonímia*, aproveita os ensinamentos de DUMARSAIS, a respeito da distinção que ele faz, em seu *Traité des Tropes*, sobre a metonímia e a sinédoque, e nos diz:

— No fim de seu capítulo sobre a sinédoque (II,4), DUMARSAIS retoma esta distinção que aprofunda ao ponto de che -

gar quase a uma definição da metonímia: "Como é fácil confundir esta figura com a metonímia julgo que não será inútil observar o que distingue a sinédoque da metonímia; é, 1ª que a sinédoque faz compreender o mais através de uma palavra que, no sentido próprio, significa o menos, ou, pelo contrário, faz compreender o menos através de uma palavra que, no sentido próprio, marca o mais; 2ª numa e noutra figura há uma relação entre o objeto de que se quer falar e aquele de que se toma o nome porque se não houvesse relação entre estes objetos, não haveria nenhuma idéia acessória, e por consequência não haveria tropo. (37).

Na sinédoque, a rigor não existe uma perfeita mudança de sentido da palavra, mas, tão-somente, uma extensão do sentido/semema, baseada também na relação de contigüidade.

Diversa não nos parece a opinião de Mariana Tutescu: *A sinédoque opera uma mudança na extensão lógica da palavra; substitui uma palavra por outra de extensão diferente. (38).*

Eis aqui, a título de abonação, alguns casos em que ocorre a sinédoque:

a) O todo pela parte. Ex: Moro em Maceiô (isto é, numa casa em Maceiô);

O mundo é egoísta (em vez de os homens);

b) A parte pelo todo. Ex.: Hã no campo quinze cabeças (em lugar de reses); Transpuseram a barra treze velas (por navios);

c) O plural pelo singular. Ex.: A poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiras, dos Álvares de Azevedo, dos Casimiros de Abreu, dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la. (Camilo Castelo Branco);

d) O singular pelo plural. Ex.: O Sertanejo é, antes de tudo, um forte (em vez de os Sertanejos). (Euclides da Cunha, Os Sertões, p. 114);

e) O gênero pela espécie. Ex.: Os insetos danificaram os livros (isto é, as traças); É triste o destino dos mortais (isto é, dos homens);

f) A *espécie* pelo *gênero*. Ex.: Estã sem um centavo (em lugar de dinheiro); Ganharã o pão com o suor do teu rosto (em vez de alimento);

g) A *matéria* pelo *instrumento*. Ex.: Tangem os bronzes (em lugar de os sinos);

h) A *espécie* pelo *indivíduo*. Ex.: Andai como filhos da luz, recomenda-nos o Apóstolo (em lugar de São Paulo);

i) O *indivíduo* pela *espécie*. Ex.: O Judas da classe (em lugar de o traidor) etc.

Em síntese, a constituição sêmica destas palavras, utilizadas aqui como exemplos, não foi alterada, houve apenas uma deslocação da referência, que se torna visível pelos próprios textos.

Na sinêdoque, ao empregarmos um semema (palavra) que representa *o todo* pelo semema que representa *a parte*, ou vice-versa, etc., os dois termos pertencem, como na metonímia, a um mesmo campo semântico.

A sinêdoque, considerada como um dos tipos básicos nas mudanças de sentido, é, portanto, mais um metassema sincrônico.

Na metonímia, como na sinêdoque, a mudança de sentido das palavras decorre de uma deslocação da referência entre os objetos, sem que seja necessário fazer intervir nenhum processo de abstração, como na metáfora, onde se trata, como já vimos, de uma relação de significação.

Aqui, consideramos não sã a gíria como também os principais tropos: a metáfora, a metonímia e a sinêdoque como metassemas sincrônicos e, nas páginas seguintes, trataremos da evolução semântica por que passam as palavras, na língua, como metassemas diacrônicos.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- 1 - Rocha Lima, 1959, p. 485
- 2 - Rodrigues Lapa, apud Rocha Lima, 1959, p. 485
- 3 - "Les premiers sémanticiens comme Darmesteter et Bréal, voient dans la synecdoque, la métonymie et la métaphore les types de base des changements de sens." Pierre Guiraud, 1975, pp. 42-43
- 4 - Silveira Bueno, 1965, p. 60
- 5 - Constâncio, 1859, p. 590
- 6 - Antenor Nascentes, 1955, p. 242
- 7 - Silveira Bueno, 1965, vol. 4º, p. 1578
- 8 - Aurélio Buarque, 1975, p. 692
- 9 - Sílvio Elia, 1962, p. 76
- 10 - "Argot - Langue spéciale pourvue d'un vocabulaire parasite qu'emploient les membres d'un groupe ou d'une catégorie sociale avec la préoccupation de se distinguer de la masse des sujets parlants." Marouzeau, 1951, p. 28
- 11 - Oswald Ducrot, 1974, p. 81
- 12 - Aurélio Buarque, 1975, p. 692
- 13 - Marisa Raja Gabaglia, 1972, p. 24
- 14 - Marisa Raja Gabaglia, 1972, p. 74
- 15 - José Curi, 1979, pp. 50-51
- 16 - Aristóteles, s.d., p. 332
- 17 - Massaud Moisés, 1977, p. 117
- 18 - Constâncio, 1859, p. 691; Antenor Nascentes, 1955, p. 330; Ernesto Faria, 1956, p. 585; e, em Silveira Bueno, 1966, 5º vol., p. 2413
- 19 - Mattoso Câmara, s.d., p. 260
- 20 - Mattoso Câmara, s.d., p. 260
- 21 - Joaquim Ribeiro, 1964, p. 133
- 22 - Rocha Lima, 1976, p. 462
- 23 - Michel Le Guern, 1973, p. 29
- 24 - Sílvio Elia, 1962, p. 112
- 25 - Marcel Proust apud Rocha Lima, 1976, p. 462
- 26 - Constâncio, 1859, pp. 691 e 779; Silveira Bueno, 1966, 5º vol., p. 2417
- 27 - Walmírio Macedo, 1959, cap. V, p. 1
- 28 - Constâncio, 1859, p. 692; Silveira Bueno, 1966, 5º vol., p. 2423; Nicolau Firmino, s.d., p. 349; e, em Sousa da Silveira, 1934, p. 118
- 29 - Mattoso Câmara, s.d., p. 263
- 30 - Sílvio Elia, 1962, p. 114
- 31 - Sílvio Elia, 1962, p. 114; e, em Rocha Lima, 1976, p. 466
- 32 - "La métonymie et la synecdoque sont - à la différence de la métaphore - des changements référentiels.
A la base de la métonymie se trouve la notion de compréhension: elle opère un changement dans la compréhension logique d'un mot; elle substitue à un mot, un terme de compréhension différente." M. Tutescu, 1975, p. 70
- 33 - Michel Le Guern, 1973, pp. 37-41
- 34 - Michel Le Guern, 1973, p. 51
- 35 - Michel Le Guern, 1973, p. 52
- 36 - Constâncio, 1859, pp. 912-913; Antenor Nascentes, 1955, p. 472; Silveira Bueno, 1967, 7º vol., p. 3761; e, em Nicolau Firmino, s.d., p. 565
- 37 - Michel Le Guern, 1973, p. 31
- 38 - "La synecdoque opère un changement dans l'extension logique du mot; elle substitue à un mot un terme d'extension différente." Mariana Tutescu, 1975, p. 72

Capítulo III - METASSEMAS DIACRÔNICOS

3.1 - Alterações Semânticas, no decurso do tempo.

As palavras, em uso na língua, comunicamos, vez por outra, um sabor de novidade nem sempre distanciada, de todo, do seu sentido primitivo.

Conforme citação nossa, no capítulo anterior deste trabalho, Joaquim Ribeiro já frisara que *a mudança semântica é mais fácil do que a invenção de palavras inéditas.*(1).

Rocha Lima, seguindo-lhe na esteira, acrescenta: *A criar novos vocábulos, o povo prefere operar a alteração do sentido dos já existentes.*

De RIVUS (regato) derivou-se "RIVĀLIS", relativo ao rio, ribeirinho, marginal; e, por causa das desavenças entre os vizinhos que se serviam de um mesmo curso d'água, ou cujas propriedades eram separadas por um mesmo rio, o termo passou a significar COMPETIDOR (RIVAL).

SALĀRIUM, pequena quantidade de SAL oferecida em pagamento de um serviço, adquiriu o sentido de HONORÁRIOS, VENCIMENTOS. (2).

Houve, nas precitadas palavras, o total apagamento do conteúdo semântico do seu étimo, ou melhor, com o andar do tempo, evidenciou-se a metassemia diacrônica; em resumo, na evolução semântica destas palavras, o seu sentido primitivo foi enfraquecendo até obscurecer-se, de todo, e adquirindo elas, então, um novo sentido.

Sabemos que *freqüentemente a inovação que dá a um termo ou expressão antiga sentido diverso do que a princípio se lhe atribuiu é o resultado de uma metáfora, sobretudo da chamada metáfora morta,* (3), que, aqui, não mais consideramos como metáfora, em face de sua lexicalização, isto é, por ter dado entrada na língua.

Foi dito, também, em nossa introdução, que *o sentido das palavras não raro alarga-se, restringe-se,...* (4).

Diferente não nos parece a lição de M. SAID ALI, de

que já falamos no capítulo I deste trabalho:

O vocábulo MOLESTIA usou-se a princípio junto do termo DOENÇA; DOENÇA com MOLESTIA significava que a enfermidade incomodava ou era acompanhada de dores.

Por metonímia chamou-se depois moléstia a toda enfermidade que molestava. Mais tarde, aplicou-se o termo a qualquer enfermidade.

SERMÃO aplica-se hoje a um discurso de caráter muito especial, posto que o latim "SERMO" significasse linguagem em geral. PADRE, que tanto podia exprimir o pai carnal como o pai espiritual ou sacerdote, conserva hoje somente o sentido translato. (5).

A respeito das mudanças de sentido de nossas palavras, através dos tempos, escreve José Curi:

1. AMIGO, nas Cantigas de Amigo, significava o namorado. Hoje é sinônimo de companheiro, camarada. Ex.:

*"Ai flores, ai flores do verde pinho
se sabedes novas do meu amigo!*

Ai Deus, e u é? (D. Denis). (1959, p.32)

2. COITADO era um indivíduo angustiado, cheio de coita, isto é, cheio de dor, de angústia. Hoje, a palavra coitado está a indicar um miserável qualquer. Ex.:

*"Ca, se eu seu mandado
non vir, trist'e coitado*

serei". (Gil Sanchez) (1959, p.19)

3. DITADO era a composição poética, a poesia, o poema, a composição. Ex.:

*"E Virgillio, quando queria fazer seus ditados
fremosos, hiase a miude antre a espessura das
fayas, e soo em os montes, e em os booscos fazia
obra". (Apud Boosco Delleytoso Solitario)(1959 ,
p.66).*

4. ESTORIA significava, então, a cena histórica. Hoje é lenda. Ex.:

*"E a redor do campo auja muytos panos ricamente
laurados cõ muytas e desuayradas estorias e cõ*

lauores muy fremosos". (Apud Corte Imperial)(1959, p. 60)

5. FAZENDA era condição, situação, estado, "status"

Ex.:

"Dizen-mi as gentes porque non trobei,
ã fran sazón, e maravilhan-s' en;
mais non saben de mia fazenda ren:
ca, se saubessen o que eu sei,
maravilhar-s' -ian logo per mi
de como viv'e de como vivi,
e, se mais viver, como viverei! (Rodrigo E. Redondo)(1959, p.24).

6. FILAR era tomar, como se depreende do trecho abaixo. Ex.:

"...e Marti Gõçaluiz XII casaes por arras de sua avõõ, e filarũ-li, illos VI casaes cũ torto" (Notícia de Torto). (1959, p.16).

7. FURTAR tinha o sinônimo de conquistar pelo que se pode deduzir do exemplo abaixo. Ex.:

"...e elles falarom em ello de muitas maneiras ;
mas enfijm acordarom-se todos que a poderiam furtar, se posessem seu feito em boo regimento".
(História Geral, 2, linhas 11-14). (1959, p.57).

8. GUISADO dá a impressão de sinonimizar com determinado nos versos abaixo. Ex.:

"Como eu tevera guysado
de fazer quant'el quisesse,
amiga, sol que vehesse
non quis Deus, nem meu pecado
que foss'el aqui o dia
que pos migo quando ss'ya. (Pae de Gana, clérigo).
(1959, p.26).

9. MADRE era a mãe e não a monja. Ex.:

"Se vos non pesar ende
Madr', irey hu m'atende
meu amigo, no monte (Roy Fernandiz, clérigo)(1959, p. 27)

10. MÁGOA significava tão somente: mancha, sardas , espinhas, etc. Ex.:

...a fronte d'aquela barom era plana e muy clara, e as suas faces sem mágoa e sem rrugadura, cõ collor uermelha tenperada, que lha daua grande fremosua" (Corte Imperial). (1959, p.61).

11. MANHOSO significava em outros tempos: bem dotado, lindo, como se depreende do trecho abaixo.

Ex.:

"... esse o teu muy nobre esforço rreger o teu ligeyro e bem manhoso corpo de uijres con Gedeon ã batalha e o' uenceres, nõs te obedeceremos cõ toda a terra sem contenda". (Apud História Geral) (lenda da vinda de Hércules a Lisboa, e da sua partida para Entre Douro-e-Minho, onde estava Geyron). (1959, p.56)

12. NOJO significava desgosto, enfado, sentido ainda mantido na expressão: férias de nojo quando morre algum parente de funcionário público. Ex.:

"Diss'ella: "non vos ten prol (prol-utilidade) esso que dizedes, nem mi apraz de o oir sol; ant'ei no 'j e pesar em Ca meu coraçom nom ã, nem será per bõa fé se nom do que quero bem (El-Rei Dom Dinis)(1959, p.32).

13. PADRE era o pai e não o sacerdote como se depreende das linhas abaixo. Ex.:

"Este rrey Leyr nom ouue filho, mas ouu tres filhas muy fermosas e amaua-as muito. E huum dia ouue sas rrazzões com elas e disse-lhes que lhe dissessem verdade, quall d'ellas o amaua mais.

Disse a mayor que non auia cousa no mundo que tanto ammasse como elle; e disse a outra que o amaua como ssy mesma; e disse a terçeira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre". (Lenda do Rei Lear). (1959, p.41).

14. PRAZO era o documento, o título de terra ou doação. Ex.:

"Et que seis çerto, mandamos ende ffazer dous pra-

zos partidos por a b e, tal hũ cõmo outro ffeytos por Joahn Eanes, notario, ffeytos no dito moesteyro". (Titulo de Emprazamento) (1959, p. 111).

Agora, se nos dêssemos a buscar onomasiologicamente o sentido ou o significado de algumas palavras que usamos, ficaríamos curiosos em saber que bem outro era o seu significado. Dizemos, por exemplo: CEMI - TÊRIO para o lugar dos mortos, quando em sua origem a palavra significa dormitório, (do gr. Koimeterion) E assim outras palavras, como: CÍNICO chamamos a um impudente mas na origem, a palavra prende-se a cão, do gr. Kynōs; CRETINO, a um imbecil, quando a palavra se prende a "crétin" (cristianu); CURIOSO, a um metido e na realidade entre os romanos era o encarregado de cuidar da Cúria; CUTIA, a um animal roedor, mas em tupi "a-coati" significa o que senta nos calcanhares; DECANO, ao mais velho, quando antes era o que comandava dez soldados (lat. decanus); DESASTRE, a um infortúnio, quando na realidade significava adivinhação através dos astros, ir contra os astros; DONO, a qualquer proprietário, mas a palavra significa casa em latim (domus); ESCOLA, a um estabelecimento de ensino, quando em grego "skolê" significa descanso; ESTÓICO, a alguém severo, austero, quando em gr. significa tão sã pörtico (stóikōs); FAMÍLIA, ao lar composto de pais e filhos mas em etrusco a palavra "famel" significa escrava; FAVELA, a um aglomerado de barracos e em latim "favilla" significa palavra; FLÂMULA, a um galhardete, quando em latim significa pequena chama (flamula); FORMIDÁVEL, a algo maravilhoso, fora de série, quando em latim a palavra significa tão sã que mete medo (formido); GAZETA, a revistas ou jornais mas em italiano, mais particularmente na República de Veneza, "gazzeta" era uma moeda de cobre com que se compravam jornais; GORJETA, a "um-de-inhapa", quando na realidade significava a palavra gorja, garganta; GRANADA, peça bélica do latim granata significando, então, muitos grãos; HECATOMBE, matança de cem bois, do gr. hekaton e bous; IMBECIL (tonto, to-

lo, besta) quando na realidade significava aquela pessoa que não tinha bastão, isto é, "sine baculus", "bac", "bec"; IRONIA, do grego interrogação, eironeia; JACOBINO, nacionalista exagerado, por motivo dos revolucionários franceses se reunirem no convento de S. Jacó; LAR, do etrusco, chefe; LENTE, do lat. "legente", aquele que lê; LERDO, do lat. "luridu", amarelo; LIVRO, da palavra "lib", significando casca; MACABRO, do árabe "makbou" com idéia de cemitério; MACADAME, pavimentação de estradas com areia e saibros, segundo técnica apresentada na Inglaterra por Mac Adam; MAIO, quinto mês do ano, de Maia, mãe de Mercúrio; MALÁRIA, sezão, tremedeira, do italiano "mala aria"; MARECHAL, do baixo alemão "Marahm e Scale", isto é, criado que cuidava dos cavalos (marahn-cavalo e scale-criado); MÁRTIR, do grego "martyr", isto é, testemunha; MARIDO, do sânscrito "mar", isto é, macho; MATUTO, o que vem do mato; MERENDA, do part. futuro latino significando coisas que devem ser merecidas; MOEDA, do latim "moneta"; admoestação, do verbo "moneo" e isto porque as moedas eram cunhadas no tempo da deusa Juno que entre os muitos epítetos que possuía, v. g. Pronuba, Lucina etc. tinha, outrossim, o de Moneta; MÚSCULO, do lat. "mus-ris", significando rato; NÉSCIO, do lat. nescire, verbo significando: não saber; ÔNIBUS, do lat. "omnibus", para todos; OVAÇÃO, aclamação, palavra que se prende a ovelha (ov); PAGÃO, do lat. "paganus", habitante da aldeia; PARAÍSO, do zendá "paridaeza", lugar fechado; PARANINFO, do grego "paranymphoos", acompanhante da noiva; PATRÃO, de "pater", pai; PIPOCA, do tupi; "pi poca" pele arreventada; PONCHE, do persa, cinco (5). Na realidade, na bebida entra: água, especiarias, aguardente, açúcar e limão; PONTÍFICE o que, na cidade de Roma, cuidava da ponte ou construía pontes, do lat. "pons + fex"; PRECOCE, o que cozinhou antes do tempo, do lat. "precoquere"; PUPILA, diminutivo de "pupa", menina, boneca; SALÁRIO, do lat. sal;

SOLTEIRO, do lat. "solitariu", sozinho; *TALENTO*, de "talent", raiz primitiva com o sentido de balança; *TRAGÉDIA*, do gr. "tragodia", isto é, canto do bode (trago-bode, odê-canto), pois o bode sempre entrava no sacrifício a Baco, deus da luxúria e do vinho; *VACINA*, de vaca; *VIZINHO*, da raiz sânscrita "vic", aldeia, etc. (6)

De par com estas achegas, procuramos perlustrar passagens clássicas, de autores antigos e modernos, a partir do século XVI; buscamos assinalar, aí, tanto quanto possível, por ordem cronológica, a evolução semântica (metassemia diacrônica), experimentada por várias palavras de nossa língua; admitimos, por norma, não o simples testemunho de um clássico, mas o uso dos clássicos; remontamos às suas origens; damos-lhes as acepções etimológicas e, por fim, apontamos as mudanças de sentido.

A alguém que nos pergunte: Por que os clássicos, como ponto de partida? Responderemos simplesmente: Não são por considerá-los verdadeiros artistas da palavra e mestres da língua, senão que *os clássicos dizem muito com poucas palavras; ao passo que outros precisam de um exército de palavras para abrir caminho a um minguado número de idéias*". (7).

Como já vimos na introdução deste trabalho, a palavra clássico é tomada aqui em um sentido diferente daquele que lhe é atribuído pelo classicismo, por isso, para nós, há escritores contemporâneos que são também clássicos da língua.

3.1.1. Acepções Clássicas e a Evidência de Metassemas Diacrônicos, na Língua.

a) ACORDAR-SE= Recordar-se, lembrar-se.

O verbo ACORDAR vem do latim corrente "ACCORDARE" ("AC- por AD-"prefixo latino, tendo como base última "COR, CŌR-DIS", coração, mente, + o sufixo verbal -AR < "-ARE", latino).(8).

Em sentido próprio, ACORDAR sinonimiza: despertar do sono, tirar do sono; a pessoa, que desperta, entra na posse de seus sentidos; isto é, aviva a mente.

Quando pronominalizado, quase sempre se emprega na acepção de: ESTAR DE ACORDO, COMBINAR-SE, HARMONIZAR-SE, AJUSTAR-SE, ENTENDER-SE, AVIR-SE, HAVER-SE, e, como um brasileirismo sintático, na linguagem coloquial, também significa: sair do sono, despertar, como se fosse verbo intransitivo.

Sirvam de abonações deste uso os registros coligidos por Aurélio Buarque, em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, p.29:

Engole-Cobra ACORDOU-SE aos gritos. (Mário Brandão, Almas do Outro Mundo, p. 35); *ACORDEI-ME com o barulho de pancadas enormes na minha porta.* (Luís Jardim, Maria Perigosa, p. 61).

No entanto, os clássicos, à época, deram-lhe outra acepção, a de RECORDAR-se, LEMBRAR-SE:

"ACORDA-TE de tua morte e não pecarás. (H. Pinto, I.V. C., II, p. 89;/ agora encomendo eu muito a V.M.^{ce}, me sofra como seu despertador e que SE ACORDE do prometido a Deus (Chagas, C. E., p.69);/ a estatura soberba, o saio negro, o morrião, a negra cor das plumas, nenhum SE ACORDA de os jamais ter visto (Castilho, N. do C., p.22); de vê-lo SE ACORDAM (Garrett, Cam., p.103)."

Em que pese a mudança semântica, evidenciada nestas passagens literárias dos séculos XVI, XVII e XIX; e não mais consagrada nos nossos dias, percebemos que os clássicos daquela época não se divorciaram do étimo, isto é, guardaram, de todo em todo, fidelidade ao sentido primitivo da palavra.

No século XX, o verbo ACORDAR, como transitivo direto e indireto, ao mesmo tempo, sinonimiza conciliar, acomodar:

Cumpra alterar a construção, para ACORDAR o texto com o pensamento. (Rui, Parecer, 142; apud Francisco Fernandes, Dicionário de Verbos e Regimes, p.48).

Ainda, em nosso século atual, o verbo ACORDAR, não como pronominal, e sim como transitivo direto, sinonimiza resolver de comum acordo, concordar:

Acordaram que não seria conveniente sair antes de amanhecer. (Caldas Aulete, Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, I, p.67).

Ficou acordado que a guerra principiaria pelo ataque dos portugueses a Castela. (Antero de Figueiredo, Leonor Teles, p. 145, 7^aed.; apud Aulete, op. cit., p.67).

Ainda como transitivo direto e não como pronominal, o verbo ACORDAR, em nossos dias, significa, também, pôr em atividade:

Aquele fato acordou a sua sensibilidade adormecida. (Aulete, op. cit., p.67).

b) APELIDAR - Convocar.

Oriundo do latim clássico "APPELLITĀRE", verbo frequentativo de "APPELLĀRE", chamar, nomear; etimologicamente designa: *chamar muitas vezes*. Por extensão, significa, também, *chamar por apelido, alcunha ou sobrenome; cognominar; denominar*. (9).

Passagens clássicas hã, contudo, em que APELIDAR adquiriu uma nova acepção, a de CONVOCAR:

"APELIDARAM toda a companhia dos soldados que os judeus levavam para guarda, porque ninguém se atrevesse a querer defender o Senhor. (T. de Jesus, T. de J., II, p. 168);/... APELIDANDO em seu favor a terra toda (B. Brito, M. L., I, p.49) ; Simão Mago APELIDOU todo o povo romano para o verem subir ao céu. (Vieira, apud Constâncio em seu *Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa*, p.97);/ tomada esta determinação, APELIDA toda sua terra, congrega a maior massa de gente (Castilho, Q.H.P., I, p.110)."

Nestes fragmentos literários, datados dos séculos XVI, XVII e XIX, está patenteada a translação semântica de APELIDAR em relação ao seu sentido etimológico.

O verbo APELIDAR também já sinonimizou: CONVOCAR, haja vista este passo de Euclides da Cunha, em *Sertões*, p.198:

Ao cair da tarde, a voz do sino APELIDAVA os fiéis para a oração. (Apud Francisco Fernandes, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*, p. 84).

Nada obstante, na linguagem de nossos dias, empregamo-lo em sua acepção etimológica, isto é, como sinônimo de chamar muitas vezes e, por extensão semântica, chamar por apelido, alcunha ou sobrenome, cognominar, denominar, nomear, etc.

c) APOSENTAR= Alojjar, hospedar, dar aposento.

APOSENTAR-SE= Alojjar-se, tomar aposento, hospedar-se.

Entende Constâncio ser este verbo *constituído do prefixo "A-" mais o latim "PŌSĪTUS", posto, situado, p.p. de "PŌNĒRE", pôr; e significa: dar aposento, alojjar; dar aposento em virtude do privilégio de aposentadoria*. (10).

Antenor Nascentes, contudo, oferece-nos outro ensinamento:

APOSENTAR - Por apousentar, de a, pouso e do sufixo entar, com redução do ditongo ou em sílaba átona como apoquentar. Tomou depois o sentido de jubilar. (11).

Mais acorde com a lição de Nascentes, e seguindo-lhe

na esteira, estamos em que APOSENTAR, através de sua forma antiga APOUSENTAR, promana do prefixo latino "AD-", na forma vernácula A-, mais POUSO, s.m., de verbal de POUSAR, no latim clássico "PĀUSO, PAUSĀRE," (12), repousar, parar, descansar em algum lugar; e do sufixo verbal factitivo (atribuição de uma qualidade ou modo de ser)- ENTAR, também de procedência latina, com a redução do ditongo OU em sílaba átona.

Etimologicamente, significa, portanto, ALOJAR, DAR APOSENTO.

O uso clássico obedeceu, assim, ap étimo, conservando-lhe o sentido, conforme atestam os trechos seguintes:

"Quando ele já tornou, estava a corte APOSENTADA na - aquela cidade (Bernardim, M. e M., p.132); pesa-lhe que tão longe o APOSENTASSE das terras europeias abundantes, a ventura (Cammões, L., c. VIº, e. I^a); tornando-se, APOSENTOU-SE com eles na cidade de Nazarē (T. de Jesus, T. de J., I, p.148);/foi no melhor da corte APOSENTADO como era, a seu valor, conveniente (R. Lobo, C. de P., p. 60); Luís de Melo, com os seus, foi APOSENTADO no baluarte Santiago (Jacinto, V.D.J.C., p.164);/Verão....aquele íntimo secreto....onde SE APOSENTOU o verbo Divino (Sacramento, V.H.P., p. 209); ajuntai ainda as pretensões de sua família, muitos membros da qual SE APOSENTARAM já em minha casa (Filinto, O.C., X,p. 127); /não há julgá-lo doutro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana e dous filhinhos que APOSENTOU em Lisboa, num palacete de Belém (Camilo, R.H.R.,p.98); uma hora depois estava o rapaz APOSENTADO num lindo quarto (M. Assis. H.S.D., p. 239); /APOSENTADO o Sr. Bispo, veio ter com ele o subdelegado do lugar (Silvério V. D.V., p.245);mosteiro de S. Domingos, onde SE APOSENTARAM as primeiras figuras desta comitiva principesca (Antero, L.T. , p.192)."

A par desta acepção de ALOJAR, DAR APOSENTO, HOSPEDAR, evidenciada nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e primeiro quartel do século XX, através da pena das maiores expressões da literatura luso-brasileira, o verbo APOSENTAR já sinonimizou, também, morar, residir, habitar, viver, de que constituem exemplos estas passagens:

Onde APOSENTAVAM os capitães (Crônica de D.João III , capítulo III, p.4-, apud Constâncio, em seu *Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa*",p.95). Neste bosque

uma ninfa SE APOSENTA. (Camões, apud Caldas Aulete, em seu *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, vol.I, p. 331). Uma casa....onde creio que APOSENTA. (Morais, apud Francisco Fernandes, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*, p.87).

Consoante acentuou Nascentes (op. cit.), o verbo APOSENTAR depois tomou o sentido de jubilar e, na linguagem hodierna, não mais o empregamos sinonimizando ALOJAR, DAR APOSENTO, tampouco como residir, morar, viver, habitar.

Atualmente, o seu uso quase se restringe à aceção de dar aposentadoria, reformar, jubilar; conservando, no estado de inatividade, o vencimento por inteiro ou parcial, ao fim de certo tempo de serviço ou por invalidez; sentido corrente na nossa linguagem burocrática.

d) ARMAR A= Pretender, dispor-se a conseguir, procurar, visar, candidatar-se a.

O verbo ARMAR procede do latim clássico "ARMARE", prover, munir de armas. (13). É largamente empregado também significando: aparelhar, equipar, aprestar (uma embarcação); abastecer de petrechos e munições de guerra (uma fortaleza, navio, etc.).

Quando pronominalizado, além de seu sentido etimológico de: prover-se, munir-se ou vestir-se de armas; adquire, na linguagem figurada, a aceção de resguardar-se, precaver-se, precatar-se, precaucionar-se, acautelar-se:

ARMOU-SE contra a tempestade.

Não obstante, nas melhores páginas de escritores de nossa língua, antigos e modernos, é encontrada uma nova aceção para ARMAR, quando acompanhado da preposição A, aquela em que ele sinonimiza PRETENDER, DISPOR-SE A CONSEGUIR, PROCURAR, VISAR, CANDIDATAR-SE A:

"ARMAIS A introduzir nesta prática quanto tendes lido nos prognósticos do vosso Arnaldo de Vilanova (Arrais, D., p. 18);/....laço, com que V.Sa. ARMAVA A suas maiores pretensões (F.M. Melo. C.F., p.24);/faltava-me arte de me salvar de sua astúcia que ARMAVA sempre A dar conta a seu amo da impressão que as cartas em mim faziam (Filinto, O.C., XI, p.414);/é natural que o candidato inglês ARME A popularidade (Lisboa, O.C., I, p.122); eu escrevi as confissões de minha vida toda, não para ARMAR A fama (Castilho. M.U.M., p.281);/esta é a verdade que vai francamente exposta neste livro de verdades, o qual não ARMA AOS

aplausos dos portugueses, nem AOS louvores dos compatriícios (Lêda, Q.L.B.,p.29); o governo americano ARMAVA A aspirações políticas de intenso alcance (Rui, F.P.R.,p. 406)."

Como se pode inferir destes fragmentos literários, datados dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e primeira metade do atual, o verbo ARMAR, quando preposicionado, adquiriu novo sentido, destaciado, de todo, de seu étimo, uso que veio caracterizar a alteração semântica, não mais corrente em nossos dias.

e) ASSINAR = Apontar, Marcar, Designar, Aprazar.

Provêm do latim clássico "ASSIGNĀRE" ("AS-" por "AD-", prefixo latino e "SIGNĀRE", derivado de "SIGNUM", sinal, + o sufixo verbal latino "-ARE," na forma vernácula, temos -AR).(14).

Etimologicamente, significa apor um sinal, deitar a assinatura, assinalar, firmar com seu nome ou sinal (carta ou escritura, para as tornar valiosas e responder por elas), marcar com o seu nome (uma obra, para se declarar autor dela): ASSINAR um livro, um quadro, etc., gravar, imprimir, escrever a própria assinatura.

Quando pronominalizado, sinonimiza subscrever-se, firmar-se, pôr o seu nome na parte inferior de carta ou de outro documento; portanto, conservando-se fiel ao conteúdo semântico do étimo.

Juntamente com a sua acepção primitiva, expendida acima, ainda hoje em curso na língua, os nossos autores clássicos deram ao verbo ASSINAR um novo sentido, o de APONTAR, MARCAR, DESIGNAR, APRAZAR:

"ASSINOU el-rei tempo limitado em que pudessem estar no reino (D. Góis, C.D.E., p.18); verdadeira é a diferença que Sêneca nas suas epístolas ASSINA entre as enfermidades corporais e espirituais (Arrais, D.,p. 105); O Padre ASSINARA o dia e a hora de sua morte (Lucena, A.P., I.p. 264);/...depois de ASSINAR dia para as exéquias de seu pai (Souza, A.D.J.,I,p.38); duas razões de sua repetição, ASSINOU o amado de Cristo (Bernardes. N.F., III,p. 126);/ com novo e mais benigno influxo lhe trocou a vivenda, ASSINANDO-lhe por morada (já na corte) a casa do Noviciado da Companhia de Jesus (A. Barros, V.A.P.A.V.,I, p. 276); e um dia ASSINADO, Herodes, vestido em traje real se assentou no Tribunal (Pereira, B.S., Atos,cap. XII,v. 21);/ a prosperidade ASSINA a cada um o seu quinhão de glória (Lisboa. O.C.,I.p. 88);/ até a estratégia naval tem que estar em ativi -

dade....ASSINANDO aos navios ou às esquadras, as posições convenientes (Rui, C. de I., p. 260); deixo aos leitores tomar o peso deste testemunho pelo lugar que lhe ASSINA entre os prelados do Universo (Silvêrio, V.D.V., p. 347)."

Com estas abonações dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e do primeiro quartel do atual, evidenciamos o novo colorido semântico do verbo ASSINAR, que lhe atribuíram os clássicos, completamente divorciado de seu sentido etimológico.

Esta metassemia, de sabor eminentemente literário, não mais a encontramos na linguagem hodierna, salvo como num preciosismo estilístico.

f) CALMA= Calor produzido pelo sol.

Proveniente do grego "KAUMA", calor, pelo latim clássico "CĀUMA, ĀTIS", calor ativo, ardente, havendo, no português, a consonantização do u num l velar. (15).

Etimologicamente, CALMA significa calor, calor ativo, calor produzido pelo sol, o tempo do dia em que o sol aquece mais, hora quente da tarde.

Antenor Nascentes oferece-nos esta lição:

Calma - Do Dr. Kauma, queimadura, calor, pelo lat. cauma e pelo it calma (M. Lubbke, Rew, verb. 1779); significou propriamente a parte quente do dia (Diez, Gram., I, 53). Quando não há vento, fica no mar um calor abafado e reina tranquilidade na superfície; daí a mudança de sentido para calmaria. Stappers acha que a mudança veio de evocar a parte quente do dia e a idéia de cessação do trabalho, repouso, tranquilidade. (16).

Como termo náutico, CALMA sinonimiza tempo de calma - ria, em que não sopra a menor aragem.

Na verdade, CALMA, em sentido figurado, sossego, tranquilidade, quietação, serenidade de ânimo, inação, etc., é, hoje, a acepção corrente dentro da língua portuguesa.

No entanto, era comum, entre os clássicos, na sua linguagem, por vezes, mais conservadora e menos esquedida do étimo, o uso de CALMA, em seu sentido próprio, isto é, significando CALOR:

"Outra muita variedade de regalos: uns para a CALMA, e outros para o frio (T. de Jesus, T. de J., I, p. 84); porque o fervor da CALMA é acabado, ergamo-nos e caminhemos (H. Pinto, I.V.C., I.p. 132);/ para todos houve verão e inverno, frio e CALMA (F.M.Melo; A.D., p. 30); em Sicília certo mancebo...saíra,

ã prima noite, a banhar-se no mar, por despicar-se, com este refrigerio, das CALMAS do dia (Bernardes, N.F., I.p. 477);/ um dia, pois, que ã sombra desejada se repousam, passando a CALMA ardente.... Fernando, um deles diz (Durão, C.,c. Iº, e.33); fatigado da CALMA, se acolhia junto o rebanho ã sombra dos salgueiros (Cláudio. O.,I. p.33);/ os ramos sequiosos como que se penduravam para aplacar os ardores da CALMA (Rebêlo, C. e L.,p. 162); muita CALMA, hem? ã de frigir ovos (Herculano. M. de C. , II, p. 97)."

Não sã no uso de CALMA, porã sim no de seus cognatos ENCALMAR e DESENCALMAR, os nossos clãssicos mantiveram-se acordes com o ãtimo.

ENCALMAR= Causar calor a, esquentar, abrasar (o sol), aquecer.

"O ardor da sesta ENCALMA os gados e emudece os campos (Filinto, P.,p. 173);/ estavam ENCALMADOS pela força do sol (Silvãrio, V.D.V., p.6)."

DESENCALMAR= Aliviar o calor, refrescar, refrigerar.

"El-rei os mandou tambã assentar defronte dele e mandava-lhes dar ãgua ãs mãos para DESENCALMAREM porque, posto que fosse inverno, nã deixava de fazer CALMA (Castanheda, H. do D., I, p.60);/ D. Cipriana DESENCALMAVA-SE com uma taça de hidromel (Herculano, M. de C., II, p. 164)."

Nada obstante, hodiernamente, o emprego de ENCALMAR, como o de DESENCALMAR, quase se restringe ao seu sentido figurado, como sinãnimos de tranãuilizar, sossegar, serenar, acalmar.

g) CASAL= Casa de campo, vivenda.

Formado, na lãngua portuguesa, do substantivo feminino CASA, oriundo do latim clãssico "CASĀ, ĀE", casebre, choupana, choça, moradia rãstica, em oposiãõ a "DOMŪS, US", casa, domicãlio, habitaãõ, morada, + o sufixo nominal -AL < "-ALE", forma latina, denotando, aqui, *terreno, coleãõ*. (17).

Etimologicamente, CASAL significa casa de quinta, propriedade rãstica, com casa de habitaãõ;e, por extensãõ semãntica, solar, lugarejo de poucas casas, pequena aldeia.

Daã se depreende que o uso generalizado, entre os escritores clãssicos, da palavra CASAL= CASA DE CAMPO, VIVENDA, se coaduna com o seu sentido etimolãgico:

"Foi-se viver a seu CASAL, longe de Roma (H. Pinto, I. V.C., II, p.4); não hã gosto que chegue a semear terra minha.... e viver no meu CASAL longe da corte (Arrais, D., p.71); para que se veja como lhe pertence o CASAL, sobre que litiga com seu vizinho (Lucena, A.P., II, p. 99);/ estava fugida da peste... em um CASAL que tinha no lugar da Torrugem (Sousa, V. do A., I, p. 17);/ Tenho prōprio CASAL e nele assisto (Gonzaga, M. de D., p. 1);/ recolhida ao CASAL jã noite (Castilho, G., l., IIIº, V. 187); vive em companhia da mãe, em um CASAL, que lhe doou o seu protetor (T. Vasconcelos, P. A.D., p. 263);/vêem-se, por entre latadas, branquejar CASAIS modestos (Antero, J. em P., p. 17)."

Em que pese a farta colheita de citações literárias, dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX; na linguagem distensa de nossos dias, não mais é comum o emprego de CASAL na sua acepção prōpria, visto que adquiriu novo sentido, o de PAR, composto de macho e fêmea, ou homem e mulher.

Acerca desta metassmia diacrônica, convêm aduzirmos o pensamento de Antenor Nascentes, em seu criterioso *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 101:

No sentido de par de animais de sexos diferentes, vem da idéia de viverem eles, juntos no mesmo CASAL. - O grifo é nosso.

h) COMPADECER-SE= Ser compatível, conciliar-se, harmonizar-se, ajustar-se, coadunar-se.

Constituído do prefixo latino "COM-", originariamente "CUM-", designando companhia, sociedade, + "PATĒSCĒRE", verbo do latim clássico, como incoativo de "PATĪOR, PATĪ", depoente, que significa sofrer, (18).

COMPADECER-SE, etimologicamente, sinonimiza participar dos sofrimentos alheios, condoer-se, comiserar-se, apiedar-se, ter compaixão de.

É, aliás, nesta sua acepção prōpria que hoje o utilizamos, em nossa linguagem informal.

Entretanto, o uso de COMPADECER-SE, em sentido figurado, como sinônimo de SER COMPATÍVEL, CONCILIAR-SE, HARMONIZAR-SE, AJUSTAR-SE, COADUNAR-SE, tem recebido a chancela dos melhores escritores de nossa língua, através dos tempos:

"Com as consolações deste mundo, não SE COMPADECEM as de Deus (Arrais, D., p. 87); como SE COMPADECE num mesmo tempo

estarmos e correremos, ficarmos e passarmos? (H. Pinto, I.V.C. , I, p.25);/duas inclinações que SE COMPADECEM mal em um sujeito, como são disciplina militar e perfumes de gente que professa vida ociosa (B. Brito, M.L., I, p.43); é tanto como essencial ao nome de Maria uma filiação divina, que não SE COMPADECE com filiação puramente humana (A. de Sã, S.N.S.M., p. 15);/ nem esta tolerância nem aquela ordem... SE COMPADECEM com a asseveração de que os governadores gerais trabalharam por impedir as invasões dos paulistas (Gaspar, M. H. C.S.V., p. 232); orgulho é esse que muito SE COMPADECE com a virtude (Filinto, O.C.,X, p. 376);/ em toda a parte a soberana potestade estabelece as leis que mais SE COMPADECEM com a sua utilidade (Látino, O. da C. , intr. CCIII);/ver....matronas da primeira nobreza acarretar água, preparar a comida SE COMPADECE tão pouco com os costumes, que aqueles fatos reais se nos figuram cenas imaginárias (Silvêrio, V.D.V., p. 327)."

Esta alteração semântica, distanciada inteiramente do étimo, — diga-se de passagem — , de pouca aceitação no falar espontâneo do nosso povo, representa, em nossos dias, um torneio de expressão, um recurso estilístico, pertencente, apenas, à linguagem dos doutos.

i) CONJUNÇÃO= Circunstância, conjuntura, ocasião, ensejo, oportunidade.

O substantivo CONJUNÇÃO vem do latim clássico "CONJUNCTIO, ŌNIS", na forma acusativa "COJUNCTIŌNEM" de "CONJUNGĒRE", ligar, unir; etimologicamente, significa ligação, união, conexão, concurso. (19).

Nomenclatura gramatical, CONJUNÇÃO é a palavra invariável que liga (relaciona) duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

Os clássicos, antigos e modernos, todavia, emprestaram-lhe uma outra acepção, a de CIRCUNSTÂNCIA, CONJUNTURA, OCA-SIÃO, ENSEJO, OPORTUNIDADE, de que, hoje, só há vestígios.

"- Se por seus feitiços e astrologia acham boa CONJUNÇÃO e hora afortunada no primeiro dia de setembro, naquele o começam (D. Góis, C.D.E., p.98); negócios grandes do reino, que Deus ordenaria que naquela CONJUNÇÃO se acumulassem (T. de Jesus, T. de J., I,p.112);/ é tempo de dizermos alguma coisa do que, nesta CONJUNÇÃO, se fazia pelos nossos naturais em Ásia

(Sousa, A.D.I., I.p. 101); tal é pontualmente a circunstância e CONJUNÇÃO do tempo em que nos achamos (Vieira, S., XI, p. 106); /nesta CONJUNÇÃO caiu o forte de Inhobi (Jaboatão, N.O.S.B., II, p. 74);/ de folgar eram elas e sobradamente deleitosas naquela CONJUNÇÃO (Castilho, Q.H.P., II, p. 218);...conseqüências que naquela melindrosa CONJUNÇÃO era necessário evitar (Herculano, B., p. 179); esta era a CONJUNÇÃO favorável de Joaquim Luís falar , ao pretendente de sua filha, em assunto de dote (Camilo, T.I., p.46);/ foi numa destas CONJUNÇÕES que o Sr. Bispo do Ceará, então seu companheiro, o encontrou (Silvêrio, V.D.V., p. 307)."

J) DISCURSO= decurso.

Originou-se do latim clássico "DISCŪRSUS", particípio passado de "DISCŪRRO, DISCŪRRĒRE", discorrer, correr de um lugar para outro, o andar vagando, — pouco usado neste sentido—, que, aliás, é o próprio do radical latino. (20).

Hodiernamente, atribuímos-lhe a acepção de peça oratória, proferida em público ou escrita como se tivesse de o ser; exposição metódica sobre certo assunto; arrazoado, oração, fala.

Na linguagem familiar, DISCURSO adquiriu a carga significativa de palavras vãs ou de ostentação.

Nada de discurso, vá direto ao assunto. (Apud Aurélio Buarque, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 483).

Aqui, o seu emprego entremostra um sentido pejorativo.

Juntamente com o sentido de exposição de idéias, de viva voz ou por escrito, os clássicos, até os do século XIX, por influência do étimo, deram-lhe, também, a acepção de DECURSO, espaço de tempo que corre:

"É razão que no capítulo seguinte trate algumas particularidades do DISCURSO da sua vida (D. Góis, C.D.E., p.8); que foi o nascimento de Cristo e sua morte e todo o DISCURSO de sua vida senão uma reprovação da falsa sabedoria do mundo? (H. Pinto, I.V.C., I, p.67);/inda hoje a conserva, como diremos no DISCURSO da história (B. Brito, M.L., I,p. 48); veio o DISCURSO do tempo a abrir os olhos aos mouros (Sousa, A.D.J., II, p.171); do que achava pelo DISCURSO do ano, se vestia e pagava as casas (F.M. Melo, A.D., p. 92);/ a cada passo que damos no DISCURSO da vida, se nos oferece um teatro novo (M.Aires, R.V.H., p. 97); /apontaremos aqui a seu favor o que no DISCURSO desta obra teremos ocasião de desenvolver mais largamente (Castilho, Q.H.P., I,p. 83); na margem direita do Tejo....jaz assentada a fortale-

za que.... depois, pelo DISCURSO de muitos anos, se chamou S.Girão (Latino, A. e N., p.101)."

1) DISCURSO= Raciocínio, razão, discernimento.

De etimologia já apresentada, neste trabalho, DISCURSO, na linguagem literária, nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e primeiro quartel do atual, também sinonimizou RACIOCÍNIO, RAZÃO, DISCERNIMENTO; aceção em que hoje não mais o empregamos:

"Perguntado Anaxágoras, dum homem depravado e de fraco DISCURSO, quem era bem-aventurado, respondeu: não por certo quem tu cuidas que o é (H. Pinto, I, V.C., IV, p. 292); porém logo lhe mostrou o sucesso quão errados são muitas vezes os DISCURSOS do juízo humano (Sousa. A.D.J., I,p.2); anos havia que el-rei tinha entendido em seu grande juízo e bom DISCURSO... (Sousa, apud Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, II, p. 1249); quem pelo DISCURSO humano presume esquadrinhar os juizes divinos, sonda o mar com uma bôia (Bernardes, P.E., p. 239);/o sentimento privou-me do DISCURSO (Gonzaga, M. de D., p. 197); a mais pura alegria é aquela que gozamos no tempo da inocência, estado venturoso em que nada distinguimos por DISCURSO, mas por instinto (M. Aires, R.V.N., p.144);/o que pede o bom DISCURSO é que, por um fato ser verdadeiro, não tiremos dele conseqüências mais gerais do que nele se contêm (Castilho, C.A., p. 155);/ foi receber no Céu o prêmio de suas muitas virtudes, quanto podemos alcançar pelo DISCURSO humano (Silvêrio, V.D.V., p. 32)."

A palavra DISCURSO, para Mattoso Câmara, op. cit., às pp. 147-148, *em sentido lato, é o termo que melhor corresponde em português ao termo francês PAROLE, estabelecido por Saussure (Saussure, 1920, 30 ss.). É "a atividade lingüística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo."* (Câmara, 1959, 20).

"É, portanto, a língua (v.) atualizada num momento dado, por um dado indivíduo, quer como FALA (discurso oral), quer como ESCRITA (discurso escrito). Pode-se dizer assim que é a MENSAGEM, na base de um CÓDIGO, que é a língua.

Em sentido estrito, o discurso é a *reprodução que se faz de um enunciado atribuído a outra pessoa.* (Nascentes, 1946, 37).

Em composição literária, chama-se discurso aquela que se destina a ser pronunciada diante de um auditório. > (Mattoso Câmara, op.cit.,147-8).

Para Massaud Moisés, em seu Dicionário de Termos Literários, 1974, às pp. 152-153, o vocábulo "discurso" ostenta, segundo o contexto em que se inscreve, polivalência de sentido. No plano da Oratória, designa a elocução pública que visa a comover e persuadir. Pode ainda assumir a denotação de "tratado", "dissertação", ou equivalentes, como, por exemplo, o Discurso do Método (1637), de Descartes, o Discurso acerca do Estilo (1753), de Buffon, o Discurso acerca da Desigualdade dos Homens (1755), de Rousseau.

Na esfera dos estudos lingüísticos, entende-se por "discurso" o que Ferdinand de Saussure chama parole.

A respeito, ainda, das várias acepções em que a palavra DISCURSO pode aparecer no contexto, em nossa linguagem atual, continua Massaud Moisés:

Estribando-se em G. Antoine (La coordination en français, 1958), que considera o discurso uma "imensa coordenação", Jean Cohen entende por discurso a "sucessão coordenada de frases" (Structure du langage poétique, 1966, p.166).

Finalmente, além de corresponder ao "diálogo", ou seja, a transcrição das trocas verbais entre duas ou mais personagens ou pessoas, o termo "discurso" também se adota na área dos estudos filosóficos.

m) EMBORAS= Parabéns, felicitações.

Houve a substantivação de EMBORA, forma contracta de *Em Boa Hora*, locução oposta a *Em Mã hora*, fora de tempo, inoportunamente.

A locução *Em Boa Hora* procede da preposição latina *IN*, indicando uma circunstância de tempo, mais o adjetivo *BŌNĀ*, feminino singular de *BŌNŪS*, na forma ablativa *BŌNĀ*, mais o substantivo *HORA* do grego pelo latim clássico *HŌRĀ*, ĀE.(21).

Em resumo: EMBORA < EM+BOA+HORA < IN + BŌNĀ + HŌRĀ.

Antenor Nascentes (op. cit., p.170) explica-nos:

Era uma locução....que aparecia com quaisquer verbos no optativo em época em que dominavam as práticas astrológicas. Restringiu-se depois o seu emprego aos verbos IR e VIR, passando a significar pleonasticamente o afastamento.

Hoje em dia, houve a contração e EMBORA é, comumente, usado como advérbio de intensidade, com o sentido de depressa, sem demora; ou como conjunção significando se bem que, conquanto, ainda que, etc.

Os clássicos, porém, substantivaram EMBORA, como nome masculino e flexionaram-no no plural, dando-lhe a acepção de PARABÊNS, FELICITAÇÕES, esvaziando, assim, o conteúdo semântico de seu étimo:

"Os príncipes da Ásia com ambiciosas mensagens lhe deram EMBORAS da vitória (Jacinto, V.D.J.C., p. 211);/senhor conde de Ourém, dignai-vos aceitar os sinceros EMBORAS, os parabêns do coração (Garrett, Alf. de S., p. 152); os sonhos das noites me vinham todos povoados de inumeráveis e cordiais abraços, de EMBORAS, perguntas e respostas de bons amigos (Castilho F. pela A., p. 152); ninguém lhe apertou a mão, dando-lhe os EMBORAS de sair vivo dos ferros (Camilo, F.D.N., p. 86);/ veio ter com ele certo sujeito; e, entre EMBORAS pela distinção tão merecida quão pouco procurada, perguntou se seu condado era alguma povoação nesta província (Silvério, V.D.V., p. 317)."

EMBORAS não só significa, na linguagem literária, PARABÊNS, FELICITAÇÕES, mas também significou ADEUSES, DESPEDIDAS:

"Naqueles quatro lenhos que soltam as velas em frente do Restelo, ante as copiosas lágrimas e os simpáticos EMBORAS de numerosa povoação, naquelas quatro galês...vai a fortuna de Portugal e os destinos da moderna Europa (Latino, A. e M., p. 78)."

Na linguagem hodierna, não mais ocorre esta última mudança semântica, nem sequer como um recurso estilístico; arcaizou-se completamente.

n) ESTAR QUE, ESTAR EM QUE= Entender, ser de opinião, julgar.

O verbo ESTAR promana do latim clássico "STŌ, STĀRĒ", etimologicamente, significa estar em pé, estar firme, permanecer em algum lugar, conservar-se em dada posição física. (22).

Não trataremos, aqui, de ESTAR como verbo auxiliar, tão usado na linguagem corrente, tampouco como de ligação (connectivo), — elemento indicativo do aspecto sob o qual se considera uma qualidade ou uma condição do predicativo em relação ao sujeito — visto que o nosso escopo tem sido a mudança semântica, no decurso do tempo.

Excele, para nōs, o verbo ESTAR, como transitivo, acompanhado da conjunção integrante QUE, derivada do latim *QUIA* (*artigo plural neutro de QUI*)^{*} (23), fartas vezes, precedido da preposição EM, do latim "IN".

ESTAR QUE ou ESTAR EM QUE adquire uma nova acepção, a de ENTENDER, SER DE OPINIÃO, JULGAR, num verdadeiro apagamento semântico de seu étimo, conforme o evidenciam estes passos literários.

"Também ESTAVA EM QUE tanto são as leis para socorrer os cidadãos, quanto o são para intimidá-los (Filinto, O.C., IX, p. 82);/ com pequenas correções na forma, ESTOU EM QUE será útil e agradável a Deus e à Igreja (Rebêlo, M.D.J., I, p. 53); ESTOU EM QUE te hã de tratar sempre muito bem (Castilho, M.U.M., p. 251); ESTOU QUE a beleza de Leonor não fascina ninguém (Camilo. R.M.R., p. 223); sei que é bom e ESTOU QUE é sincero (M. Assis, Q.B., p. 224);/ ESTOU QUE, nem por ser de Latino Coelho, será das mais bem soantes a locução *nunca pôde*, (Rui, R., nº43, p. 26); refletisse o Dr. Rui Barbosa....e ESTOU QUE não seria tão iníquo como foi (E.C. Ribeiro, Tr., p. 512); força-me a gentileza de sua carta a estas confabulações, as quais ESTOU QUE ninguém lerã (Laudelino, N. e P., III, p. 21)."

Por fim, estamos em que esta metassemia diacrônica, de reconhecido sabor clássico, não sō fora usada pelos escritores de antanho, senão que encontra agasalho nos contemporâneos que cultuam as excelências da língua portuguesa.

o) FALECER= Faltar.

Origina-se de uma forma latina "FALLESCĒRE", verbo incoativo de "FĀLLO, FALLĒRE", enganar, faltar. (24).

FALECER é, propriamente, faltar a vida, o alento, o espírito.

Para Antenor Nascentes (op. cit., p. 207), *o sentido arcaico é faltar; morrer é moderno.*

Em outros termos, temos: FALECER = FALTAR conserva o sentido etimológico e, em FALECER= morrer, houve uma pequena alteração semântica, através dos tempos.

Atualmente, na nossa linguagem coloquial, sō a acepção de morrer, expirar, perder a vida lhe é atribuída.

Nada obstante, os escritores clássicos, antigos e modernos, quase sempre mais fiéis ao étimo, consagraram, também, a sua acepção própria da FALTAR:

*QUIS

"Jã a ela lhe ia FALECENDO a fala (Bernardim, M. e M., p. 33); sō me FALECE ser a vōs aceito (Camões, L., c. XQ, e.155); /nã cuide o inimigo que o intento com que me ofereci, jã me FALECE (R. Lōbo, C. de P., p. 41); entrei em lugar da chapa que FALECIA e ficou tudo feito (F.M.Melo, A.D., p.83);/cobrem com seu amparo a outros literatos, a quem sobra em luzes o que lhes FALECE em cabedais (Filinto, O.C., IX, p. 384);/o espīrito de meu pai desceu do cēu e veio unir-se ao meu, trazer-lhe toda a força e virtude que FALECIAM numa criança (Garret, Alf. de S., p. 211); em vossas casas FALECE a prata e o cobre (Castilho, F. pela A., p. 93); estive a ponto de ter que levar a vossos pēs mais uma mentira com os outros pecados que me nã FALECEM (Herculano, L. e N., I. p. 249); FALECIAM-LHE forças para o trabalho (Camilo, R.H.R., p. 153);/FALECEM-nos elementos para a constituição de um idioma (Lêda, Q.L.B., p. 8); como vē o Sr.G. P., FALECEM regras absolutas, mas hã normas mais ou menos seguras (Cândido, F. e E., I, p. 262)."

p) FORTUNA= Sorte, destino.

Procedente do latim clãssico "FORTŪNA, AE", sorte (boa ou mã), destino, tem como radical latino, *FORS*, em seu sentido próprio acaso, sorte, fortuna. (25).

A tītulo de melhor compreensão do ētimo, devemos frisar que *FORS*, como substantivo, sō se usa no nominativo e no ablativo singular *FORTE*, casualmente, por acaso, porventura; sendo nos demais casos substituído por *FORTUNA*.(26).

Como vimos, FORTUNA, etimologicamente, significa: sorte (boa ou mã), destino, sina, ventura, de que hoje, com menos freqüência, ainda fazem uso alguns cultores do idioma.

Haja vista esta abonação:

O Latim "caput" passou às línguas romances regularmente segundo as leis fonéticas, porém com FORTUNA vãria quanto à aplicação.(M. SAID ALI, Meios de Expressão e Alterações Semânticas, p. 94).

É nosso o grifo da palavra fortuna, comprovando o seu emprego, de acordo com o sentido etimológico.

Os escritores clãssicos, antigos e modernos, às vezes, mais apegados ao conteúdo semântico do ētimo, deram acolhida ir-restrita à FORTUNA, como sinônimo de SORTE, DESTINO:

"Tamanho pressa dava jã a FORTUNA ao desastre (Bernardim. M. e M., p. 60); mas se a FORTUNA tanto me sublima que eu

torne ã minha pãtria....(Camões, L., c. VIII, e. 68); magnânimo ã.... quem sofre temperadamente a prõspera e adversa FORTUNA (J. Barros, Pan., p.121);/nã dilatou muito, el-rei, o negõcio a quem FORTUNA mostrava tão assombrado rosto (B. Brito, M.L., I, p. 75);/experimentou, aos doze dias, tão contrãria FORTUNA queaos vinte e quatro de abril avistou ignorada terra e jamais sulcada costa (Pita, H.A.P., p.3); a mĩsera FORTUNA não maldi - gas, esposa (Clãudio, O., p. 170); quem debaixo do açoite da FORTUNA aflito geme (Gonzaga, M. de D., p. 98);/seja o que lem - bras, se a FORTUNA o aprova (O. Mendes, E., l. IVº, v. 113);um homem desterrado pela FORTUNA para alẽm-mar (Castilho, F. pela A., p. 112); iam dispostos a seguĩ-lo, na sua boa ou mã FORTUNA (Latino, F. de M., p. 147);/Nã sei por que boa FORTUNA me coube o saudar-vos hoje (E.C. Ribeiro, P.L.E.; p. 189); fa - ziam extremos de contentamento, por lhes haver sua boa FORTUNA deparado tal sacerdote (Silvẽrio, V.D.V., p. 58)."

Nada obstante o exposto, ao termo FORTUNA, em seu sentido prõprio, preferimos, atualmente, na linguagem distensa, sorte.

Segundo M. Said Ali: *A acepção em que hoje mais se usa o termo fortuna ã a de riqueza de alguẽm, e riqueza mais que suficiente para a pessoa adquirir todas as comodidades da vida.*" (27).

Esposamos, de todo em todo, este ensinamento, embora reconheçamos que o uso de FORTUNA, nesta acepção, de hã muito, tem sido condenado pelos puristas como sendo galicismo, a exemplo do registro de Caldas Aulete (1964, p. 1826).

Em defesa do emprego de FORTUNA, como sinõnimo de riqueza, temos não sã a força do falar espontãneo do povo, como a palavra de conhecedores da lĩngua e, aqui, merece destaque especial o registro de M. Said Ali: *Faltava-nos uma expressão adequada para denotar em conjunto os haveres que proporcionam o bem-estar.*

Recorreu-se novamente a fortuna, usado por metonĩmia.e se a idẽia teve por berço França, e não Portu - gal, não ã isto razão bastante para ser desprezada e privar-se de uma jõia o tesouro da lĩngua portuguesa. (28).

A exemplo de Aurẽlio Buarque, em seu *Novo Dicionãrio*

da *Língua Portuguesa*, p. 651, os mais modernos dicionaristas não mais registram a palavra FORTUNA como sendo galicismo, nesta acepção.

Venceu, mais uma vez, a força do uso. FORTUNA= riqueza já se incorporou ao nosso léxico. Está, assim, evidenciada a metassemia diacrônica.

q.) LIÇÃO= Leitura.

Promana do latim clássico "LĒCTĪO, ŌNIS", na forma acusativa "LECTIŌNEM". (29).

Etimologicamente, significa leitura, o ato de ler, escolha, eleição. Por extensão semântica, temos LIÇÃO sinonimizando exposição de qualquer matéria feita pelo professor ao aluno; aquilo que é apreendido ou assimilado pelo aluno através dos ensinamentos do professor; unidade didática no conjunto de cada disciplina ou curso; instrução.

Em sentido figurado, LIÇÃO=Ensinamento, conselho ou exemplo que serve de orientação à conduta, ao procedimento: *Quem é você para me dar lições?*" (Apud Aurélio Buarque, op.cit., p. 842); Experiência que serve de exemplo ou de aviso, especialmente em caso de falta ou erro: *Que isto lhe sirva de lição*". (Ibidem).

Ainda em sentido translato, LIÇÃO= Repreensão, castigo.

— Aplicou-lhes a devida lição.

Poderíamos alongar-nos, mais e mais, em considerações sobre a polissemia atual da palavra LIÇÃO, porém, consideramos isto tarefa para os dicionaristas; ademais, o nosso objetivo, neste trabalho, se restringe às alterações semânticas, evidenciadas, na evolução da palavra, com o andar do tempo.

Os clássicos, mais acordes com o conteúdo semântico do étimo de LIÇÃO, mantiveram-lhe a acepção de LEITURA.

"Homens de engenho que pretendem abalizar-se no estudo das letras e na LIÇÃO das histórias antigas.... (H. Pinto, I.V. C., II, p. 83); bem mostra Antíoco, em quanto fala, seu claro engenho ocupado em LIÇÃO de bons livros (Arrais, D., p.5);/ocupava-se até pela manhã na LIÇÃO da Sagrada Escritura (Sousa, V. do A., I, p. 75); como os versos não sejam LIÇÃO própria de sísdos, mas de mancebos, damas e ociosos (F.M. Melo, A.D.,p.367); /caduco, pouco leio; os olhos negam à prolixa LIÇÃO o acume an-

tigo (Filinto, P., p. 131);/ a LIÇÃO dos seus escritos nunca fora vedada (Lisboa, V.P.A.V., p. 211); costume era do homem.... alargar muitas vezes seu pensamento imerso na LIÇÃO dos nossos fastos (Castilho. Q.H. P., p. 19);/ educaram a faculdade da palavra na LIÇÃO de escritos estrangeiros (Rui, R., nº 422, p.180)!"

Conquanto os nossos autores, nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e primeiro quartel do presente lhe tenham conferido o sentido etimológico de LEITURA, não mais usado na nossa linguagem corrente; LIÇÃO, no falar de hoje, sinonimiza, de modo especial, exposição didática feita pelo professor; aula; preleção.

r) LUSTROSO= Ilustre, notável, esplêndido, apreciável, distinto.

Derivado do substantivo LUSTRO, brilho, polimento, lustre, de verbal de LUSTRAR, dar brilho ou lustre a, polir, oriundo do latim clássico "LUSTRĀRE", em sentido próprio, purificar, iluminar —, + o sufixo nominal latino "-OSU" na forma vernácula "-OSO", denotando *abundância*, etimologicamente, significa brilhante, polido, que reflete a luz, luzidio. (30).

Hã, porém, passagens castiças, assim nos antigos escritores, como nos modernos, em que LUSTROSO, em sentido figurado, adquiriu a acepção de ILUSTRE, NOTÁVEL, ESPLÊNDIDO, APRECIÁVEL, DISTINTO, de que hoje sã existem vestígios na linguagem literária:

" Herdastes sobrenomes tão LUSTROSOS (Sã Miranda, O.C., II, p. 47); com toda esta LUSTROSA companhia, Joane forte sai da fresca Abrantes (Camões, L., C. IVº, e. 23);/nunca a formosura é mais LUSTROSA que ao tempo que sem adornos se nos oferece (F.M.Melo, A.D., p. 54); muitos foram os que se aproveitaram de tão LUSTROSA e honrada ocasião (S. Maria, A.H., I. p.9); /tinham deixado....as LUSTROSAS ocupações (A. Barros, V.A.P.A. V., I, p. 88); os seus moradores foram os que armaram....aquele LUSTROSO e forte esquadrão (Jãboatão, N.O.S.B., II, p. 92); /aspirando incessantemente a cousas mais árduas e LUSTROSAS (Lisboa, V.P.A.V., p.7); Fr. Lourençoviu uma LUSTROSA companhia de cavaleiros (Herculano, L. e N., I, p. 246);/ainda privado assim de tão LUSTROSA companhia, não me deslustrará a que me resta (Rui. R., nº 191, p. 99)."

O uso de LUSTROSO, nesta acepção de sabor eminentemente literário, não mais encontra agasalho na nossa linguagem cor-

rente e seu emprego, hoje, quase se restringe ao sentido etimológico de brilhante, polido, etc.

Configurou-se, assim, a metassemia diacrônica no uso dos clássicos.

s) ORELHAS= Ouvidos.

Provêm do latim corrente "ORICLA", forma metaplástica de latim clássico "AURÍCŪLA, AE", diminutivo de "AURĪS, ĪS", orelha, parte externa do ouvido. (31).

Não raro, empregando a sinédoque, os clássicos, assim os antigos, como os modernos tomavam ORELHAS, partes externas do OUVIDO, pelo próprio órgão da audição:

" Esta fama as ORELHAS penetrando do sábio capitão, com brevidade faz represália nuns (Camões, L., c. IX^o, e.9); vós sabeis que nenhuma cousa mais a vossas ORELHAS brada que meus males (T. de Jesus, T. de J., I, p. 106): sō por este segredo podemos subir a ver aqueloutros maiores que viu o glorioso Paulo, que nem olhos viram, nem ORELHAS ouviram (Couto, S.P., p. 10);/sendo-lhe tratado segundo casamento....deixou de lhe dar ORELHAS muitos dias (Sousa, A.D.J., I, p.2);/ peçamos.... que te dê para ouvir, dócil ORELHA (Durão, C., c. II^o, e. 29);/foram censuradas algumas proposições com nota de serem umas contra o comum sentido católico, fátuas, temerárias e escandalosas; e outras, ofensivas das ORELHAS dos pios e fiéis católicos (Lisboa, V.P.A.V., p. 209);/um grito desses soa às ORELHAS do criminoso, como voz de prisão (Rui. C.L., p. 282); uma ORELHA delicada e atenta não deixa de perceber que hã aqui a cadência e número de um verso hendecassílabo (M. Barreto, M.B.L.P., p.172); o conjunto não agrada a ORELHAS finas (Sã Nunes, A.L.N, I, p.99)."

Entretanto, na linguagem hodierna, sem nenhuma pretensão literária, usamos a palavra ORELHA em seu sentido próprio, isto é, no de parte exterior do ouvido.

t) PARECER= semblante, feição, fisionomia.

Origina-se da forma latina "PARESCĒRE" verbo incoativo de "PĀRĒO, PARĒRE", latim clássico, em sentido próprio aparecer, mostrar-se. (32).

Como verbo, PARECER, segundo Silveira Bueno, *na língua arcaica e clássica era sinônimo de aparecer, surgir, apresentar-se, fazer-se ver. Hoje significa ser semelhante, igual, ter certa aparência.* (33).

Mas, neste trabalho, não trataremos de PARECER, como

verbo, e sim, como substantivo.

PARECER, como substantivo, significa aparência, aspecto. *Homem, mulher de bom PARECER: hoje dizemos bem-parecido.* (Apud Constâncio, Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa, p. 745). O grifo na palavra "parecer" é nosso.

Na linguagem corrente de nossos dias, PARECER, como substantivo, sinonimiza opinião, conceito, juízo, e, em particular, opinião fundamentada sobre determinado assunto, emitida por especialista.

Daí se originou o neologismo PARECERISTA, dicionarizado como brasileirismo, aquele incumbido de dar pareceres.

Os clássicos, todavia, empregaram-no, também, na acepção de SEMBLANTE, FEIÇÃO, FISIONOMIA:

"Seu rosto e PARECER logo mostrava qu'este era o que mandava o grande mar (A. Ferreira, P.L., I. p. 194); a formosura e PARECER de Palmeirim trazia consigo o merecimento desta afeição (F. Moraes, P. de I., p. 27);/ além do PARECER gentil que há nela, vem de coradas rosas afrontada (R. Lôbo, C. de P. p.66);/muda-se numa criança de divino PARECER (Gonzaga, M. de D., p.61),/ a compaixão se pinta no PARECER de todos (Garrett, Cam., p. 17); o prior do Crato, apenas fitou a vista no PARECER de el-rei, adivinhou logo (Rebêlo, C.L., p. 251); era sereno o PARECER do mendigo, como o de uma criancinha que dorme em seu berço (Herculano, C.U.A., p. 103)."

Consoante vimos, houve acentuada alteração semântica (metassemia diacrônica) em relação ao étimo de PARECER, não só no uso dos clássicos, que também no dos contemporâneos.

u) POLÍCIA= Civilização, adiantamento, cultura, progresso.

Proveio do grego "POLÍTEIA", de "POLIS", cidade, pelo latim clássico "POLITIA, AE", em sentido próprio, administração de uma cidade, organização política, governo. (34).

Sobre POLÍCIA, Antenor Nascentes, nos diz: *Significou civilização, cultura, (Lusíadas, VI, 2, VII, 12, 72, X, 92). Passou a significar a conservação da ordem e segurança públicas.* (35).

Não só na obra de Camões e de outros quinhentistas, senão que na produção literária de escritores dos séculos XVII, XVIII, XIX e do primeiro quartel do atual, há não poucas passagens em que POLÍCIA sinonimiza CIVILIZAÇÃO, ADIANTAMENTO, CULTURA, PROGRESSO:

"E folgarãs de veres a POLÍCIA portuguesa na paz e na milícia (Camões, L., c. VII, e. 72); vês Europa cristã mais alta e clara que as outras em POLÍCIA e fortaleza (Camões, L., c. XQ, e. 92); os negros que viviam fora de toda a POLÍCIA, habitando as cavernas da terra, sem lei, sem justiça, sem direito humano...levantaram templos a Cristo (J. Barros, Pan., p. 170); todos, no bom ensino e POLÍCIA, parecem homens de corte (Lucena, A.P. II, p. 139);/entregou grão parte da nobreza da corte que se alojou, separada do campo, em lustrosas tendas que não deviam nada à POLÍCIA da Europa (Jacinto, V.D.J.C., p. 91);/ a POLÍCIA daquela inculta gente é a mesma barbaridade (A. Barros, V.A.P.A.V., I. p. 69);/ uma sã nação, para cuja grandeza contribuirá aquela com as virtudes ásperas da Germânia, esta com as tradições da cultura e POLÍCIA romanas (Herculano E.P., p.4); /teve, especialmente a seu cargo, a POLÍCIA dos Índios (Rui, C. de I., p.342)."

Na linguagem hodierna, POLÍCIA, civil ou militar, significa a corporação encarregada de manter a ordem e a segurança públicas.

M. Said Ali, a esse respeito, assim se expressa:*POLÍCIA designa hoje a força pública que mantém as leis, a ordem, a segurança. É donominação importada de França.* (36).

Silveira Bueno subscreve, sem pestanejar, a lição de M. Said Ali e acrescenta:

O sentido moderno de vigilância armada para a repressão de crimes e desmandos do povo provém da revolução francesa. (37).

Eis, portanto, nesta nova acepção, a metassemia dia-crônica por que passou POLÍCIA em relação ao conteúdo semântico de seu étimo.

v) SUCESSO= O sucedido, fato, acontecimento em geral, seja bom, seja mau.

É derivado do latim clássico "SUCCĒSSŪS, ŪS, em sentido próprio, acontecimento, o sucedido, aproximação, chegada." (38).

Segundo Ernesto Faria, em sentido particular, SUCESSO = Êxito, bom resultado, (Vergílio, *Eneida*, 2, p. 386). (39).

Não procede, por isto, a alegação de pretensos puristas de que SUCESSO, nesta acepção, deva ser rotulado como galicismo.

Os escritores clássicos, não sō os de antanho, que também os contemporâneos, as mais das vezes, fiēis ao conteúdo semântico do ētimo, usaram SUCESSO como sinônimo de O SUCEDIDO, FATO, ACONTECIMENTO EM GERAL, seja bom, seja mau:

"....Lamentando o triste SUCESSO da nossa perdição (F. M. Pinto, Per., I, p. 51);/foi o SUCESSO tão contrário aos portugueses e tornates, que ficaram mortos uns, e desbaratados todos (Sousa, A.D.J., IIº, p. 77); /SUCESSO tão lastimoso, andam as moças carpindo (Garção. O.P. II, p. 37); o que sua mulher e mais eu podíamos fazer era olharmo-nos encobrir as lágrimas e fazer votos porque nos consentissem os SUCESSOS tornarmos a viver unidos (Filinto, O.C.,X, p. 114);/ queria mitigar, no ânimo da donzela, a sensação amiga daquele SUCESSO (T. Vasconcelos,P. A.D., p. 167); ta/vera, em resumo, o estado político e moral da Espanha, na ēpoca em que aconteceram os SUCESSOS que vamos narrar (Herculano, E. P., p. 8); vinte e quatro horas depois dos SUCESSOS narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo (M. Assis, P.A., p. 53);/ponto por ponto, em todo o meu ver e prever, me deu a mais estrondosa razão, o curso dos SUCESSOS (Rui, G.G., p. 151); quando faleceu o Sr. D. Pedro IIº, os republicanos assustados pela repercussão dolorosíssima que, em todo o país, ia tendo o infausto SUCESSO, apedrejaram o jornal *Brasil* (Laet, A. I., ano IIº, nº 17, supl.)."

Entretanto, na nossa linguagem hodierna, empregamos SUCESSO, com mais freqüência, no sentido de bom êxito; resultado feliz; *a psiquiatria, sim, essa também se usa pra criança. Embora sem muito SUCESSO, porque a cura da criança sempre depende da cura dos adultos que convivem com ela.* (João Uchoa Cavalcanti Neto, *O Menino*, p. 24; apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 1344).

De par com esta acepção, temos, no falar corrente de nosso povo; SUCESSO sinonimizando autor, artista, etc., de grande prestígio e/ou popularidade; cartaz: *Jorge Amado é o maior SUCESSO entre os nossos romancistas.* (Apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 1344). O grifo ē nosso.

SUCESSO, segundo o nosso coestaduanos, Aurélio Buarque, também significa parto.

— A pobre mulher morreu de SUCESSO.

Ter bom SUCESSO= ter parto feliz. Como brasileirismo popular do Nordeste, SUCESSO ē usado, também, na acepção de

desastre, acidente, sinistro.

— Quase perdia a vista num SUCESSO.

Estã, por tudo isto, caracterizada a metassemia, através do tempo.

x) TRAÇA= Plano, ardil, indústria.

TRAÇAR= Planejar.

TRAÇA, como variante de TRAÇO, é deverbal de TRAÇAR, oriundo de uma forma do latim corrente "TRACTIĀRE", tendo, como base última "TRĀCTŪS", no latim clássico, particípio passado de "TRĀHO, TRĀHĒRE", arrastar, puxar, trazer. (40).

TRAÇAR, em sentido próprio, significa descrever (traços), fazer ou representar por meio de traços, dar traços em, desenhar, riscar; e, por latitude semântica, sinonimiza esboçar, delinear, projetar, planejar.

Em sentido figurado, TRAÇAR=determinar-se a, decidir, imaginar, projetar na mente, maquinar, tramar. (41).

Partindo-se, portanto, desta premissa, temos, em sentido próprio, o substantivo TRAÇA= planta, desenho, risco, e, por extensão semântica, plano, esboço, projeto.

Em sentido translato, TRAÇA adquiriu a acepção de ardil, meio, indústria, manha, astúcia, de que, hoje, sã há vestígios.

As passagens clássicas, de antigos e modernos escritores, coligidas como abonações deste item de nosso trabalho, revelam o uso de TRAÇA, também o de TRAÇAR, em sentido lato, e, as mais das vezes, na acepção figurada.

Essa usança vem caracterizar a metassemia diacrônica, de que nos ocupamos aqui, em relação ao conteúdo semântico do étimo das supracitadas palavras:

"Logo naquele mesmo dia se tomou conclusão, com todos os capitães, sobre a ordem que se havia de ter no acometer do castelo, de que o Jorge Mendes dava a TRAÇA (F. M. Pinto, Per., II, p. 11);/ele tinha TRAÇA para o salvar (Sousa, A.D.J.I. p. 180); os hereges antigos.... por TRAÇA e conselho verdadeira - mente saído do inferno, trocaram as armas e lhe fizeram guerra por meio de mulheres (Vieira, S., XI, p. 52);/ TRAÇANDO os invejosos e malquerentes malignã-lo com todos (Filinto. O.C., IX, p. 210);/ no orbe entronã-la já TRAÇA e tenta (O. Mendes, E., l. 19, v. 26); foi TRAÇA da Providência (G. Dias, P., II, p. 234);

....preceitos que lhes impõe a TRAÇA geral da construção (Latino. A. e N., p. 140);/aquela tragédia temerosa não fora mais do que uma engenhosa TRAÇA de seus educadores para amendrontã - lo (Silvêrio, V.D.V., p. 8); de que TRAÇAS usa agora o Dr. Clóvis para a inverter em seu proveito? (Rui, R. nº 437, p. 186)."

No entanto, na linguagem corrente de nossos dias, o substantivo TRAÇA, como deverbal de TRAÇAR, não mais o usamos, seja em seu sentido próprio, seja em seu sentido figurado.

A palavra TRAÇA, em curso na linguagem hodierna, significa inseto, de pequenas dimensões, que rói, a pouco e pouco, o papel, a roupa, sobretudo a de lã, etc., de que hã diversas espécies.

Convém, contudo, frisemos que TRAÇA=inseto procede segundo os melhores etimologistas, inclusive Antenor Nascentes (42), do árabe "TAHRISA", moer, pulverizar.

Esclarecemos, ainda, de passagem, que o verbo TRAÇAR mereceu, entre nós, melhor acolhida; não se obsoleto, e, mesmo hoje, continua enriquecendo o tesouro da língua portuguesa.

— *Muros altos, onde de dia os moleques se divertiam TRAÇANDO calungas e sinais obscenos.* (Gilberto Freire, *Assombrações do Recife Velho*, p. 50; apud Aurélio Buarque, op. cit., p. 1.404).

z) VOZ= vocábulo, palavra.

Promana do latim clássico "VOX, VŌCĪS", através da forma acusativa singular "VŌCEM". (43).

Etimologicamente, VOZ significa som produzido pela vibração das cordas vocais na laringe e modificado, na boca, pela língua e lábios, que constitui a fala; faculdade de falar; fala.

Ainda, em sentido próprio, temos VOZ=palavra, termo, vocábulo. (44).

Ao lado do uso de VOZ, como sinônimo de som ou conjunto de sons emitidos pelo aparelho fonador, os autores clássicos, assim os antigos, como os modernos, quase sempre, guardando maior fidelidade ao conteúdo semântico do étimo, empregaram-lhe, também, na acepção do VOCÁBULO, PALAVRA, de que, atualmente, não mais se utilizam os falantes de nossa língua.

"— Ela, com tristes e piedosas VOZES saídas sō da māgoa e saudade do seu príncipe e filhos que deixava.... assim dizia (Camões, L., c. IIIº, e. 124);/....versos alguns de grande

dificuldade pelo muito que afetaram VOZES peregrinas (F.M. Melo. A.D., p. 366);/a filosofia (empreguemos antes outra VOZ que a ninguém assuste) a razão tem ensinado....(Filinto, O.C., IX, p. 430);/ alegre aos três a mão calosa oferece rompendo nestas VOZES: desde quando cabe ao soldado pleitear os combates? (G. Dias, P., II, p. 210); a educanda desmaiara de todo, mais...; das VOZES que lhe ouviu, do que da ferida que a ensanguentava (Rebêlo, M.D.J., II, 172); mas por que *abril*? VOZ grega em lãcia língua? (Castilho, F. pela A., 105);/ acode o Dr. Carneiro que não; que também *honorabilitas* era VOZ latina (Rui R. nº 126, p. 61); (decesso) estarã antiquado em lugar de morte, óbito, falecimento; mas eu gostaria de que o ressuscitassem, como fez com esta e outras VOZES menos consuetas, o prof. Ricardo Jorge (M. Barreto, A.D.G., p. 120):construção fraseológica, em que tão conveniente se faz a memoria resultante da boa disposição das VOZES (Laudelino, N. e P., IV, p. 28). "

Constãncio, op. cit., na parte destinada à Advertência, p. IV, fartas vezes, usa VOZ na precitada acepção de VOCÁBULO, PALAVRA.

....*propus-me neste Dicionário remontar à origem de todas as VOZES de nossa língua.*

.... *de que serve saber que homem vem de homo, e que causa é VOZ latina, se ignoramos o verdadeiro sentido destas VOZES. O grifo da palavra VOZ é nosso.*

Esta acepção adquiriu, à época, caráter eminentemente clássico.

VOZ= Fama, boato.

Corre VOZ entre o povo que tal navio saído do porto se perdeu. (Herculano, apud Caldas Aulete, op. cit., vol V, p. 4262).

Na linguagem coloquial de hoje, o uso de VOZ quase se limita ao seu sentido etimológico de som que constitui a fala.

Contudo, em relação ao étimo, há metassemia diacrônica, quando empregamos VOZ na acepção figurada:

A VOZ da consciência = O sentimento íntimo.

VOZ de instrumento = O som que dele tira o músico.

Evidencia-se, também, a mudança semântica não só no emprego de VOZ em gramática, como flexão, isto é, aspecto ou forma com que um verbo indica a ação como praticada pelo su -

jeito (VOZ ativa), ou por ele recebida (VOZ passiva), ou simultaneamente praticada e recebida por ele (VOZ reflexiva), senão que, em música, VOZES=Cantores ou Cantoras.

Ainda, em música, nas fugas para piano e para órgão, VOZ= cada uma das várias alturas em que o tema é desenvolvido.

NOTAS DO CAPÍTULO III

- 1 - Joaquim Ribeiro, 1964, p. 133
- 2 - Rocha Lima, 1959, p. 489
- 3 - Said Ali, 1957, p. 196
- 4 - Pe. Pedro Adrião, 1945, p. 37
- 5 - Said Ali, 1930, p. 86
- 6 - José Curi, 1979, pp. 33-37
- 7 - Said Ali, 1957, p. 201
- 8 - Constâncio, 1859, p. 17; Antenor Nascentes, 1955, p. 6; e, em Silveira Bueno, 1963, 1ª vol., p. 55
- 9 - Constâncio, 1859, p. 97; Silveira Bueno, 1963, 1ª vol., p. 280; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 82
- 10 - Constâncio, 1859, p. 95
- 11 - Antenor Nascentes, 1955, p. 39
- 12 - Constâncio, 1859, p. 791;
- 13 - Constâncio, 1859, p. 110; Silveira Bueno, 1963, 1ª vol., p. 336, e, em Ernesto Faria, 1956, p. 93
- 14 - Constâncio, 1859, p. 127; Antenor Nascentes, 1955, p. 49; Silveira Bueno, 1963, 1ª vol., p. 391; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 101
- 15 - Constâncio, 1859, p. 208; Antenor Nascentes 1955, p. 90; Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., p. 591; e, em Nicolau Firmino, s.d., p. 85
- 16 - Antenor Nascentes, 1955, p. 90
- 17 - Constâncio, 1859, p. 231; Antenor Nascentes, 1955, p. 101; Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., p. 637; Nicolau Firmino, s.d., pp. 80 e 192; e, em Sousa da Silveira, 1934, p. 113
- 18 - Constâncio, 1859, p. 282; Antenor Nascentes, 1955, p. 372; Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., p. 773, e, em Sousa da Silveira, 1934, p. 108. Ainda, em Silveira Bueno, 1966, p. 2819; Ernesto Faria, 1956, pp. 683-684
- 19 - Constâncio, 1859, p. 297; Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., p. 795; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 219
- 20 - Constâncio, 1859, p. 421; Silveira Bueno, 1964, 2ª vol., pp. 1030-1031; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 301
- 21 - Constâncio, 1859, p. 44; Antenor Nascentes, 1955, p. 170; Silveira Bueno, 1965, 3ª vol., p. 1082; Ernesto Faria, 1956, pp. 130, 435 e 460; e, em Ismael Coutinho, 1962, p. 314
- 22 - Constâncio, 1859, p. 521; Antenor Nascentes, 1955, p. 195; Silveira Bueno, 1965, 3ª vol., p. 1257; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 912
- 23 - Antenor Nascentes, 1955, p. 426; e, em Ravizza, 1956, p. 161
- 24 - Constâncio, 1859, p. 547; Antenor Nascentes, 1955, p. 207; e, em Silveira Bueno, 1965, 3ª vol., p. 1335
- 25 - Constâncio, 1859, p. 571; Antenor Nascentes, 1955, p. 223; Silveira Bueno, 1965, 3ª vol., pp. 1449-1450, e, em Ernesto Faria, 1956, p. 390
- 26 - Ernesto Faria, 1956, p. 390
- 27 - Said Ali, 1930, p. 111
- 28 - Said Ali, 1930, p. 118
- 29 - Constâncio, 1859, p. 656; Antenor Nascentes, 1955, p. 298; Silveira Bueno, 1966, 5ª vol., p. 2159; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 536
- 30 - Constâncio, 1859, 664; Antenor Nascentes, 1955, p. 306; Silveira Bueno, 1966, 5ª vol., p. 2235; Ernesto Faria, 1956, p. 557; e, em Sousa da Silveira, 1934, p. 120

- 31 - Constâncio, 1859, p. 731; Antenor Nascentes, 1955, p. 367; Silveira Bueno, 1966, 6ª vol., p. 2760; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 112
- 32 - Constâncio, 1859, p. 745; Antenor Nascentes, 1955, p. 381; Silveira Bueno, 1966, 6ª vol., p. 2887; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 678
- 33 - Silveira Bueno, 1966, 6ª vol., p. 2887
- 34 - Constâncio, 1859, p. 782; Antenor Nascentes, 1955, p. 407; Silveira Bueno, 1966, 6ª vol., p. 3104; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 737
- 35 - Antenor Nascentes, 1955, p. 407
- 36 - Said Ali, 1930, p. 106
- 37 - Silveira Bueno, 1966, 6ª vol., pp. 3104-3105
- 38 - Constâncio, 1859, p. 906; Antenor Nascentes, 1955, p. 479; Silveira Bueno, 1967, 7ª vol., p. 3841; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 927
- 39 - Ernesto Faria, 1956, p. 927
- 40 - Constâncio, 1859, p. 935; Antenor Nascentes, 1955, p. 500; Silveira Bueno, 1967, 7ª vol., p. 4021; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 976
- 41 - Caldas Aulete, 1964, 5ª vol., p. 4017
- 42 - Antenor Nascentes, 1955, p. 500
- 43 - Constâncio, 1859, p. 973; Antenor Nascentes, 1955, p. 529; Silveira Bueno, 1967, 7ª vol., p. 4295; e, em Ernesto Faria, 1956, p. 1040
- 44 - Ernesto Faria, 1956, p. 1040.

CONCLUSÕES

Partimos, neste trabalho, da realidade lingüística de que as palavras, enquanto usadas pelos falantes de determinada língua, passam, constantemente, por alterações semânticas bem definidas, razão por que nos ocupamos de salientar este fato em relação à língua portuguesa, sob o título de **aspectos metassêmicos**.

Estamos que ficou comprovada, nas páginas anteriores desta dissertação, a **metassemia** ou mudança de sentido das palavras, nos dois planos da língua portuguesa, visto que consideramos, aqui, não só a **gíria**, porém sim os principais tropos: a **metáfora**, a **metonímia** e a **sinédoque**, como **metassemas sincrônicos**, e, a própria evolução semântica das palavras, através dos tempos, como **metassemas diacrônicos**.

Procuramos, também, demonstrar, quanto nos foi possível, que várias são as causas determinantes destas mudanças de sentido das palavras numa língua e destacamos, assim, causas **psicológicas, sociais, históricas, lingüísticas** etc.

Na língua portuguesa como em outras línguas vivas, as palavras apresentam diversos aspectos metassêmicos que constituem em um colorido semântico renovador da linguagem de seus falantes e vêm, deste modo, contribuir para a opulência do léxico.

De acordo com o nosso ponto de vista, baseado na literatura semântica atual, concluímos que:

- I) Até hoje, nenhum semanticista brasileiro, que seja do nosso conhecimento, enfocou a **gíria** sob o aspecto de **metasema sincrônico**, por nós destacado neste trabalho;
- II) Cada sentido novo atribuído a uma palavra antiga constitui mais um neologismo enriquecedor do léxico da língua;
- III) A metáfora, aqui apresentada como um dos principais **metassemas sincrônicos**, caracterizou, de modo especial, a literatura romântica e simbolista;
- IV) Há autores, como Roman Jakobson, que insistem em considerar a **metonímia** como a marca, por excelência, da literatura realista; nada obstante, um estudo mais acurado das metonímias, nos textos realistas, nos obriga a admitir que não existe correlação entre o realismo e a metonímia em geral;

V) Em contrapartida, é incontestável que a **sinédoque da parte pelo todo** ocupa um lugar privilegiado nos textos realistas.

Conforme já frisamos, o intuito deste nosso trabalho foi evidenciar que são as mudanças de sentido das palavras, na língua, que permitem que esta acompanhe o progresso da civilização.

O homem, vivendo em sociedade, na utilização das palavras, sente a necessidade de, vez por outra, alterar-lhes o sentido ou deslocá-lo para atender às novas exigências decorrentes da própria evolução das idéias e costumes.

Por isso, na própria sociedade de falantes de cada língua, temos as principais causas dessas mudanças de sentido das palavras, portanto, também em nossa língua, estas adquiriram, adquirirão, - como demonstramos em cada capítulo desta monografia -, e, por certo, continuarão sempre a adquirir novos **aspectos metassêmicos** para o engrandecimento crescente deste tesouro que é a nossa língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ABREU, Casimiro de. As primaveras. São Paulo, Martins Ed., 1972.
- 2 - ADRIÃO, Padre Pedro. Tradições clássicas da língua portuguesa. Porto Alegre, J. Pereira, 1945.
- 3 - ALI, M. Said. Meios de expressão e alterações semânticas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.
- 4 - _____. Dificuldades da língua portuguesa. 5. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
- 5 - ARISTÓTELES. Arte retórica e poética. Rio de Janeiro, Tecnoprint, {s.d.}.
- 6 - AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua Portuguesa. 5. ed., Rio de Janeiro, Delta, 1964. 5 v.
- 7 - BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo, Saraiva, 1963-1967. 8 v.
- 8 - _____. Tratado de semântica brasileira. 4. ed., São Paulo, Saraiva, 1965.
- 9 - CÂMARA JR., J. Mattoso. Dicionário de filologia e gramática. 4. ed., Rio de Janeiro, J. Ozon ed., {s.d.}.
- 10 - CAMÕES, Luís de. Os lusíadas. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1920.
- 11 - CONSTÂNCIO, Francisco Solano. Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa. 7. ed., Paris, Ângelo Francisco Carneiro Filho, 1859.
- 12 - COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. 5. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962.
- 13 - CUNHA, Celso. Gramática de português contemporâneo. 5., ed., Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1975.
- 14 - CURI, José. O signo linguístico como expressão intencionalística; tese para livre-docência. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974.
- 15 - _____. A mudança do significado. FURB - Revista de Divulgação Cultural, Blumenau, 2 (7):33-67, ago. 1979.
- 16 - DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. Dicionário das ciências da linguagem. 2. ed., Lisboa, Dom Quixote, 1974.

- 17 - ELIA, Sílvio Edmundo. Dicionário gramatical. Porto Alegre, Globo, 1962.
- 18 - FARIA, Ernesto. Dicionário escolar latino-português. 2. ed., Rio de Janeiro, MEC, 1956.
- 19 - FERNANDES, Francisco. Dicionário de verbos e regimes. Porto Alegre, Globo, 1957.
- 20 - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- 21 - FIRMINO, Nicolau. Dicionário latino-português. 4. ed., São Paulo, Melhoramentos, {s.d}.
- 22 - GABAGLIA, Marisa Raja. Milho pra galinha, Mariquinha. 9. ed., Rio de Janeiro, Sabiã, 1972.
- 23 - GALVÃO, Jesus Belo. Subconsciência e afetividade na língua portuguesa. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954.
- 24 - GÕIS, Carlos. Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa. 3. ed., Belo Horizonte, Paulo de Azevedo, 1945.
- 25 - GREIMAS, A.J. Semântica estrutural. São Paulo, Cultrix, 1973.
- 26 - GUIRAUD, Pierre. La sēmantique. 8. ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1975.
- 27 - _____ . A estilística. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 28 - LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto, Teles Ed. 1973.
- 29 - LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 3. e 18. ed., Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1959 e J. Olympio, 1976.
- 30 - LYONS, John. Semântica estrutural. Lisboa, Presença, 1974.
- 31 - MACEDO, Walmírio Eronides de. Por trás da linguagem; tese de concurso. Rio de Janeiro, 1959.
- 32 - MAROUZEAU, J. Lexique de la terminologie linguistique. 3. ed., Paris, P. Geuthner, 1951.
- 33 - MICHELS, Teresinha Oenning. Apostila de semântica. Florianópolis, UFSC, 1976.
- 34 - MOISÉS, Massaud. A criação poética. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
- 35 - _____ . Dicionário de termos literários. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 36 - NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1955.
- 37 - OITICICA, José. Manual de estilo. 6. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1949.

- 38 - RAVIZZA, Pe. João. Gramática latina. 13. ed., Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1956.
- 39 - RIBEIRO, Dr. Ernesto Carneiro. Serões gramaticais. 2. ed., Bahia, R. dos Santos, 1915.
- 40 - RIBEIRO, João. Frases feitas. 2. ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960.
- 41 - RIBEIRO, Joaquim. Estética da língua portuguesa. 2. ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964.
- 42 - RODRIGUES, Pe. Fernando Iório. Metaplasmos em fonética sintática; tese de concurso à 1a. cadeira de português do Colégio Estadual Moreira e Silva, Maceió, 1958.
- 43 - SACHET, Celestino. As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina. Florianópolis, UDESC-edeme, 1974.
- 44 - SARAIVA, F.R. dos Santos. Novíssimo dicionário latino-português. 4. ed., Rio de Janeiro, {s.d}.
- 45 - SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. 6. ed., São Paulo, Cultrix, 1974.
- 46 - SILVEIRA, Sousa da. Lições de português. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.
- 47 - TUTESCU, Mariana. Précis de sémantique française. Paris, C. Klincksieck, 1975.
- 48 - ULLMANN, Stephen. Semántica; introducción a la ciencia del significado. Madrid, Aguilar, 1972.

APÊNDICE I

LISTA DOS NOMES DE AUTORES CLÁSSICOS E OBRAS CITADAS: (1)

SÉCULO XVI

BERNARDIM RIBEIRO (viveu na primeira metade do século XVI) português.

Menina e Moça - (Coleção Lusitânia) Livraria Chardron, Porto.

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA (1495 - 1558) português.

Obras Completas - Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA (falecido provavelmente em 1559) português.

História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses - Na Tipografia Rolandiana, 1833, Lisboa.

Dr. ANTÔNIO FERREIRA (1528 - 1569) português.

Poemas Lusitanos - Livraria Sá da Costa, 1839, Lisboa.

JOÃO DE BARROS (1496 - 1570) português.

Panegíricos - Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

FRANCISCO DE MORAIS (viveu entre 1500 e 1572) português.

Palmeirim de Inglaterra - Livraria Avelar Machado, 1940, Lisboa.

DAMIÃO DE GÓIS (1501 - 1562) português.

Crônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Emânuel - Na Real Oficina da Universidade, 1790, Coimbra.

LUÍS DE CAMÕES (1524 - 1580) português.

Os Lusíadas - Livraria da Parceria Antônio Maria Pereira, 1920, Lisboa.

FREI TOMÉ DE JESUS (1529 - 1582) português.

Trabalhos de Jesus - 5ª Edição. Em casa do editor A.J.Fernandes Lopes, 1865, Lisboa.

FERNÃO MENDES PINTO (1509 - 1583 segundo a melhor opinião), português.

Peregrinação - Coleção Lusitânia, Livraria Lelo & Irmão
1941, Porto.

FREI HEITOR PINTO (falecido em 1584) português.

Imagem da Vida Cristã - Livraria Sá da Costa, 1940, Lisboa.

D. FREI AMADOR ARRAIS (falecido em 1600) português.

Diálogos - Na Tipografia Rolandiana, 1846, Lisboa.

PADRE JOÃO DE LUCENA (1550 - 1600) português.

Antologia Portuguesa, Organizada por Agostinho de Campos -
Livraria Aillaud e Bertrand, 1921, Lisboa.

DIOGO DO COUTO (1544 - 1616) português.

O Soldado Prático - Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

SÉCULO XVII

FREI BERNARDO DE BRITO (1569 - 1617) português.

Monarquia Lusitana - Na Impressão Craesbeeckiana, 1690,
Lisboa.

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO (falecido em data incerta, posterior a
1623) português.

O Condestabre de Portugal D. Nunalvres Pereira - Editor
Jorge Rodrigues, 1627, Lisboa.

FREI LUÍS DE SOUSA (1555 - 1632) português.

Vida do Arcebispo D. fr. Bertolameu dos Mártires - Na Ti-
pografia Rolandiana, 1850, Lisboa.

Anais de D. João III^o - Livraria Sá da Costa, 1938, Lisboa.

PADRE JACINTO FREIRE DE ANDRADE (1597 - 1657) português.

Vida de D. João de Castro - Tipografia da Academia Real de
Ciências de Lisboa, 1835, Lisboa.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO (1621 - 1666) português.

Apólogos Dialogais - Na Oficina de Matias Pereira da Silva
e João Antunes Pedroso, 1721, Lisboa.

Cartas Familiares - Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

FREI MANUEL DE ESPERANÇA (falecido em 1670) português.

Excertos - coligidos por Solidônio Leite, 1918, Rio.

PADRE ANTÔNIO DE SÁ (1620 - 1670) brasileiro.

Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas - Na Oficina de
Manuel Fernandes da Costa, 1732, Lisboa.

FREI ANTÔNIO DAS CHAGAS (falecido em 1682) português.

Cartas Espirituais - Livraria Sá da Costa, 1939, Lisboa.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1608 - 1697) português.

Sermões - Livraria Chardron, 1908, Porto.

PADRE MANUEL BERNARDES (1644 - 1710) português.

Nova Floresta - Livraria Chardron, 1909, Porto.

Páginas Escolhidas - Editora Educação Nacional, 1941, Porto.

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA (1636 - 1711) brasileiro.

Música do Parnaso - Anuário do Brasil, Rio.

PADRE FRANCISCO DE SANTA MARIA (1653 - 1713) português.

Ano Histórico; Diário Português - Na Oficina e à custa de Domingos Gonçalves, 1744, Lisboa.

Arte de Furtar - de autor discutido, 1926, Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

SÉCULO XVIII

MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA (nascido em 1705) brasileiro.

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade - Na Oficina de Francisco Luís Ameno, 1752, Lisboa.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA (1660 - 1738) brasileiro.

História da América Portuguesa - 2ª edição, Editor Francisco Artur da Silva, 1880, Rio de Janeiro.

PADRE ANDRÉ DE BARROS (1675 - 1754) português.

Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira - Tipografia do Diário, 1837, Bahia.

FREI ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1695 - 1764) brasileiro.

Novo Orbe Seráfico Brasílico, 1858, Rio.

PEDRO ANTÔNIO JOAQUIM CORREIA GARÇÃO (1724 - 1772) português.

Obras Poéticas - Na Impressão Régia, 1825, Lisboa.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1737 - 1784) brasileiro.

Caramuru - Livraria Garnier, 4ª Edição, Rio.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA (1729 - 1789) brasileiro.

Obras - Na Oficina de Luís Sêco Ferreira, 1768, Coimbra.

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO (1725 - 1797) português.

Tradução da Bíblia Sagrada.

FREI ANTÔNIO DO SACRAMENTO (português).

Ventura do Homem Predestinado - Editora Vozes, 1938, Petrópolis (a primeira edição foi de 1763).

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS (1715 - 1800) brasileiro.

Memórias para a História da Capitania de S. Vicente - Edi-

ções Melhoramentos de São Paulo, 3ª edição, 1920, S. Paulo.
TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (1744 - 1807) português.

Marília de Dirceu - Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

NICOLAU TOLENTINO (1741 - 1811) português.

Sátiras - vem no livro Satíricos Portugueses de João Ribeiro - Garnier, Rio, 1910.

FILINTO ELÍSIO (pseudônimo do PADRE FRANCISCO MANUAL DO NASCIMENTO, 1734 - 1819) português.

Obras Completas - Na Oficina de A. Bobés, 1819, Paris.

Poesias - Livraria Sá da Costa, 1941, Lisboa.

SÉCULO XIX

JOÃO BATISTA LEITÃO DE ALMEIDA GARRETT (1799 - 1854) português.

Camões - Empresa da História de Portugal, 1904, Lisboa.

Alfageme de Santarém, D. Filipa de Vilhena - (Coleção Lusitânia) Livraria Chardron, Porto.

D. ROMUALDO DE SEIXAS (1787 - 1860) brasileiro.

Coleção das Obras de D. Romualdo de Seixas - Na Tipografia de Santos & Cia., 1839, Pernambuco.

JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 - 1863) brasileiro.

Obras Completas de João Francisco Lisboa - 1864, Maranhão.

Vida do Padre Antônio Vieira - 5ª edição, B. L. Garnier Editor 1891, Rio.

MANUEL ODORICO MENDES (1799 - 1864) brasileiro.

Eneida - inserta no livro Vergílio Brasileiro - Odorico

Mendes - Na Tipografia de W. Remquet & Cia., rua Garancière, 5 - 1858, Paris.

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS (1823 - 1864) brasileiro.

Poesias - Livraria Garnier, 1926, Rio.

LUÍS AUGUSTO REBÊLO DA SILVA (1822 - 1871) português.

A Mocidade de D. João Vº - Sociedade Editora Portugal-Brasil, Artur Brandão & Cia. 5ª edição, Lisboa.

Contos e Lendas - 3ª edição. Sociedade Editora Portugal-Brasil, Artur Brandão & Cia., Lisboa.

ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO (1800 - 1875) português.

A Noite do Castelo - Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1864, Lisboa.

Quadros Históricos de Portugal - Livraria Civilização Editora, 1938, Porto.

As Geórgicas de Vergílio - 2ª edição, Companhia Editora Nacional, 1938, S. Paulo.

Colóquios Aldeões - Editora Vecchi, 1939, Rio.

Felicidade pela Agricultura - 1849, Ponta Delgada.

As Sabichonas (de Molière) - Editora Casa Mandarino, Rio.

Mil e Um Mistérios - Livraria Civilização, 1938, Porto.

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAÚJO (1810 - 1877) português.

Eurico, O Presbítero - 11ª edição, Tipografia Matos Moreira & Pinheiro, 1893, Lisboa.

O Monge de Cister - 11ª edição, Livraria Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa.

Lendas e Narrativas - 18ª edição, Livrarias Bertrand e Francisco Alves.

O Bôbo - 9ª Edição - Livrarias Aillaud Bertrand e Francisco Alves.

Cenas de um ano da minha vida e Apontamentos de Viagem - Livraria Bertrand, 1934, Lisboa.

ANTÔNIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELOS (1816 - 1878) português.

O Prato de Arroz Doce - (Coleção Seleta) Empresa Lusitana, Lisboa.

CAMILO CASTELO BRANCO (1825 - 1890) português.

Amor de Perdição - 16ª edição. Magalhães & Moniz Ltda. Editores. Porto.

Romance de um Homem Rico - (Coleção Lusitânia) Livraria Lelo, Porto.

A Filha do Doutor Negro - 5ª edição, Parceria Antônio Maria Pereira, 1926, Lisboa.

As Três Irmãs - 8ª edição. Parceria Antônio Maria Pereira, 1922, Lisboa.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO (1825 - 1895) português.

Oração da Coroa - Tipografia da Academia, 1880, Lisboa.

Arte e Natureza - 1º milhar. Empresa Literária Fluminense Ltda., Lisboa.

Fernão de Magalhães - 4ª edição, Empresa Literária Fluminense Ltda., Lisboa.

Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (Vol. IXº) 1922, Rio.

Dr. FRANCISCO DE CASTRO (1857 - 1901) brasileiro.

Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (Vol.

IVº), 1921, Rio.

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS (1839 - 1908) brasileiro.

Quincas Borba - W.M. Jackson. Editores, 1938, Rio.

Papéis Avulsos - Livraria Garnier, 1882, Rio.

Histórias sem Data - B.L. Garnier, Livreiro Editor, 1884, Rio.

SÉCULO XX

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO (1838 - 1920) brasileiro.

A Redação do Projeto do Código Civil e a Réplica do Dr. Rui Barbosa - Oficinas dos Dois Mundos, 1905, Bahia (para maior comodidade, citamos esta obra sob o título de Tréplica).

Páginas de Língua e Educação - Irmãos Pongetti, 1939, Rio.

D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA (1840 - 1922) brasileiro.

Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso - 2ª edição, Tipografia Salesiana, 1892, Niterói.

CONSELHEIRO ALFREDO RUI BARBOSA (1849 - 1923) brasileiro.

A Redação do Código Civil. Réplica às defesas da Redação do projeto da Câmara.

Cartas de Inglaterra - Livraria Acadêmica Saraiva & Cia., 1929, S. Paulo.

Finanças e Política da República - Companhia Impressora, 1892, Rio.

Coletânea Literária - 4ª edição, Companhia Editora Nacional, 1940, S. Paulo.

A Grande Guerra - Editora Guanabara, 1932, Rio.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (1846 - 1925) português.

Falar e Escrever - Livraria Clássica Editora (1º volume 1937; 2º 1941; 3º 1929), Lisboa.

CARLOS DE LAET (1847 - 1927) brasileiro.

Album Imperial (Revista), Ano IIº, nº 17, (suplemento).

JOSÉ JÚLIO DA SILVA RAMOS (1853 - 1930) brasileiro.

Pela Vida Fora - Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1922, Rio.

MÁRIO BARRETO (1879 - 1931) brasileiro.

Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa - Livraria Francisco Alves, 1914, Rio.

Através do Dicionário e da Gramática - Civilização Edi-

tora S/A, 1936, Rio.

LAUDELINO FREIRE (1873 - 1937) brasileiro.

Notas e Perfis - Edição da Revista de Língua Portuguesa.

ANTERO DE FIGUEIREDO - português.

Jornadas em Portugal - 5ª edição. Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa.

Leonor Teles - 5ª edição, Livrarias Aillaud e Bertrand. 1925, Lisboa.

JOSÉ DE SÁ NUNES - brasileiro.

Aprendeí a Língua Nacional - 1º vol. Livraria Acadêmica Saraiva & Cia., 1938, S. Paulo, 2º volume - Editora S.C.J. 1940, Taubaté.

JOÃO LÊDA - brasileiro.

A Quimera da Língua Brasileira, 1939, Manaus.

OBS.: Esta lista de Autores e Obras citadas pertence, de modo especial, ao Capítulo III, para a evidência da metassemia diacrônica.

NOTA DO APÊNDICE I

- 1 - Esta lista de autores e obras citadas é uma transcrição do original, no livro *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, às pp.11-16, de autoria do Padre Pedro Adrião, (1945) razão por que não a modificamos para ajustá-la às exigências das normas técnicas bibliográficas.

APÊNDICE II

ABREVIATURAS DOS NOMES DE AUTORES CLÁSSICOS, OBRAS E REVIS-
TAS CITADAS:

AUTORES

- A. Barros - Padre André de Barros.
- A. de Sá - Padre Antônio de Sá.
- A. Ferreira - Dr. Antônio Ferreira.
- Antero - Antero de Figueiredo.
- Arrais - D. Fr. Amador Arrais.
- Arte - Autor da "Arte de Furtar".
- B. Brito - Frei Bernardo de Brito.
- Bernardes - Padre Manuel Bernardes.
- Bernardim - Bernardim Ribeiro.
- Botelho - Manuel Botelho de Oliveira.
- Camilo - Camilo Castelo Branco.
- Camões - Luís de Camões.
- Cândido - Cândido de Figueiredo.
- Castanheda - Fernão Lopes de Castanheda.
- Castilho - Antônio Feliciano de Castilho.
- Chagas - Frei Antônio das Chagas.
- Cláudio - Cláudio Manuel da Costa.
- Couto - Diogo do Couto.
- D. Góis - Damião de Góis.
- Durão - Frei José de Santa Rita Durão.
- E. C. Ribeiro - Ernesto Carneiro Ribeiro.
- Esperança - Frei Manuel da Esperança.
- F. Castro - Dr. Francisco de Castro.
- Filinto - Filinto Elísio.
- F. M. Melo - D. Francisco Manuel de Melo.
- F. Morais - Francisco de Morais.
- F. M. Pinto - Fernão Mendes Pinto.

Garção - Pedro Antônio Joaquim Correia Garção.
Garrett - João Batista Leitão de Almeida Garrett.
Gaspar - Frei Gaspar da Madre de Deus.
G. Dias - Antônio Gonçalves Dias.
Gonzaga - Tomáz Antônio Gonzaga.
Herculano - Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo.
H. Pinto - Frei Heitor Pinto.
Jaboatão - Frei Antônio de Santa Maria Jaboaatão.
Jacinto - Padre Jacinto Freire de Andrade.
J. Barros - João de Barros.
Laet - Dr. Carlos Maximiliano Pimenta de Laet.
Latino - José Maria Latino Coelho.
Laudelino - Laudelino Freire.
Lêda - João Lêda.
Lisboa - João Francisco Lisboa.
Lucena - Padre João de Lucena.
M. Aires - Matias Aires Ramos da Silva de Eça.
M. Assis - Joaquim Maria Machado de Assis.
M. Barreto - Mário Barreto.
O. Mendes - Manuel Odorico Mendes.
Pereira - Padre Antônio Pereira de Figueiredo.
Pita - Sebastião da Rocha Pita.
Rebêlo - Luís Augusto Rebêlo da Silva.
R. Lôbo - Francisco Rodrigues Lôbo.
Rui - Conselheiro Alfredo Rui Barbosa.
Sacramento - Frei Antônio do Sacramento.
Sã Miranda - Francisco Sã de Miranda.
Sã Nunes - José de Sã Nunes.
Seixas - D. Romualdo de Seixas.
Silva Ramos - José Júlio da Silva Ramos.
Silvério - D. Silvério Gomes Pimenta.
S. Maria - Padre Francisco de Santa Maria.
Sousa - Frei Luís de Sousa.
T. de Jesus - Frei Tomé de Jesus.
Tolentino - Nicolau Tolentino.
T. Vasconcelos - Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos.
Vieira - Padre Antônio Vieira.

OBRAS E REVISTAS CITADAS

- A. D. - Apólogos Dialogais.
 A. de P. - Amor de Perdição.
 A. D. G. - Através do Dicionário e da Gramática.
 A. D. J. - Anais de D. João IIIº.
 A. e N. - Arte e Natureza.
 A. H. Ano Histórico.
 A. I. - Álbum Imperial (revista).
 Alf. de S. - Alfageme de Santarém.
 A. L. N. - Aprende a Língua Nacional.
 A. P. - Antologia Portuguesa.
 Arte - Arte de Furtar.
 B. - O Bobo.
 B. S. - Tradução da Bíblia Sagrada.
 C. - Caramuru.
 C. A. - Colóquios Aldeões.
 Cam. - Camões.
 C. das O. - Coleção das Obras.
 C. D. E. - Crônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Emânuel.
 C. de I. - Cartas de Inglaterra.
 C. de P. - O Condestabre de Portugal D. Nunalvres Pereira.
 C. E. - Cartas Espirituais.
 C. e L. - Contos e Lendas.
 C. F. - Cartas Familiares.
 C. L. - Coletânea Literária.
 C. U. A. - Cenas de Um Ano da minha Vida.
 D. - Diálogos.
 E. - Eneida.
 E. C. - Estante Clássica.
 E. P. - Eurico, o Presbítero.
 Exc. - Excertos.
 F. de M. - Fernão de Magalhães.
 F. D. N. - A Filha do Doutor Negro.
 F. e E. - Falar e Escrever.
 F. pela A. - Felicidade pela Agricultura.
 F. P. R. - Finanças e Política da República.
 G. As Geórgicas de Vergílio.
 G. G. - A Grande Guerra.
 H. A. P. - História da América Portuguesa.

- H. do D. - História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses.
- H. S. D. - Histórias sem Data.
- I. V. C. - Imagem da Vida Cristã.
- J. em P. - Jornadas em Portugal.
- L. - Lusíadas.
- L. e N. Lendas e Narrativas.
- L. T. - Leonor Teles.
- M. de C. - O Monge de Cister.
- M. de D. - Marília de Dirceu.
- M. D. J. - A Mocidade de D. João Vº.
- M. do P. - Música do Parnaso.
- M. e M. - Menina e Moça.
- M. H. C. S. V. - Memórias para a História da Capitania de S. Vicente.
- M. L. - Monarquia Lusitana.
- M. U. M. - Mil e um Mistérios.
- N. do C. - A Noite do Castelo.
- N. E. L. P. - Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa.
- N. e P. - Notas e Perfis.
- N. F. - Nova Floresta.
- N. O. S. B. - Novo Orbe Seráfico Brasílico.
- O. - Obras.
- O. C. - Obras Completas.
- O. da C. - Oração da Coroa.
- O. P. - Obras Poéticas.
- P. - Poesias.
- P. A. - Papéis Avulsos.
- P. A. D. - O Prato de Arroz Doce.
- Pan. - Panegíricos.
- P. de I. - Palmeirim de Inglaterra.
- P. E. - Páginas Escolhidas.
- Per. - Peregrinação.
- P. L. - Poemas Lusitanos.
- P. L. E. Páginas de Língua e Educação.
- P. V. F. - Pela Vida Fora.
- Q. B. - Quincas Borba.
- Q. H. P. - Quadros Históricos de Portugal.
- Q. L. B. - A Quimera da Língua Brasileira.
- R. - Réplica.

- R. H. R. - Romance de um Homem Rico.
R. V. H. - Reflexões sobre a Vaidade dos Homens.
S. - Sermões.
Sab. - As Sabichonas.
Sat. - Sátiras.
S.N.S.M. - Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas.
S. P. - O Soldado Prático.
T. de J. - Trabalhos de Jesus.
T. I. - As Três Irmãs.
Tr. - Tréplica.
V.A.P.A.V. - Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira.
V.D.J.C. - Vida de D. João de Castro.
V. do A. - Vida do Arcebispo D. fr. Bertolameu dos Mártires.
V. D. V. - Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso.
V. H. P. - Ventura do Homem Predestinado.
V. P. A. V. - Vida do Padre Antônio Vieira.

APÊNDICE III

"CORPUS"

EXTRATOS LITERÁRIOS DE OBRAS DE CLÁSSICOS DA LÍNGUA, NOS SÉCULOS XVI, XVII, XVIII, XIX E XX, COMO ABONAÇÕES:

a) ACORDAR-SE = recordar-se.

ACORDA-TE de tua morte e não pecarás (H. Pinto I.V.C. II - 89) — agora encomendo eu muito a V.Mcê., me sófra como seu despertador e que SE ACORDE do prometido a Deus (Chagas C.E. 69) — a estatura soberba, o saio negro, o morrião, a negra cor das plumas, nenhum SE ACORDA de os jamais ter visto (Castilho N. do C. 22) de vê-lo SE ACORDAM (Garret Cam. 103).

b) APELIDAR = convocar.

APELIDARAM toda a companhia dos soldados que os judeus levavam para guarda, porque ninguém se atrevesse a querer defender o Senhor (T. de Jesus T. de J. II-168) — APELIDANDO em seu favor a terra toda (B. de Brito M.L. I-49) — tomada esta determinação, APELIDA toda sua terra, congrega a maior massa de gente (Castilho Q.H.P. I-110) a pátria convoca e APELIDA, em seu amparo e defesa, a todos os seus filhos extremosos (Latino E.C. 132).

c) APOSENTAR = alojar, dar aposento. APOSENTAR-SE = tomar aposento, alojar-se, estabelecer-se.

Quando ele já tornou, estava a corte APOSENTADA naquela cidade (Bernardim M. e M. 132) pesa-lhe que tão longe o APOSENTASSE das terras européias abundantes, a ventura (Camões L. c. VI^o e. I^a) tornando-se, APOSENTOU-SE com eles na cidade de Nazaré (T. de Jesus T. de J. I-148) — foi no melhor da corte APOSENTA-

DO como era, a seu valor, conveniente (R. Lôbo C. de P. 60) Luiz de Melo, com os seus, foi APOSENTADO no baluarte Santiago (Jacinto V.D.J.C. 164) — verão aquele íntimo secreto onde se APOSENTOU o Verbo Divino (Sacramento V.H.P. 209) ajuntai ainda as pretensões de sua família, muitos membros da qual SE APOSENTARAM já em minha casa (Filinto O.C. X-127) — não há julgá-lo doutro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana e dous filhinhos que APOSENTOU em Lisboa, num palacete de Belém (Camilo R.H.R. 98) nesta vasta quadra, onde a senhora Felícia, a nossa digna hōspeda, nos APOSENTOU, apenas se vêem quatro cadeiras de couro tauxiado (Herculano C.U.A. 226) uma hora depois estava o rapaz APOSENTADO num lindo quarto (M. de Assis H.S.D. 239) — APOSENTADO o Sr. Bispo, veio ter com ele o subdelegado do lugar (Silvério V.D.V. 245) mosteiro de S. Domingos, onde SE APOSENTARAM as primeiras figuras desta comitiva principesca (Antero L.T. 192).

d) ARMAR A = pretender, dispor-se a conseguir, procurar, visar, candidatar-se a.

ARMAIS A introduzir nesta prática quanto tendes lido nos prognósticos do vosso Arnaldo de Vilanova (Arrais D. 18) — laço, com que V.S.^a ARMAVA A suas maiores pretensões (F.M. Melo C.F. 24) — faltava-me arte de me salvar de sua astúcia que ARMAVA sempre A dar conta a seu amo da impressão que as cartas em mim faziam (Filinto O.C. XI-414) — é natural que o candidato inglês ARME A popularidade (Lisboa O.C. I-122) eu escrevi as confissões da minha vida toda, não para ARMAR A fama (Castilho M.U.M. 28) — esta é a verdade que vai francamente exposta neste livro de verdades, o qual não ARMA AOS aplausos dos portugueses, nem aos louvores dos compatriícios (Lêda Q.L.B. 29) o governo americano ARMAVA A aspirações políticas de imenso alcance (Rui F.P.R. 406).

e) ASSINAR = apontar, marcar, designar.

ASSINOU el-rei tempo limitado em que pudessem estar no reino (D. Góis C.D.E. 18) verdadeira é a diferença que Sêneca nas suas Epístolas ASSINA entre as enfermidades corporais e espirituais (Arrais D. 105) o Padre ASSINARA o dia e a hora de sua

morte (Lucena A.P. I-264) — depois de ASSINAR dia para as exéquias de seu pai (Sousa A.D.J.I-38) duas razões de sua repetição, ASSINOU o amado de Cristo (Bernardes N.F. III-126) — com novo e mais benigno influxo lhe trocou a vivenda, ASSINANDO - LHE por morada (já na corte) a casa do Noviciado da Companhia de Jesus (A. Barros V.A.P.A.V. I-276) e um dia ASSINADO, Herodes, vestido em traje real se assentou no tribunal (Pereira B.S. Atos cap. XII v.21) — a prosperidade ASSINA a cada um o seu quinhão de glória (Lisboa O.C. I-88) — até a estratégia naval tem que estar em atividade ASSINANDO aos navios ou às esquadras, as posições convenientes (Rui C. de I. 260) deixo aos leitores tomar o peso deste testemunho pelo lugar que lhe ASSINA entre os prelados do Universo (Silvério V.D.V. 347).

f) CALMA = calor prozudido pelo sol.

Outra muita variedade de regalos: uns para a CALMA, e outros para o frio (T. de Jesus T. de J. I-84) porque o fervor da CALMA é acabado, ergamo-nos e caminhemos (H. Pinto I.V.C. I-132) — para todos houve verão e inverno, frio e CALMA (F.M. Melo A. D. 30) em Sicília certo mancebo saíra, à prima noite, a banhar-se no mar, por despicar-se, com este refrigério, das CALMAS do dia (Bernardes N.F. I-477) — um dia, pois, que à sombra desejada se repousam, passando a CALMA ardente Fernando, um deles diz (Durão C. c. Iº e. 33) fatigado da CALMA, se acolhia junto o rebanho à sombra dos salgueiros (Cláudio O. I-33) — não podem erquecer-nos os nossos veneráveis irmãos, os R.R. párocos chamados a suportar conosco o peso do dia e da CALMA na cultura da vinha do Pai de família (Seixas C. das O. I-5) os ramos sequiosos como que se penduravam para aplacar os ardores da CALMA (Rebêlo C. e L. 162) muita CALMA, hem? é de frigir ovos (Herculano M. de C. II-97). ENCALMAR = esquentar; abrasar (o sol): o ardor da sesta ENCALMA os gados e emudece os campos (Filinto P. 173) — estavam ENCALMADOS pela força do sol (Silvério V.D.V. 6) DESENCALMAR = aliviar o calor, refrescar, refrigerar: El-rei os mandou também assentar defronte dele e mandava-lhes dar água às mãos para DESENCALMAREM porque, posto que fosse inverno, não deixava de fazer calma (Castanheda H. do D. I-60) — D. Cipriana DESENCAMALVA-SE com uma taça de hidromel (Herculano M. de C. II-164).

g) CASAL = casa de campo, vivenda.

Foi-se viver a seu CASAL, longe de Roma (H. Pinto I. V.C. II-4) não há gosto que chegue a semear terra minha e viver no meu CASAL longe da corte (Arrais D. 71) para que se veja como lhe pertence o CASAL, sobre que litiga com seu vizinho (Lucena A.P. II-99) — vendo-se o capitão Sisara desbaratado fugiu do campo, como qualquer particular soldado, tê dar em um CASAL, em que vivia Abner Cineu e sua mulher Jael (B. Brito M.L. I-71) estava fugida da peste em um CASAL que tinham no lugar da Torrugem (Sousa V.do A. I-17) — tenho próprio CASAL e nele assisto (Gonzaga M. de D. 1) — recolhia ao CASAL já noite (Castilho G.l. IIIº v. 187) vive em companhia da mãe em um CASAL, que lhe doou o seu protetor (T. Vasconcelos P.A.D. 263) — vêem-se, por entre latadas, branquejar CASAIS modestos (Antero J. em P. 17).

h) COMPADECER-SE = ser compatível, conciliar-se, harmonizar-se, ajustar-se, coadunar-se.

Com as consolações deste mundo, não se COMPADECEM as de Deus (Arrais D. 87) como se COMPADECE num mesmo tempo estarmos e correremos, ficarmos e passarmos? (H. Pinto I.V.C. I-25) — duas inclinações que SE COMPADECEM mal em um sujeito, como são disciplina militar e perfumes de gente que professa vida ociosa (B. Brito M.L. I-43) é tanto como essencial ao nome de Maria uma filiação divina, que não se COMPADECE com filiação puramente humana (A. de Sá S.N.S.M. 15) — nem esta tolerância, nem aquela ordem SE COMPADECEM com a asseveração de que os governadores gerais trabalharam por impedir as invasões dos paulistas (Gaspar M.H.C.S.V. 232) orgulho é esse que muito SE COMPADECE com a virtude (Filinto O.C. X-376) — em toda a parte a soberana potestade estabelece as leis que mais SE COMPADECEM com a sua utilidade (Latino O. da C. intr. CCIII) o pai de Tereza não embicaria na impureza do sangue do corregedor, se o ajustarem-se os dois filhos em casamento SE COMPADESSE com o ódio de um e o desprezo de outro (Camilo A. de P. 24) — ver matronas da primeira nobreza acarretar água, preparar a comida SE COMPADECE tão pouco com os costumes, que aqueles fatos reais se nos figuram cenas imaginárias (Silvério V.D.V. 327) verdade seja que esta maneira

de ver em crítica de arte não SE COMPADECE por forma alguma com o dogmatismo catedrático de Edouard Scherer e Ferdinand Brunetiêre (Silva Ramos P.V.F. 62).

i) CONJUNÇÃO = circunstância, conjuntura, ocasião, ensejo, oportunidade.

Se por seus feitiços e astrologia acham boa CONJUNÇÃO e hora afortunada no primeiro dia de setembro, naquele o começam (D. Góis C.D.E. 98) negócios grandes do reino, que Deus ordenaria que naquela CONJUNÇÃO se acumulassem (T. de Jesus T. de J.I-112) — é tempo de dizermos alguma coisa do que, nesta CONJUNÇÃO, se fazia pelos nossos naturais em Ásia (Sousa A.D.J. I-101) tal é pontualmente a circunstância e CONJUNÇÃO do tempo em que nos achamos (Vieira S. XI-106) oferecendo-se-lhe muitas ocasiões de se restituir, dissimulou esperando CONJUNÇÃO de o fazer com sossego (Arte 74) — nesta CONJUNÇÃO caiu o forte de Inhobi (Jaboatão N.O.S.B. II-74) — de folgar eram elas e sobradamente deleitosas naquela CONJUNÇÃO (Castilho Q.H.P. II-218) consequências que naquela melindrosa CONJUNÇÃO era necessário evitar (Herculano B. 179) esta era a CONJUNÇÃO favorável de Joaquim Luiz falar, ao pretendente de sua filha, em assunto de dote (Camillo T.I. 46) devem julgar-se os homens nessa especial CONJUNÇÃO da vida em que foram singulares no seu modo de pensar (F. Castro E.C. IV-147) — foi numa destas CONJUNÇÕES que o Sr. Bispo do Ceará, então seu companheiro, o encontrou (Silvêrio V.D.V. 307).

j) DISCURSO = decurso.

É razão que no capítulo seguinte trate algumas particularidades do DISCURSO da sua vida (D. Góis C.D.E. 8) que foi o nascimento de Cristo e sua morte e todo o DISCURSO de sua vida se não uma reprovação da falsa sabedoria do mundo? (H. Pinto I.V.C. I-67) — inda hoje a conserva, como diremos no DISCURSO da história (B. Brito M.L.I-48) veio o DISCURSO do tempo a abrir os olhos aos mouros (Sousa A.D.J. II-171) do que achava pelo DISCURSO do ano, se vestia e pagava as casas (F.M. Melo A.D. 92) — a cada passo que damos no DISCURSO da vida, se nos oferece um teatro novo (M. Aires R.V.H. 97) — apontaremos aqui a seu favor

o que no DISCURSO desta obra teremos ocasião de desenvolver mais largamente (Castilho Q.H.P. I-83) na margem direita do Tejo jaz assentada a fortaleza que depois, pelo DISCURSO de muitos anos, se chamou de S. Gião (Latino A. e N. 101).

1) DISCURSO = raciocínio, razão, cálculo.

Perguntando Anaxágoras, dum homem depravado e de fraco DISCURSO, quem era bem-aventurado, respondeu: não por certo quem tu cuidas que o é (H. Pinto I.V.C. IV-292) — porém logo lhe mostrou o sucesso quão errados são muitas vezes os DICURSOS do juízo humano (Sousa A.D.J. I-2) trouxeram para defender a cidade dous mil soldados pagos, que, com a milícia da terra, fizeram número bastante a defendê-los, conforme a seu DISCURSO (Jacinto V.D.J.C. 47) quem pelo DISCURSO humano presume esquadrinhar os juízos divinos, sonda o mar com uma bôia (Bernardes P.E. 239) — quais fossem os atos particulares de abatimento e humildade..... bem o infere o DISCURSO, ainda que os não pode individuar a notícia (A. Barros V.A.P.A.V. I-30) o sentimento privou-me do DISCURSO (Gonzaga M. de D. 197) a mais pura alegria é aquela que gozamos no tempo da inocência, estado venturoso em que nada distinguimos por DISCURSO, mas por instinto (M.Aires R.V.H. 144) — o que pede o bom DISCURSO é que, por um fato ser verdadeiro, não tiremos dele consequências mais gerais do que nele se contém (Castilho C.A. 155) — foi receber no Céu o prêmio de suas muitas virtudes, quanto podemos alcançar pelo DISCURSO humano (Silvério V.D.V. 32).

m) EMBORAS não só significa adeuses, despedidas (Naqueles quatro lenhos que soltam as velas em frente do Restelo, ante as copiosas lágrimas e os simpáticos EMBORAS de uma numerosa povoação, naquelas quatro galés vai a fortuna de Portugal e os destinos da moderna Europa (Latino A. e N. 78) mas também parabens, felicitações.

Os príncipes da Ásia com ambiciosas mensagens lhe deram EMBORAS da vitória (Jacinto V.D.J.C. 211) — senhor conde de Ourém, dignai-vos aceitar os sinceros EMBORAS, os parabéns do coração (Garrett Alf. de S. 152) os sonhos das noites me vinham todos povoados de inumeráveis e cordiais abraços, de EMBORAS, perguntas

e respostas de bons amigos (Castilho F. pela A. 138) ninguém lhe apertou a mão, dando-lhe os EMBORAS de sair vivo dos ferros (Camilo F.D.N. 86) — veio ter com ele certo sujeito e, entre EMBORAS pela distinção tão merecida quão pouco procurada, perguntou se seu condado era alguma povoação nesta província (Silvêrio V. D.V. 317).

n) ESTAR QUE, ESTAR EM QUE = opinar que, julgar que.

Também ESTAVA EM QUE tanto são as leis para socorrer os cidadãos, quanto o são para intimidá-los (Filinto O.C. IX-82) — com pequenas correções na forma, ESTOU EM QUE será útil e agradável a Deus e à Igreja (Rebêlo M.D.J. I-53) ESTOU EM QUE te há de tratar sempre muito bem (Castilho M.U.M. 251) se ele quisesse agora, em tão douto areópago, recitar qualquer coisa, ESTOU QUE mui bem pago ficara (Castilho Sab. 135) ESTOU QUE a beleza de Leonor não fascina ninguém (Camilo R.H.R. 223) sei que é bom e ESTOU QUE é sincero (M.Assis Q.B. 224) — ESTOU QUE, nem por ser de Latino Coelho, será das mais bem soantes a locução "nunca pôde" (Rui R. nº 43 pg. 26) força-me a gentileza da sua carta a estas confabulações, as quais ESTOU QUE ninguém lerá (Laudelino N.P. IV-21) refletisse Dr. Rui Barbosa e ESTOU QUE não seria tão iníquo como foi (E.C. Ribeiro Tr. 512).

o) FALECER = faltar.

Já a ela lhe ia FALECENDO a fala (Bernardim M. e M. 33) só me falece ser a vós aceito (Camões L. c. Xº e. 155) onde FALECE a graça, ainda que sobeje a ciência, não são os entendimentos tão claros, que não vivam às escuras (H. Pinto I.V.C. I-17) — não cuide o inimigo que o intento com que me ofereci, já me FALECE (R. Lôbo C. de P. 41) entrei em lugar da chapa que FALECIA e ficou tudo feito (F.M. Melo A.D. 83) — cobrem com seu amparo a outros literatos, a quem sobra em luzes o que lhes FALECE em cabedais (Filinto O.C. IX-384) — o espírito de meu pai desceu do céu e veio unir-se ao meu, trazer-lhe toda a força e virtude que FALECIAM numa criança (Garrett Alf. de S. 211) em vossas casas FALECE a prata e o cobre (Castilho F. pela A. 93) estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros pecados que me não FALECEM (Herculano L. e N. I-249) FALE-

.CIAM-lhe forças para o trabalho (Camilo R.H.R. 153) — FALECEM-NOS elementos para a constituição de um idioma (Lêda Q.L.B. 8) como vê o Sr. G.P., FALECEM regras absolutas, mas há normas mais ou menos seguras (Cândido F. e E. I-262).

p) FORTUNA = sorte, destino.

Tamanha pressa dava já a FORTUNA ao desastre (Bernardim M. e M. 60) mas se a FORTUNA tanto me sublima que eu torne a minha pátria (Camões L. c. VIIIº e. 68) magnânimo é quem sofre temperadamente a próspera e adversa FORTUNA (J. Barros Pan. 121) — pretendendo eles todos quebrar as forças do inimigo, com um desdém manifesto da FORTUNA que nestas suas mudanças se estava deleitando (Esperança Exc. 122) não dilatou muito, el-rei, o negócio a quem FORTUNA mostrava tão assombrado rosto (B. Brito M.L. I-75) — experimentou, aos doze dias, tão contrária FORTUNA que aos vinte e quatro de abril avistou ignorada terra e jamais sulcada costa (Pita H.A.P. 3) a mísera FORTUNA não maldigas, esposa (Cláudio O. 170) quem debaixo do açoite da FORTUNA aflito geme (Gonzaga M. de D. 98) — seja o que lembras, se a FORTUNA o aprova (O. Mendes E.1. IVº v. 113) um homem desterrado pela FORTUNA para além-mar (Castilho F. pela A. 112) iam dispostos a segui-lo, na sua boa ou má FORTUNA (Latino F. de M. 147) — não sei por que boa FORTUNA me coube o saudar-vos hoje (E.C. Ribeiro P.L.E. 189) faziam extremos de contentamento, por lhes haver sua boa FORTUNA deparado tal sacerdote (Silvério V. D.V. 58).

q) LIÇÃO = leitura.

Homens de engenho que pretendem abalizar-se no estudo das letras e na LIÇÃO das histórias antigas (H. Pinto I.V.C. II -83) bem mostra Antíoco, em quanto fala, seu claro engenho ocupado em LIÇÃO de bons livros (Arrais D. 5) — ocupava-se até pela manhã na LIÇÃO da Sagrada Escritura (Sousa V. do A. I-75) como os versos não sejam LIÇÃO própria de sisudos, mas de mancebos, damas e ociosos (F.M. Melo A.D. 367) o entendimento a deseje, para tirar o tédio da LIÇÃO dos livros (Botelho M. do P. 57) — caduco, pouco leio; os olhos negam à prolixa LIÇÃO o acume antigo (Filinto P. 131) — a LIÇÃO dos seus escritos nunca fora

vedada (Lisboa V.P.A.V. 211) costume era do homem alargar muitas vezes seu pensamento imerso na LIÇÃO dos nossos fastos (Castilho Q.H.P. 19) — educaram a faculdade da palavra na LIÇÃO de escritos estrangeiros (Rui R. n° 422 pg. 180).

r) LUSTROSO = ilustre, notável, esplêndido, apreciável, distinto.

Herdastes sobrenomes tão LUSTROSOS (Sá Miranda O.C.II - 47) com toda esta LUSTROSA companhia, Joane forte sai da fresca Abrantes (Camões L. c. IV° e. 23) — nunca a formosura é mais LUSTROSA que ao tempo que sem adornos se nos oferece (F.M. Melo A.D. 54) muitos foram os que se aproveitaram de tão LUSTROSA e honrada ocasião (S. Maria A. H. I-9) — tinham deixado as LUSTROSAS ocupações (A. Barros V.A.P.A.V. I-88) os seus moradores foram os que armaram aquele LUSTROSO e forte esquadrão (Jaboatão N.O.S.B. II-92) — aspirando incessantemente a cousas mais árduas e LUSTROSAS (Lisboa V.P.A.V. 7) Fr. Lourenço viu uma LUSTROSA companhia de cavaleiros (Herculano L. e N. I-246) Fernão de Magalhães começou a cursar os exercícios de guerra naquele grande e LUSTROSO teatro (Latino F. de M. 134) — ainda privado assim de tão LUSTROSA companhia, não me deslustrará a que me resta (Rui R. n° 191 pg. 99).

s) ORELHAS = ouvidos.

Esta fama as ORELHAS penetrando do sábio capitão, com brevidade faz represálias nuns (Camões L. c. IX° e. 9) vós sabeis que nenhuma cousa mais a vossas ORELHAS brada que meus males (T. de Jesus T. de J. I-106) só por este segredo podemos subir a ver aqueloutros maiores que viu o glorioso Paulo, que nem olhos viram, nem ORELHAS ouviram (Couto S.P. 10) — sendo-lhe tratado segundo casamento deixou de lhe dar ORELHAS muitos dias (Sousa A.D.J. I-2) — peçamos que te dê para ouvir, dócil ORELHA (Durão C. c. II° e. 29) e logo da França velha reconta o pobre peralta cousas que pescou de ORELHA (Tolentino Sat. 190) — foram censuradas algumas proposições com nota de serem umas contra o comum sentido católico, fátuas, temerárias e escandalosas; e outras, ofensivas das ORELHAS dos pios e fiéis católicos (Lisboa V.P.A.V. 209) — um grito desses soa às ORELHAS do crimino-

so, como voz de prisão (Rui C.L. 282) uma ORELHA delicada e atenta não deixa de perceber que há aqui a cadência e número de um verso hencécassílabo (M. Barreto N.E.L.P. 172) avisos para quê, se são mais as ORELHAS tontas que as prudentes? (Antero J. em P. 251) o conjunto não agrada a ORELHAS finas (Sá Nunes A. L. N. I-99).

t) PARRECER = semblante, feição, fisionomia.

Seu rosto e PARECER logo mostrava qu'este era o que mandava o grande mar (A. Ferreira P.L. I-194) se os homens usaram dos olhos do Lince reputaram por torpíssimo o corpo de Alcebíades, na superfície formosíssimo, e a bela cara e extremado PARECER de todas as mulheres (Arrais D. 115) a formosura e PARECER de Palmeirim trazia consigo o merecimento desta afeição (F. Moraes P. de I. 27) — além do PARECER gentil que há nela, vem de coradas rosas afrontada (R. Lôbo C. de P. 66) facilmente se conservaram nesta felicidade, se o bom PARECER de ua moça gentia não domara com sua força as muitas desta coluna do povo hebreu (B. Brito M. L. I-85) — muda-se numa criança de divino PARECER (Gonzaga M. de D. 61) — a compaixão se pinta no PARECER de todos (Garrett Cam. 17) o prior do Crato, apenas fitou a vista no PARECER de el-rei, adivinhou logo (Rebêlo C.L. 251) era sereno o PARECER do mendigo, como o de uma criancinha que dorme em seu berço (Herculano C.U.A. 103).

u) POLÍCIA = civilização, adiantamento, cultura, progresso.

Vês Europa cristã mais alta e clara que as outras em POLÍCIA e fortaleza (Camões L. c. Xº e. 92) os negros que viviam fora de toda a POLÍCIA, habitando as cavernas da terra, sem lei, sem justiça, sem direito humano levantaram templos a Cristo (J. Barros Pan. 170) todos, no bom ensino e POLÍCIA, parecem homens de corte (Lucena A.P. II-139) — vendo a povoação de Setúbal que, como fora a primeira, era a mais notável e de mor POLÍCIA que as outras foi correndo toda a costa ocidental da Espanha (B. Brito M. L. I-11) entregou grã parte da nobreza da corte que se alojou, separada do campo, em mui lustrosas tendas que não deviam nada à POLÍCIA da Europa (Jacinto V.D.J.C. 91) — a POLÍCIA daquela inculta gente é a mesma barbaridade (A.

Barros V.A.P.A.V. I-69) — uma só nação, para cuja grandeza contribuíra aquela com as virtudes ásperas da Germânia, esta com as tradições da cultura e POLÍCIA romanas (Herculano E.P. 4) — teve, especialmente a seu cargo, a POLÍCIA dos índios (Rui C. de I. 342).

v) SUCESSO = o sucedido, fato, acontecimento em geral, seja bom, seja mau.

.... Lamentando o triste SUCESSO da nossa perdição (F.M. Pinto Per. I-51) — foi o SUCESSO tão contrário aos portugueses e tornates, que ficaram mortos uns, e desbaratados todos (Sousa A.D.J. II-77) — SUCESSO tão lastimoso, andam as moças carpindo (Garção O.P. II-37) o que sua mulher e mais eu podíamos fazer era olharmo-nos, encobrir as lágrimas e fazer votos porque nos consentissem os SUCESSOS tornarmos a viver unidos (Filinto O.C. X-114) — queria mitigar, no ânimo da donzela, a sensação amarga daquele SUCESSO (T. Vasconcelos P.A.D. 167) tal era, em resumo, o estado político e moral da Espanha, na época em que aconteceram os SUCESSOS que vamos narrar (Herculano E.P. 8) correu a fama a contar os SUCESSOS pelas mil bocas da difamação (Camilo R.H.R. 97) vinte e quatro horas depois dos SUCESSOS narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo (M. Assis P. A. 53) — ponto por ponto, em todo meu ver e prever, me deu a mais estrondosa razão, o curso dos SUCESSOS (Rui G.G. 151) quando faleceu o Sr. D. Pedro IIº, os republicanos assustados pela repercussão dolorosíssima que, em todo o país, ia tendo o infausto SUCESSO, apedrejaram o jornal "Brasil" (Laet A.I. ano IIº nº 17 supl).

x) TRAÇA = plano, ardil, indústria. TRAÇAR = planejar.

Logo naquele mesmo dia se tomou conclusão, com todos os capitães, sobre a ordem que se havia de ter no acometer do castelo, de que o Jorge Mendes dava a TRAÇA (F.M. Pinto Per. II-11) — ele tinha TRAÇA para o salvar (Sousa A.D.J. I-180) os hereges antigos por TRAÇA e conselho verdadeiramente saído do inferno, trocaram as armas e lhe fizeram guerra por meio de mulheres (Vieira S. XI-52) não faltam aos reis TRAÇAS e modos para evitar danos (Arte 245) — ou fosse isto TRAÇA para total-

mente o divertir, ou atenção ao perigo dos temporais (A. Barros V.A.P.A.V. I-50) TRAÇANDO os invejosos e malquerentes maligná-lo com todos (Filinto O.C. IX-210) — no orbe entroná-la já TRAÇA e tenta (O. Mendes E. 1. Iº v. 26) foi TRAÇA da Providência (G. Dias P. II-234) a TRAÇA total da arquitetura é o Divino Arquiteto que tem escondida na sua mente (Castilho F.pela A. 185) preceitos que lhes impõe a TRAÇA geral da construção (Latino A. e N. 140) — aquela tragédia temerosa não fora mais do que uma engenhosa TRAÇA de seus educadores para amedrontá-lo (Silvério V.D.V. 8) de que TRAÇAS usa agora o Dr. Clóvis para a inverter em seu proveito? (Rui R. nº 437 pg. 186).

z) VOZ = vocábulo, palavra.

Ela, com tristes e piedosas VOZES saídas só da mágoa e saudade do seu príncipe e filhos que deixava assim dizia (Camões L. c. IIIº e. 124) — Santiago! VOZ é esta que em todo o tempo foi flagelo dos mouros (Sousa A.D.J. II-56) versos alguns de grande dificuldade pelo muito que afetaram VOZES peregrinas (F.M. Melo A.D. 336) — a filosofia (empreguemos antes outra VOZ que a ninguém assuste) a razão tem ensinado (Filinto O.C. IX-430) — alegre aos três a mão calosa of'rece rompendo nestas VOZES: desde quando cabe ao soldado pleitear combates? (G. Dias P. II-210) a educanda desmaiara de todo, mais das VOZES que lhe ouviu, do que da ferida que a ensangüentava (Rebêlo M.D.J. II-172) mas por que "abril"?! VOZ grega em lácia língua? (Castilho F. pela A. 105) — acode o Dr. Carneiro que não; que também "honorabilitas" era VOZ latina (Rui R. nº 126 pg. 61) (decesso) estará antiquado em lugar de morte, óbito, falecimento; mas eu gostaria de que o ressuscitassem, como fez com esta e outras VOZES menos consuetas, o prof. Ricardo Jorge (M. Barreto A.D.G. 120) construção fraseológica, em que tão conveniente se faz a harmonia resultante da boa disposição das VOZES (Laudelino N. e P. IV-28).